

Camões e José Índio

edições makunaima

Edição e Revisão

Rafael Souza Barbosa

Diagramação

Casa Doze Projetos e Edições

D395c

Denis, Ferdinand, 1798-1890

Camões e José Índio [recurso eletrônico] / Ferdinand Denis ; organização, tradução e notas de Rafael Souza Barbosa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Makunaima, 2014.

171 p. : il. recurso digital

Tradução de: Camõens et Jozé Índio

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-65130-12-7 (recurso eletrônico)

1. Camões, Luis de, 1524?-1580 - Ficção. 2. Ficção francesa. 3. Livros eletrônicos. I. Barbosa, Rafael Souza. II. Título.

CDD 843

CDU 821.133.1-3

0011/2014

Bibliotecária

Eliane Lemos

CRB:5866

Ferdinand Denis

Camões e José Índio

Organização, tradução e notas de
Rafael Souza Barbosa

Rio de Janeiro

2014



SUMÁRIO

Apresentação	6
Princípios e Critérios de Tradução	12
Rafael Souza Barbosa	
Camões e José Índio	16
Ferdinand Denis	
<i>Camões, Ode</i> [Raynouard]	83
Apêndice de Poemas Camonianos	90
Referências	129
<i>Que assi mereça eterno nome e glória:</i> a Narrativa Biográfica <i>Camões e José Índio</i>, de Ferdinand Denis	130
Rafael Souza Barbosa	

Apresentação

Camões e José Índio, de Ferdinand Denis (1798-1890), foi publicado pela primeira vez em 1824 e não foi reeditado. Apesar de sua proximidade com as literaturas de língua portuguesa, não dispunha anteriormente de tradução. Embora seja uma biografia ficcional de Camões, dificilmente é mencionado em qualquer estudo a respeito do poeta. Em suma, trata-se de uma narrativa que, se não foi completamente esquecida, não é suficientemente lembrada.

6

Produto do projeto “Ferdinand Denis: Historiador da Literatura, Leitor de Camões”, a tradução comentada de *Camões e José Índio* contou com apoio do CNPq e foi originalmente apresentada enquanto trabalho de conclusão de curso, com orientação da professora doutora Regina Zilberman. Essa primeira versão pretendia disponibilizar esta obra em português e restituir sua temporalidade. Para isto, levou-se em consideração tanto sua materialidade quanto as relações bibliográficas que estabelece. Dessa maneira, a tradução encontra-se acompanhada de notas e de comentários críticos, que procuram situar a narrativa para o leitor em relação a seus autor e tema.

A versão que se segue foi revisada e expandida; e divide-se em duas partes. A primeira contém a tradução para o português de Camões e José Índio, com seus paratextos originais. Acrescentou-se um apêndice de poemas atribuídos a Camões, citados ou referidos por Ferdinand Denis, a fim de facilitar sua consulta. A segunda parte contém um ensaio a respeito da ficção biográfica construída por Denis. Pretende-se, assim, não só fazer circular a obra, mas também assinalar sua relevância crítica para as literaturas de língua portuguesa.

Este trabalho contou com a colaboração direta e indireta de diversas instituições e pessoas. Foram consultados os acervos da Fundação Biblioteca Nacional; do Real Gabinete Português de Leitura; e da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujos funcionários dispensaram um atendimento cordial e eficiente. As contribuições bibliográficas de Cleonice Berardinelli; de Ilka Souza Lima de Azevedo; de Marina Machado Rodrigues; de Daniel-Henri Pageaux; de Francisco Alberto Torres Moreira; de Ana Beatriz Demarchi Barel; e de Sheila Moura Hue foram importantes para a realização deste trabalho. As sugestões de Beatriz Cerisara Gil e de Rita Lenira de Freitas Bittencourt, integrantes da banca da defesa da monografia, contribuíram positivamente na melhoria da tradução e de seus comentários. Este trabalho não teria sido possível sem a orientação competente de Regina Zilberman, que me permitiu enveredar na aventura biográfica de Camões a partir de Ferdinand Denis. A todas estas pessoas e instituições, o meu mais sincero e profundo agradecimento.

7

Rafael Souza Barbosa

LUIS DE CAMÕES: Porém, o livro não será diferente do que é.

*DAMIÃO DE GÓIS: A diferença estará nos olhos que o lerem.
E a parte que ficar vencedora fará que seja o livro lido com os
olhos que mais lhe convierem.*

DIOGO DE COUTO. E a parte vencida, que fará?

*DAMIÃO DE GÓIS. Ficaré esperando a sua vez de ler e fazer
ler doutra maneira.*

(...)

José Saramago, O que Farei com Este Livro?

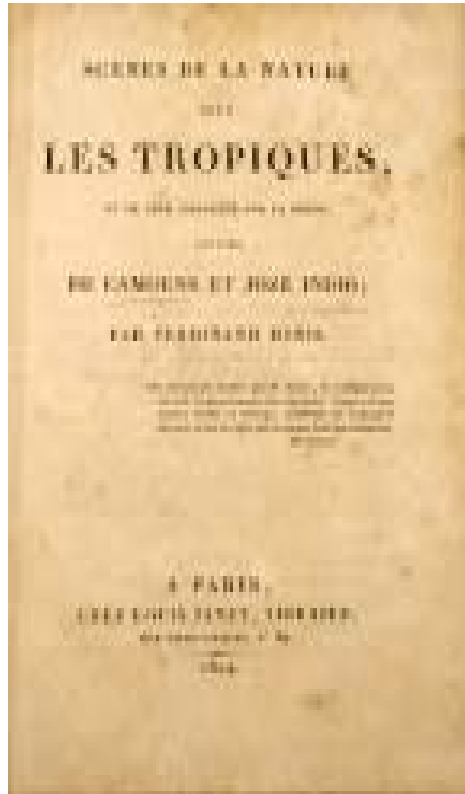


Lombada e capa de *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur Influence sur la Poésie, suivies de Camôens et Jozé Índio.*

Foto de Francielle Caetano.

Fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

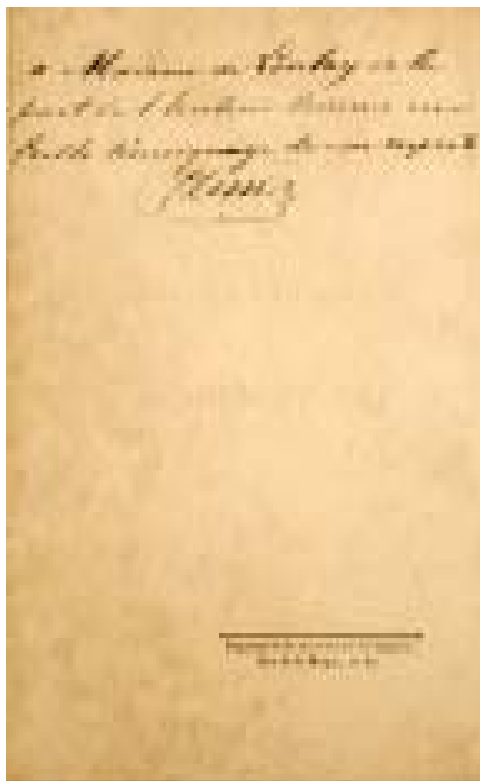


Frontispício de *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoëns et Jozé Índio*.

Foto de Francielle Caetano.

Fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Autógrafo do autor em *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoëns et Jozé Índio*.
Foto de Francielle Caetano.

Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Princípios e Critérios de Tradução

A tradução de *Camões e José Índio* foi realizada a partir da versão digitalizada do livro, disponibilizada pela Bibliothèqure Nationale de France. Simultaneamente, consultou-se a edição princeps na Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que possui três exemplares da obra. Os procedimentos dispensados no tratamento textual do original foram os seguintes:

1) Procedeu-se, inicialmente, à transcrição do texto em francês.

2) Durante a transcrição, foi feita a abertura de parágrafo a cada discurso direto, já que, no original, alguns deles estão dispostos contiguamente.

12 3) As notas de fim foram convertidas em notas de rodapé, integralmente transcritas do original.

4) Foram acrescentadas notas de rodapé com o objetivo de contextualizar nomes e referências, indicadas entre colchetes.

5) Foram ampliadas notas de rodapé já existentes com o objetivo de fornecer informações adicionais. A ampliação encontra-se entre colchetes, a fim de diferenciá-la do que é de autoria de Denis.

6) As traduções do autor de textos atribuídos a Camões foram substituídas pelo seu original em português, quando identificado. As dificuldades de identificação decorreram da existência de trechos entre aspas sem referência direta e de traduções de difícil reconhecimento. Os trechos não identificados foram posteriormente traduzidos do francês para o português.

O processo tradutório de *Camões e José Índio* foi realizado a partir de uma perspectiva semiótica em detrimento de uma abordagem exclusivamente linguística (BASSNETT, 2002). Assim, procurou-se entender como *Camões e José Índio* orga-

niza-se e quais relações estabelece, a fim de se propor soluções textuais que as assegurassem em português. No original, José Índio trata Camões por *vous* ao longo de toda narrativa; porém, quando o poeta falece em seus braços, trata-o por *tu*. Esta diferença de tratamento é bastante significativa em francês. No Antigo Regime, o emprego de *vous* era reservado a relações assimétricas, como a do vassalo em relação ao senhor ou a do filho em relação ao pai, enquanto o de *tu* podia denotar a intimidade de amantes após o primeiro beijo ou sob os lençóis (DARNTON, 2010, p. 26-27). A troca de *vous* por *tu* indica a mudança de postura de José Índio em relação a Camões, de reverenciadora a arrebatada e comovida. Não há, entretanto, formas de tratamento que estabeleçam diretamente estas relações em língua portuguesa. A solução encontrada foi empregar os pronomes pessoais *vós* e *tu* para assegurar esta diferença, tendo em vista obras em português do século XIX. Ainda que *vós* tenha caído em desuso e *tu* tenha emprego regional no português brasileiro atual, eles indicavam, respectivamente, um endereçamento adulator e uma relação de proximidade.

13

Ao cabo do processo tradutório, procedeu-se à revisão da tradução. Foram realizadas pequenas alterações que pretendiam adequá-la melhor ao português, tendo em vista o leitor. As principais foram:

1) A inversão entre sujeito e objeto e conseqüente alteração da voz verbal. Por exemplo, “o furor sucedeu o abatimento” ao invés de “o abatimento foi sucedido pelo furor”.

2) A redução de orações subordinadas adjetivas desenvolvidas. Por exemplo, “o leito banhado de lágrimas” ao invés de “o leito que havia sido banhado de lágrimas”.

3) O apagamento de resíduos de algumas estruturas enfáticas do francês. Por exemplo, “traduzindo” no lugar de “foi traduzindo”.

4) O apagamento de pronomes pessoais, especialmente quando expressos pela desinência verbal.

5) Ênfase na indeterminação de alguns substantivos por meio de sua pluralização e do apagamento de seus determinantes.

6) Substituição de alguns dêiticos pelo seu referencial quando houve necessidade de se desfazer ambiguidades, decorrentes do emprego em francês de pronomes que substituem constituintes da frase.



Foto de Ferdinand Denis
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

16 **Camões e José Índio**



Iluminura que antecede *Camões e José Índio*.

Foto de Francielle Caetano.

Fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Advertência

Um autor estimável disse sobre Camões: “Encontraríamos nos pequenos poemas do Homero português, em suas canções, em suas cantigas¹, submetidos ao trabalho de uma ávida erudição, a história quase completa de sua vida. Esse é, talvez, o único meio de iluminar a parte obscura de sua agitada existência, que um amor funesto, que o perdeu, como Tasso², preenche.³”

18 Traduzindo as diversas obras de Camões, invadindo-me do ardor que as anima e que lhes dá uma fisionomia muito particular, pensei seguir a ideia de Sané e reviver os infortúnios pelos quais passou o grande poeta, sem me sujeitar à forma rigorosa imposta pela história. Contudo, a narrativa que será lida não é inteiramente ficcional, a maior parte dos eventos narrados aconteceu, e o final é totalmente verdadeiro. O próprio José Índio não é um personagem inventado, é incontestável que ele assistiu Camões nos últimos instantes de sua vida.

Deixei o poeta falar todas as vezes em que pude; as aspas indicam trechos retirados de seus escritos. Eu me baseei, no que diz respeito aos principais eventos, na magnífica edição de Souza-Botelho⁴ e utilizei, no monumento erguido à glória do grande poeta, muitos fatos que não se encontram em nenhuma outra parte.

Ferdinand Denis

NOTAS

¹ [Preferimos traduzir *romance*, no original, por *cantiga*, já que é caracterizado, em uma entrada de “história literária – séculos XVIII e XIX” do *Le Petit Robert de la langue française* (2009), por “peça poética simples, bastante popular, sobre um tema sentimental”.]

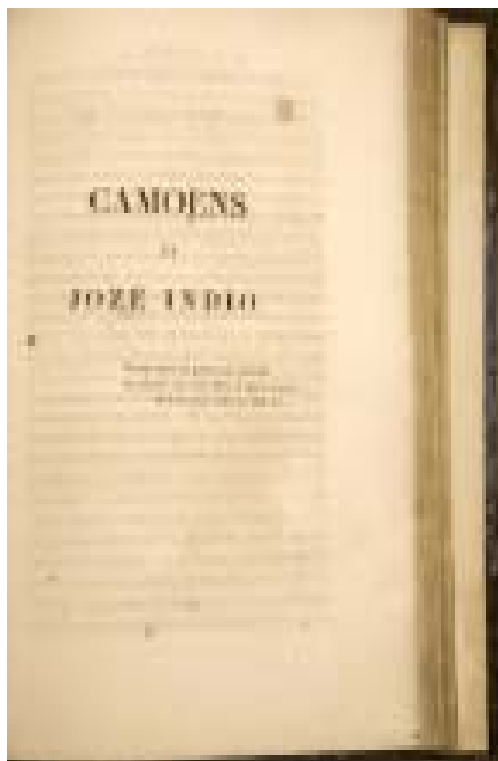
² [Torquato Tasso (c. 1544-1595), poeta italiano contemporâneo de Ariosto, é autor do épico *Jerusalém Libertada* (1581). Referências a ele são recorrentes em textos sobre Camões a partir do século XVI, principalmente no que diz respeito ao final de sua vida, marcada pelas mendicidade e miséria.]

³ SANÉ, Alexandre. Suite du Coup-d’oeil sur l’État de la Littérature en Portugal. In: *Mercure Étranger, ou Annales de la Littérature Étrangère*. Paris: Arthus-Bertrand e D. Colas, 1813, t. I, p. 272. [Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) foi um dos principais responsáveis pela divulgação das letras portuguesas em Paris na primeira década do século XIX. Envolveu-se em projetos editoriais e produziu artigos que possibilitaram a emergência da geração seguinte de lusofonistas franceses, da qual Ferdinand Denis faz parte. Por intermédio de Filinto Elísio, ele estimulou a reavaliação do legado camoniano na França, desprestigiado desde o século XVIII (SOUSA, s/d). É autor de *Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie de Plusieurs Essais de Traduction Française Interlinéaire et de Différents Morceaux de Prose et de Poésie, Extraits des Meilleurs Classiques Portugais* (s/d); foi também tradutor das poesias de Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio), *Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel* (1808).]

19

⁴ [José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão (1758-1725), Morgado de Mateus, oficial e diplomata português, é o organizador da edição monumental de *Os Lusíadas* (1817) a que Ferdinand Denis refere-se. Foi ministro de Paris entre 1802 e 1804 e instalou-se definitivamente na capital francesa em 1807, onde passou a atuar na difusão das letras portuguesas.]

20



Folha de rosto de *Camões e José Índio*. Foto de Francielle Caetano.

Fonte:

Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Camões e José Índio

Vereis amor da pátria, não movido
*De prêmio vil, mas alto e quási eterno*¹.
Os Lusíadas, Canto I

As águas do oceano agitavam-se há algumas horas em frente a Lisboa, gaivotas anunciavam a tempestade através de seus sucessivos gorjeios, quando, de repente, o vento irrompeu em fúria e ergueu ondas ameaçadoras. Um navio avançava em meio a esse espetáculo caótico; era o Santa Fé, retornando das costas africanas, carregado de riquezas, que os ventos impeliam aos horríveis recifes. Em vão, a tripulação lançava-se aos remos; o capitão mal podia ser ouvido em meio ao barulho das cordas, do rumor das águas e dos gritos de terror. Enquanto isso, o som retumbante do porta-voz golpeava o ouvido dos marujos em intervalos aterrorizantes em que a borrasca não parecia abrandar a não ser para se tornar ainda mais terrível; as velas são recolhidas, uma mão hábil toma o timão e encarrega-se de afastar o navio da paragem que tanto desejaram.

21

Entre os passageiros, havia dois que não compartilhavam o terror de seus companheiros e que pareciam indiferentes ao que se passava a seu redor, ocupando-se apenas da cena imponente e terrível que a natureza lhes oferecia. O mais idoso principalmente, que reconheciam por seu nobre semblante, por seus gestos plenos de grandeza, animava-se com um ardor poético ao ver as ondas furiosas chocarem-se contra a embarcação: era Camões, que retornava à pátria após dezesseis anos de ausência.

– Vede, dizia a um jovem religioso carmelita, que se mantinha, como ele, agarrado aos cabos que sustentavam os mastros menores, vede como as nuvens, acumulando-se acima de

nossas cabeças, fazem esgarçar a luz, como todo o oceano encoeriza-se mais e mais! Parece que a máquina do mundo não poderá resistir a essa horrível tormenta, e é agora, em meio ao embaite de todos os ventos, que a tempestade provoca suas ruínas, que nossa última vela vai se rasgar; as cordas agitam-se com um novo ruído; os marujos pálidos fazem retinir a melodia de seus gritos suplicantes; eles jogam tudo ao mar. Meu Deus! Nunca a divindade mostrou maior fúria, nunca o trovão caiu com maior estrondo.

Assim que concluiu essas palavras, um marujo, passando em sua frente, lançou-se aos remos e lhe disse:

– Vate da Lusitânia, por que não te encarregas de acalmar com tuas preces o céu, em cólera contra nós? Louva a Nossa Senhora da Ajuda e os santos para que nos protejam!

22

O poeta preparava-se para implorar a assistência divina; o jovem religioso rezava pelo o que os rodeava, quando uma manobra falha expôs a embarcação ao furor de uma onda imensa que cobriu, ruidosamente, com suas águas espumosas, todo o convés: ouvia-se apenas um urro, mas foi terrível, e, quando a água escorreu, viam-se todos os desafortunados navegadores prostrados à espera do mais atroz destino.

– Meus filhos, exclama Camões em voz alta, mantendo-se ainda em pé, próximo ao mastro principal, escapei ileso de tempestades, tudo me diz que reveremos nossa pátria.

Concluindo essas palavras, tomou o timão que um marujo abandonara, e sua nobre autoconfiança renovou a coragem dos marinheiros; os votos pronunciados mostraram que a esperança tomara o lugar do terror; apressam-se em obedecer a seu chefe; seus encargos logo obtêm êxito, e distanciam-se rapidamente dos recifes que tanto recearam.

Conforme se aproximava a segunda metade desse dia terrível, os ventos começaram a se acalmar, os trovões não mais

ecoaram, e eles singraram novamente em direção ao porto de Lisboa. Por vezes, viram no horizonte embarcações sem seus mastros e velas, que as ondas ainda agitavam: nesses instantes, ecoavam gritos de clemência, hinos de agradecimento, permanecia uma espécie de terror do perigo de que haviam escapado.

– É assim, então, disse o jovem religioso, que todos os homens regozijam-se ao ver afastar-se a morte. Eu sou o único que não sente a felicidade que se prova ao escapar do perigo.

– Amigo, de nada vale a felicidade de rever vossos conterrâneos?

– Ah! O que farei em Lisboa? Haverá apenas lembranças das richas de família que me exilaram, impedindo-me de me unir à única mulher que pude amar, e de quem tantos males tomaram a vida! O que poderei sentir vendo palácios, a magnificência que tantos outros vão admirar? Desprezei-os para me entregar à solidão; não voltaria a vê-los se vossa amizade não me trouxesse novamente à Europa.

Não demoraram a desembarcar, todos desejavam apressar-se para cumprir os votos feitos; mas José Índio, único estrangeiro em perigo, nada fizera; para além do céu, todos seus pensamentos eram de Clara, e, no momento de abandonar a vida, todos estavam voltados para ela: pensava apenas na felicidade de vê-la em um outro mundo.

– Eis-nos, então, disse a Camões, na poderosa cidade onde nasceste; para cá retornamos depois de longas viagens, e o mesmo semblante golpeia nossos olhares. Por toda parte, homens inquietos agitam-se defronte o porto onde cem navios exibem pomposamente seus brilhantes pavilhões nacionais. Insensatos! Parecem querer, deste ponto do mundo, invadir toda a terra. Todos querem deixar sua pátria, e acredito que em breve só estarão satisfeitos quando aqui empilharem todas as riquezas

da Índia. Camões, lembrai aquilo que me disseste um dia sobre o excesso de nossa ambição.

– Jovem, afastai vossos pensamentos melancólicos; sem nossas guerras e viagens, o mundo estaria privado do mais nobre exemplo, e Lisboa não ergueria, com tanto orgulho, suas torres soberbas. Mas vede, enquanto isso, como os homens olham-nos com espanto: parece, porque viemos de terras distantes, que estamos cobertos de ouro e seda. Desafortunados! Acreditam, em seu delírio, que não podemos ser vencidos por borrascas, e que a natureza é sempre favorável: ofereçamos a eles, então, um exemplo de avidez punida: que olhem nossos companheiros, ainda pálidos de uma desgraça que nunca se esquece, da perda do ouro do qual têm uma sede tão ardente.

24

Enquanto falavam, muitos habitantes reuniam-se em seu entorno e perguntavam quem eram aqueles que retornavam à pátria, ou se poderiam informar o destino de jovens que os haviam deixado.

– Meu filho teria a vossa idade, dizia uma mãe a José Índio; há oito anos ele partiu, e nenhuma alma caridosa ainda me deu notícias dele. Ele precisava, então, de vãs riquezas? Era-lhe necessário outra coisa além de meu amor? Dizendo essas palavras, enxugava uma lágrima... uma lágrima... que todos os tesouros da Índia não poderiam pagar.

Ao longe, a cena era muito diferente: eram amigos que se reconheciam, marujos que contavam suas aventuras e que pareciam rever-se como se tivessem partido na véspera; mercadores vinham expor aos viajantes tudo o que pudesse atrair seus olhares, mas, percebendo o desastre da noite anterior, afastaram-se imediatamente.

– Meus filhos, disse uma voz à qual estavam acostumados a obedecer, esqueceis-vos de Deus porque ele vos socorreu? Vamos agradecer à Nossa Senhora, e que cada um lembre-se

principalmente do próprio voto; não ficaremos para sempre em Lisboa, e, quando estivermos em alto mar, águas encolerizadas poderão nos lembrar de que é melhor não esquecer o prometido.

Imediatamente, quase todos os marujos tiraram seus sapatos e gorros, que os protegiam do sol escaldante; caminhando dois a dois, em profundo silêncio, avançavam em direção à Igreja de Nazaré, entoando ladainhas. A multidão observava-os com uma espécie de atenção caridosa, e mulheres uniam suas vozes às daqueles que agradeciam.

– Vede, dizia um, vibrando de alegria e sem ousar interromper a solene cerimônia, eis o marido de minha pobre irmã que lhe traz, ao menos, seu amor.

– Segurai-vos firme, dizia um outro, Pedro de Alcântara retornou, é o maior desgosto que poderia dar a seu velho pai.

Em poucas palavras, todos teciam comentários, e ninguém prestava atenção em quem deveria atrair o olhar dos portugueses, Camões, que acabava de legar seu nome à posteridade e que caminhava desconhecido.

25

Estavam próximos do templo, os cantos da multidão já se misturavam aos do padre quando José Índio aproximou-se de seu ilustre amigo e disse, suspirando:

– Camões, regressais com tranquilidade, mas eu recém passei em frente a um palácio cuja fachada trouxe-me tristes lembranças.

– O amor será esquecido, as lembranças serão afastadas; achais que nunca amei?...

Enquanto dizia essas palavras, entraram na igreja onde milhares de velas reluziam em todos os cantos, entre douraões e estátuas de prata com as quais João III ornara a maior parte das construções consagradas à religião. Todos se ajoelharam respeitosa e ao ver os desafortunados sobreviventes do naufrágio, e logo um hino de gratidão ecoou pelos arcos da igreja

onde, minutos antes, eram ouvidas apenas as frias preces dos que nunca tiveram o que temer.

José Índio, contudo, pusera-se novamente em pé, lançou o olhar em volta de si e segurou, com um movimento de terror, a mão de seu amigo.

– Olhai esta jovem dama, repleta da magnificência da corte, lançar, em direção ao altar, um olhar pleno de melancolia; para mim, temo vê-la; uma fatal semelhança... ou... engano-me...

Após um momento de silêncio sombrio, ele levantou lentamente seus olhos, que fixara no chão, como para questionar um segredo atemorizante, e tremeu novamente... sua mão estremeceu na mão de seu amigo; uma alegria súbita atravessou seu rosto. Estava prestes a emitir um grito cortante, a solenidade do lugar o impediu; Camões, adivinhando seus pensamentos, apertara em seu peito a cruz, que ele carregava sob a batina, e mostrara a multidão pela qual estavam rodeados.

26

– Ah! Ele disse, enfim, com a voz abafada, o maior dos sofrimentos é não poder lamentar-se em frente aos homens, é ser julgado culpado enquanto outros inspirariam compaixão. Camões, continuou com um tom de alegria e dor, sabeis pelo menos me compreender: ela vive, mas eu fui enganado; o claustro me chama...

Neste momento, a filha do marquês de Cascais afastou-se com um séquito numeroso; José Índio apoiou-se em um dos pilares do edifício, enrolou-se em seu manto e não pôde conter frágeis gemidos, que bem poderiam ser tomados por lamentos de uma alma arrependida, mas que exprimiam apenas o desespero mais funesto das paixões.

Ele ainda estava no mesmo lugar quando as preces foram concluídas; quando todos se afastaram, Camões aproximou-se e incitou-o a segui-lo, repetindo-lhe tudo o que seu coração pôde inspirar.

– Não é ela que vos enganou; não fostes vós que me repetistes, mais de uma vez, que recebestes a notícia fatal de sua morte enquanto seu pai atravessava, com ela, Castela? Ele, encolerizado contra vossa família e desejando não se unir a ela, usou sem dúvida um artifício odioso, e a violência de vosso desespero ajudou-o a obter êxito. Agora, José Índio, que a verdade vos foi revelada, é necessário recuperar toda vossa coragem. Admito que é assustador achar-se coagido pelos próprios sentimentos a repudiar um bem que traria a felicidade para toda a vida; ela ao menos vive; e essa sentença sozinha deve bastar para fazer-vos recuperar a coragem.

– Perdoai, meu amigo, um instante de fraqueza; minha alegria é, na verdade, mais viva do que meus lamentos, e agora devo reprimi-los.

Eles caminharam por alguns instantes, conversando, e, quando perceberam que a noite aproximava-se, decidiram pedir abrigo apenas para aquela noite em um convento.

27

Foram, então, bater à porta do grande convento dos franciscanos, mas tudo estava imerso em repouso, e o barulho da aldrava, ecoando no claustro, foi a única resposta que obtiveram.

– Não acordemos os bons padres, disse Camões, pois poderia custar-nos caro; os monges gostam, até certo ponto, tanto do repouso durante a noite quanto da agitação durante o dia; por acaso esqueceis que a natureza é meu domínio? As margens do oceano pertencem-me, lá podemos desfrutar do repouso sem que estranhos venham atrapalhar nossas meditações.

Persuadindo seu amigo, ele o fez atravessar a cidade até que chegaram à praia, perto do porto.

Tudo, então, estava calmo; os aquilões haviam parado de soprar, mas um vento fresco agitava, ao longe, o topo das árvores; por vezes, nuvens suaves, acumulando-se em torno da lua,

eram espalhadas pela brisa da noite, deixando entrever seu reflexo luminoso sobre o oceano tumultuado, partindo-se em suas águas argêntas.

– Como a solidão é tranquila, disse o poeta; quantas vezes desejei-a sobre meu rochedo deserto em Macau? Ficais em silêncio, José Índio, mas por acaso sabeis que não sois o único cujas lembranças dilaceram? Ainda jovem, sofrestes; mas eu sofri todo tempo de minha vida. Um pai ambicioso persuadiu-vos, devido a rixas de família e a interesses pessoais, que sua filha, por vós idolatrada, falecera; sucumbis ao claustro; cruzais os mares, correis riscos; mas, pelo menos, após tantas vicissitudes, reencontrais viva aquela que nunca esperaríeis rever. Tenho, em minha memória, lembranças mais cruéis do que as vossas; para contrapor-vos, tenho os maiores exemplos da perversidade humana. Sentai-vos, então, perto de mim, porque, para empenhar-vos a suportar vossas penas, ousou tirar do esquecimento eventos passados cuja lembrança desconcertante torna-me o mais desafortunado de todos os homens.

28

Se pude desfrutar de alguns instantes de felicidade, foi durante minha infância; se a tranquilidade contentou-se em ocupar meu coração, foi na época em que vivia perto de meu pai². Entretanto, logo parti, pois foi necessário, como a tantas outras crianças de Portugal, afastar-me de casa e procurar a ciência onde muitos homens doutos então a ensinavam. Cheguei à cidade de Coimbra, e lá meus desgostos começaram. Por toda parte, queria persuadir meu espírito e impeli-lo a acatar ideias vãs que não conseguia compreender; por toda parte, procuravam conter o ardor que me consumia e permitir-me apenas modelos que os outros seguiam. Ah, Coimbra! Revelavas a meus olhos eventos fatais, dignos de um novo canto, e teus campos invadiam-me das sensações que deviam atormentar Virgílio nos vales da Sicília. Eu visitava, sozinho, as margens do Mondego, e jamais

delas retornei sem que lágrimas cálidas banhassem minha face. Enganado por uma cruel miragem, via jovens vagar sobre suas encantadoras margens, colher flores e repetir o nome de Inês em meio a seus cantos³; mas logo o prazer esvaía-se, o eco do rio passava a reproduzir gritos de desespero, e a rainha daquelas planícies caminhava em direção ao cadafalso, as ninfas desapareciam.

Era assim que, imerso na solidão, tudo falava à minha imaginação, tudo na natureza reiterava que eu era poeta: queria viver apenas em campos e florestas; mas era necessário retornar ao jugo dos mestres e vê-los desprezar os pensamentos que me revelavam o que seria um dia. Muitos anos assim passaram; embora as musas não tivessem nenhum admirador mais fervoroso do que eu, minha inspiração ainda não era constante. Admirava todas as coisas sem poder celebrá-las com cantos dignos de memória; eu cantava o amor... ainda não o conhecia; suas belezas, que poderiam encantar minha alma, desbotavam em frente ao ser imaginário que criara para mim, e via-me sozinho no mundo, rodeado de pensamentos amorosos e de lembranças imponentes. Eu não possuía nenhuma outra riqueza quando cheguei a Lisboa, mas lá já conheciam o jovem estudante de Coimbra, e apresentei-me à corte do soberano onde fui bondosamente acolhido.

Os reis anteriores encarregaram-se rapidamente da glória de nossa nação; Lisboa possuía, desde então, a aparência de uma cidade poderosa. Por toda parte, espíritos atormentavam-se com a ânsia das descobertas; lembravam-se com entusiasmo de D. Henrique que, abrigado nas margens do oceano, meditava solitariamente a conquista da África e construía numerosas esquadras para conhecer esse vasto país que nos devolvera tantas vezes homens vitoriosos. Afonso, chegando ao trono, reprimira por algum tempo o gênio da nação; mas, sob o reinado de João II, tudo despertara como de um sono profundo; o Cabo das Tor-

mentas fora descoberto, a Índia oferecia-se a nosso olhar ambicioso. Sob o reinado de Manuel, estabelecêramo-nos em um outro hemisfério, cruzáramos o cabo da Boa Esperança; foram subjugados Sumatra, Goa, Pegu; e mil navios descarregaram em nossos portos as riquezas do Oriente. Todo o universo parecia conspirar para embelezar a corte do rei D. João III; o indiano enviava seus ricos tecidos e brilhantes pedrarias; o africano trazia seu ouro e marfim; o brasileiro selvagem ainda ignorava as riquezas que possuía, mas seus presentes não eram menos preciosos, suas plumas estonteantes e seu corante magnífico já embelezavam os palácios de Lisboa.

30

Tais riquezas, o exemplo do Oriente, a vida errante dos homens que abriam mão do prazer pelo ardor que demonstravam em suas conquistas, tudo era acumulado para fazer da corte uma estada de luxo e cortesias; eu procurava, em vão, entre as belezas que compunham seu mais belo adorno, uma mulher como aquela à qual a minha imaginação dera forma, e conservei, por algum tempo, minha independência. “Quem pode livrar-se por ventura / Dos laços que amor arma brandamente?⁴”, certo dia cantava meus versos: uma bela jovem dignou-se a sorrir-lhes, e suas palavras encorajadoras inflamaram minha imaginação de um ardor completamente novo e resolvi, desde então, consagrar-lhe minha vida. Ai de mim! O destino fizera-a nascer em meio a grandezas, ao passo que a fortuna nada queria me conceder. Entretanto, ele soube distinguir-me e acolheu meus votos. Ah! Não era apenas sua beleza que me encantava, era ainda “Um mover de olhos, brando e piedoso, / Sem ver de quê; um riso brando e honesto, / Quase forçado; um doce e humilde gesto, / De qualquer alegria duvidoso; // Um despejo quieto e vergonhoso; / Um repouso gravíssimo e modesto; / ha pura bondade, manifesto / Indício da alma, limpo e gracioso; // Um encolhido ousar; ia brandura; / Um medo sem ter culpa; um ar sereno; /

Um longo e obediente sofrimento: // Esta foi a celeste formosura / Da minha Circe, e o mágico veneno / Que pôde transformar meu pensamento.⁵"

Ela recusava diariamente homenagens de muitos cortesãos sem se preocupar em tornar a recusa uma virtude; ela parecia adivinhar a apreensão que me causaram seus numerosos sacrifícios e dispensava continuamente o mesmo cuidado para esconder-me as ofertas impressionantes que lhe faziam, que outras usariam habilmente para serem notadas. Meu amor, ai de mim!, era puro como quem o fizera nascer; não ousava lutar por sua mão, mas desejava fazer-me digno dela. Bela Ataíde, dizia-lhe algumas vezes, provocais o orgulho de quem nunca deveria senti-lo. Desde que vos dignastes a aceitar meus cantos, uma nobre audácia me conduz; quero ver combates para celebrá-los; quero cantar a glória do que eu poderia conquistar. Ah! Seria doce para mim dar-vos o elmo de cavaleiro rodeado pelas coroas de poeta! Agora que alguns anos passaram, posso reconhecer, José Índio, escutando-me falar assim, que uma lágrima escorria de seus belos olhos, um suspiro permitia-me entrever quanto a glória com a qual desejava cobrir-me causar-lhe-ia desgostos.

31

Embora meus votos não fossem temerários, meus cantos foram, sem dúvida, indiscretos; a encantadora Ataíde mantinha alianças com as mais nobres famílias de Portugal e era parente próxima do conde de Castanheira; tornaram um crime eu ter notado seus encantos, e meu amor foi punido com o exílio⁶.

Enviado ao Ribatejo, nas margens de um pequeno afluente que deságua no Tejo, não demorei a sentir o que minha situação tinha de cruel. Como um poeta famoso da antiguidade, afastavam-me de tudo o que podia trazer-me a felicidade, mas eu era menos culpado do que Ovídio, e minha punição era quase tão terrível quanto a dele. Abatido pela melancolia, subia, a cada manhã, uma colina e, de lá, lançando meu olhar sobre rochedos

selvagens, via tristemente as ondas espumosas levando, para longe de mim, os barcos que seguiam as calmas águas do rio. “Ó fugitivas ondas, esperai! / Que, pois me não levais em companhia / Ao menos estas lágrimas levei. / Até que venha aquele alegre dia / Que eu vá onde vos is, contente e ledó.”⁷”

Em alguns outros lugares, a solidão era menos triste; árvores balançavam suas folhas em meio a um campo coberto de ricas safras; mas montanhas azuladas demarcavam, ao longe, o horizonte, onde estavam continuamente meus pensamentos. Eu indagava, sem cessar, quem vinha de Lisboa: entrastes no vasto palácio do soberano? Conhecestes as damas que dele são o mais digno adorno? E meu coração palpitava violentamente se pronunciavam o nome da bela Ataíde como a que mais admiravam. Durante a estada na corte, em meio a tantos senhores cheios de si, eu soubera distinguir um homem do qual me tornei amigo; ele não menosprezou vir encontrar-me no Ribatejo e encorajar-me durante o infortúnio. Era o momento, ele dizia, em que podia realizar meus sonhos de glória, que ele me vira desejar em Lisboa, e valer-me do ardor poético que um amor desafortunado ainda apurava.

32

Nessa época, João III preparava uma expedição na África: os navios já estavam prontos, esperavam apenas ventos favoráveis, quando fui me apresentar ao capitão das esquadras. O sobrenome de meu pai e, talvez, a minha ínfima reputação fizeram-me ser aceito entre voluntários que procuravam a glória ainda mais do que honrarias. Parti; desembarquei em uma terra estrangeira, e foi então que pude ter uma ideia da terrível coragem dos africanos, defendendo sua pátria contra os ávidos estrangeiros. Celebrei mais de uma dessas batalhas, cantei seguidamente nossas vitórias, e os soldados entusiasmados repetiam, em meio aos combates, os cantos que me inspiravam nossos gloriosos feitos.

O destino pareceu favorecer-me durante algum tempo, saí de numerosas batalhas em que me destaquei sem sofrer ferimentos perigosos; mas, um dia, o navio no qual embarcara avançava pelo estreito de Gibraltar quando foi atacado pelos mouros. O combate foi deflagrado, as embarcações emparelham-se, e iniciamos a abordagem. Ah! meu amigo, que espetáculo horrível! Quanto sangue derramado! Eu era um dos primeiros combatentes; todos morriam a meu redor, todos sucumbiam ao ferro dos africanos; eu mesmo recebi o golpe funesto que me fez perder um olho; mas, nesse momento, teria preferido ficar inteiramente privado de luz. Os mouros mantinham a dianteira; por todos os lados, gritos de desespero ecoavam continuamente; queríamos fugir, mas víamos apenas o mar coberto de carcaças sangrentas, pronto para tragar novas vítimas. Esse espetáculo horrível, aumentando nosso desespero, reconduziu-nos ao combate: a morte era certa, queríamos morrer como bravos portugueses; a Providência não abandonou nossa coragem, ela conduziu nossos golpes, nós saímos vencedores!...

33

Os gestos do poeta, então, animaram-se, e virou o olhar em direção ao oceano, como se quisesse indicar o teatro de sua glória.

– Era, ele retomou, em meio a semelhantes eventos que continuava a minha obra; com frequência, eu cantava o amor, “Nia mão sempre a espada e noutra a pena⁸”; Ataíde estava sempre presente em meu espírito; ela me inspirava alguns dos versos que vos fizeram esquecer, dizeis, tantos males. Eu me tornara mais digno de suas bondades do que pudera ser até então e ansiava o momento de revê-la. Sem esperar que os céus concedessem-me semelhante felicidade, obtive da corte a permissão de retornar a Lisboa. Eu não era mais aquele ilustre Camões cujos méritos externos receberam; uma cruel cicatriz desfigurava-me, fora enegrecido pelo sol escaldante da África e perdera as graças

da juventude em meio aos esforços de guerra. Muitas ilusões também se afastaram de minha alma, mas mantinha todas as de amor, e logo foi necessário que fossem afastadas como as outras. Ataíde tinha por mim uma autêntica afeição; percebi mais do que nunca a distância que o destino colocara entre nós, pois o que havia feito servira apenas para me reaproximar dela sem me conceder a mínima esperança.

O que posso dizer, meu amigo? Atormentado continuamente por uma paixão fatal, vivi muitos anos na corte, sem poder obter as recompensas que meus esforços haviam assegurado, e que deviam, talvez, a minha coragem. Eu estaria, entretanto, disposto a sofrer em minha pátria se a calúnia e o ódio não tivessem unido-se contra mim para fazer-me detestar a estada. Um amor prolongado sem esperanças não nos possibilita mais do que impressões dolorosas e nos toma a força de resistir a outros males da vida: eu não encontrava em meu coração motivos suficientes para ficar perto de Ataíde; meus sofrimentos tornavam-na desafortunada, sem que ela tivesse coragem suficiente para dissipá-los.

34

Quis, então, ver as terras distantes que os heróis de meu poema atravessaram e decidi afastar-me para sempre de Lisboa, onde, até então, colhera apenas uma ínfima glória, sem ter gozado qualquer instante de felicidade.

Nessa época, deixava a primeira juventude; Ataíde parecia a flor que vemos após a borrasca; podia-se dizer que ela era bela! Eu ainda a amava com um vivo ardor, mas a amizade tomara nela o lugar de outros sentimentos. Ela se esforçou, é verdade, para não me deixar partir; ela derramou lágrimas: vi que não eram mais as de amor, que eu ainda vertia; e parti com um sentimento de dor profundo, que purguei em meus cantos mais melancólicos.

Assim, no meio do meu trajeto, estava em um isolamento

assustador e não encontrava qualquer consolo em minhas lembranças, como tantos outros homens. Com o espírito amargurado pela dor, deixava o Tejo e, como Cipião, exclamei em meu desespero: “ingrata patria, non possidebis ossa mea!”

Começamos a navegar sobre o oceano, e meu espírito transportava-me em direção a países desconhecidos onde achava que a felicidade devia estar esperando-me, pois a procurara em vão na Europa. O primeiro lugar em terra firme que se ofereceu a nossos olhares, onde os devaneios de minha imaginação poderiam realizar-se, foi a encantadora ilha da Madeira. Como meus olhos seguiam com deleite o declive das colinas, erguendo suas florestas até as nuvens! Com que entusiasmo vi aqueles rochedos, estranhamente talhados, avançando, no meio do oceano, e fazendo surgir, com suas formas irregulares, pórticos construídos pela natureza, que pareciam estar em meio às ruínas de Atlântida! Que solidão deliciosa deveria existir nessas montanhas, eu exclamava, que doce tranquilidade poderíamos encontrar em suas sombras! Ah! Era lá que eu iria para esquecer o amor, ou, melhor, celebrar seu poder através de cantos imortais.

35

Felizes habitantes desses férteis recantos, se quiséreis acolher um poeta que se exila, ele cantará tudo o que vos rodeia; uma coroa das flores que crescem sobre vossa feliz costa será a única recompensa que exigirá.

Vi ainda outros países onde quis passar o resto de meus dias, mas uma vaga curiosidade impelia-me constantemente a novas regiões.

Afastando-me, então, para sempre da Europa, logo coloquei entre minha pátria e eu uma distância na qual não podia pensar sem derramar lágrimas. Que país finalmente poderá conceder-me a felicidade, eu exclamava seguidas vezes! Uma espécie de fatalidade obrigava-me a deixar os únicos lugares que me permitiram ter esperança.

Quantas vezes amaldiçoei pensamentos insanos que me privavam da energia que apenas reencontrava em meio a vãs agitações; após os tormentos que minha alma recém experimentara, após os combates contínuos a que minha razão submetera meu coração, ficou-me um vazio assustador que podia apenas ser preenchido pelas cenas mais terríveis da natureza; era em meio a tempestades que sentia despertar minhas ideias; era em meio ao ruído de borrascas que cantava Vasco da Gama e seus companheiros. Foi certo dia que, contemplando águas agitadas e ouvindo o ruído dos ventos mais terríveis, o gênio de Adamastor ofereceu-se a minha imaginação como soberano destes vastos mares, como digno irmão dos antigos gigantes¹⁰.

36

Durante essa viagem, meus olhos contemplaram frequentemente a natureza em fúria, os elementos não me eram mais favoráveis do que a fortuna, e o navio no qual me encontrava foi o único que pôde escapar da borrasca.

Como se não devesse provar qualquer instante de repouso após cenas tão tumultuadas, procurava, desembarcando em uma terra hospitaleira, apenas novos perigos e combates ainda mais terríveis do que o dos elementos. O rei de Pimenta conquistara ilhas férteis de um rei poderoso; “fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.”¹¹

Não satisfeito em ter-me feito deixar minha pátria, o destino quis dar-me lamentos ainda mais amargos; descobri que um amigo, talvez o único que me restava, havia deixado de existir¹²: D. Antônio de Noronha¹³ sucumbira aos golpes de um mouro, próximo a Ceuta.

D. Pedro de Mascarenhas¹⁴ era, então, vice-rei das Índias, e D. Antônio protegia seus conterrâneos do gênio dele, mesmo nos recantos mais distantes. Era necessário tomar dos africanos o império do Mar Vermelho, eu podia vingar meu amigo; não demorei a me juntar a outros guerreiros; mas nossa presença foi

inútil, os infiéis escaparam em frente a nossa esquadra. Fomos descansar um pouco no estreito de Ormuz: ele não era propício para dissipar meus desgostos. “Um seco, fero e estéril monte” e um mar furioso golpeavam continuamente meu olhar¹⁵. Quis perder nessa terra desolada, mais de uma vez, uma existência fatal e ressequida em muitos lugares diferentes. “Se de tantos trabalhos só tirasse / Saber inda por certo que algia hora / Lembrava a uns claros olhos que já vi; / E se esta triste voz, rompendo fora, / As orelhas angélicas tocasse / Daquela em cuja vista já vivi; / A qual, tornada um pouco sobre si, / Revolvendo na mente pressurosa / Os tempos já passados / De meus doces erros, / De meus suaves males e furores, / Por ela padecidos e buscados, / Tornada (inda que tarde) piedosa, / Um pouco lhe pesasse / E consigo por dura se julgasse.¹⁶”

Ai de mim! meu amigo, não tinha nem mesmo o consolo, nesses lugares selvagens, de receber notícias de minha pátria e daquela que lá deixara: minha única distração era observar os povos que me rodeavam, examinar uma natureza nova, que desejava pintar em minhas obras, e lembrar a nossos soldados o que deviam ao belo nome de portugueses.

Cansados de permanecer em um país onde éramos inúteis, no retorno de ventos favoráveis, novamente embarcamos e, após uma difícil viagem, chegamos a Goa. Ah! José Índio, que assustadora mudança vi nessa cidade! O bravo Mascarenhas deixara de governar, e parece que todas as virtudes foram com ele deixadas de lado: ele fora substituído por Luís de Barreto¹⁷, que sempre desprezei por vê-lo consagrar-se à infâmia¹⁸, e que não sabia fazer notar sua odiosa presença a não ser pela traição, pela pilhagem e pela crueldade. Encolerizado à vista de todas as injustiças que se passavam em meu entorno, fatigado pela narração dos crimes que cometiam diariamente na Índia, não soube conter minha indignação e traçava com uma mão precisa o quadro fiel

dos vícios que sujavam a capital da Índia Portuguesa. Eu dizia em uma sátira: “Que dizeis duns, que as entranhas / Lhe estão ardendo em cobiça? / E, se têm mando, a justiça / Fazem de teias de aranhas / Com suas hipocrisias? / Que são de vossas espias? / Para os pequenos, uns Neros, / Para os grandes, tudo feros.¹⁹”

Eu não esperava o perdão dos monstros que expusera; contente por ter dito a verdade, esperava a retaliação à qual devia imprescindivelmente me sujeitar: logo soube que era necessário exilar-me da Índia assim como exilara-me da Europa. Visitei, primeiramente, as ilhas Moluco, e poder-se-ia dizer que o destino tinha prazer em me atrair a lugares aterrorizantes em que se testemunham as convulsões da natureza. Em Ternate, estava no meio de um país fértil, mas enormes rochedos entristeciam frequentemente meu olhar; o vulcão emitia seus horríveis sons; os campos eram iluminados, durante a noite, pelos fogos mais terríveis.

38

Cansado dessa triste estada, quis visitar Malaca; pensava que sua eterna primavera e seus risonhos arbustos dissipariam meus desgostos; lá encontrei, como em tantos outros lugares, apenas marcas da crueldade dos conquistadores. Entretanto, o céu proporcionava qualquer alívio a meus males; ele me fez re-encontrar, entre os escravos vindos das ilhas vizinhas, o negro cuja fidelidade me vistes tantas vezes exaltar e que, único entre os homens, conhece-me o bastante para nunca me abandonar...

Em todos os países onde pedira asilo, meus conterrâneos apresentaram-se a mim com o semblante pouco favorável; via, em todos os lugares, apenas soldados indisciplinados fazendo-se odiar por um povo desgraçado, e não temi encolerizá-los, mais de uma vez, através de meus muito austeros conselhos.

Decidi, enfim, partir para Macau: era uma cidade muito diferente das que percorrera. Lá, um povo poderoso acolheu-nos; pensei que sua antiga sabedoria nos guiaria e que ali encon-

traria homens como meu coração figurava; cheguei àquela terra de exílio, vi que não tinha enganado-me; algumas pessoas compreenderam minhas penas e souberam compartilhá-las: eu passava junto delas o tempo que podia furtar ao estudo.

Os versos de *Os Lusíadas* nos quais lembrais a pátria, eu os compus em uma gruta solitária. Experimentastes, como eu, os lamentos da ausência; não ignorais aquilo que se experimenta estando longe de seu país, mesmo quando lá se foi desafortunado. Ai de mim! A maior felicidade é estar só; a maior satisfação é a de não ver objetos que vos lembram uma terra estrangeira; sobre meu rochedo, olhava o oceano: o oceano banha os campos de Lisboa²⁰.

Passsei cerca de dois anos meditando continuamente, e esse foi o tempo menos doloroso de minha vida: a esperança de glória tomou o lugar da felicidade. Mas como se homens reunissem-se para não me permitir um único instante de descanso, logo fui encarregado de um cargo importante, pois Luís de Barreto morrera, e não ousavam crer que ele fora injusto: “empreguei todos os meus esforços para obter a estima dos meus conterrâneos e eu fui mais feliz nisso do que nos meus outros projetos²¹.”

Entretanto, ao cabo de três anos, não pude resistir ao desejo de rever Goa: Lisboa, sabeis, envia numerosos navios a seus portos. Esperava colocar-me mais a par daquilo que se passava em minha pátria, ou, melhor, não tinha forças para ignorar por mais tempo qual era o destino da bela Ataíde. Embarquei com alguns bens penosamente reunidos entre pessoas que acumulavam riquezas com muita facilidade; mas não imaginava que a natureza fosse compactuar com o destino para fazer-me perder o fruto de meus trabalhos. Navegávamos perto da costa da China: uma assustadora tempestade formou-se; fomos empurrados para os recifes que ficam nas margens da foz do rio Mecom, e o navio foi partido com estrondos. Em meio à cena de terror que

crescia, lancei-me sobre escombros, rejeitei as riquezas que um marujo agarraria e peguei *Os Lusíadas*, elevando-o com uma mão acima das ondas enfurecidas. “Este receberá, plácido e brando, / No seu regaço os Cantos que molhados / Vêm do naufrágio triste e miserando, / Dos procelosos baxos escapados, / Das fomes, dos perigos grandes, quando / Será o injusto mando executado / Naquele cuja Lira sonora / Será mais afamada que ditosa!”²²

Inspirado pela natureza e pela minha fatal situação, foi lá que ousei misturar meus cantos aos do rei David, e que ecos retumbantes retiniram lamúrias de mim arrancadas pelas desgraças dos povos²³.

40 Esperei por muito tempo, nesta região aonde tempestades lançaram-me, que um navio português viesse tirar-me do exílio: eu então empregava tanta energia para reaproximar-me de minha terra quanto a que um dia empreguei para abandoná-la; senti que as recordações da pátria nunca se perdem: meus votos foram ouvidos. Um dia, notei uma embarcação que singrava os mares e avançava majestosamente em direção ao lugar onde morava: mesmo desgraçado, não era desconhecido; receberam-me com alegria entre os passageiros, e navegamos em direção a Goa.

D. Constantino de Bragança²⁴ acolheu-me dignamente, e eu tinha nada do que reclamar, como se um homem tão desgraçado quanto o que fora pudesse encontrar na própria alma a força de experimentar a felicidade. Enquanto isso, incitava a alegria de meus amigos por meio da mais risonha acolhida, por meio das mais vivas medidas. Fala-se em Goa, ainda hoje, do famoso banquete no qual os convidados do poeta foram recebidos com alguns versos, ao invés dos cumprimentos usuais, que lembravam os encantos da amizade e a felicidade de experimentá-los juntos²⁵. Ai de mim! A calúnia não me deixou aproveitar, por muito tempo, o repouso que experimentava. O conde de Redondo²⁶ sucedera meu protetor: acusaram-me de ter adquirido junto a

ele, por meios ilícitos, os poucos bens que possuía em Macau: este homem era fraco; fui jogado na prisão. Eu traçava, sobre as paredes de minha cela, as lamúrias que me provocavam essa injustiça. Eu acusava sem trégua o destino, que me conduzira através de tantos países para desfalecer entre meus conterrâneos. Mas era em vão. Eu exclamava, com raiva, pensando na honra, na liberdade²⁷: “Que tormento mais cruel existe do que se lembrar durante os males de um bem que se perdeu!” Entretanto, não deixei de repetir aos meus inimigos: julgai-me; eles me julgaram enfim, minha inocência foi revelada, e a vergonha foi de meus acusadores.

Os numerosos amigos que adquirira reuniram-se para acabar com o cativo, que credores ávidos queriam prolongar ainda mais. Saí de minha triste morada; vi que isso era um bem maior do que todos os outros: cantei a doce liberdade. Estes momentos de satisfação, que aproveitei por algum tempo, como um relâmpago, logo desapareceram; soube da morte da desditosa Ataíde. Não saberia expressar-vos agora o quão dolorosa foi a melancolia que me tomou; eu perdia uma amante que ainda amava; uma amiga na qual colocara todas minhas esperanças. Em meu atemorizante desespero, acreditei vê-la; chamava-a sem cessar; suplicava-lhe para escutar-me; mas ela desaparecia com uma sombra vaga, e eu exclamava: Alma minha gentil, que te partiste / Tão cedo desta vida, descontente, / Repousa lá no Céu eternamente / E viva eu cá na terra sempre triste. // Se lá no assento etéreo, onde subiste, / Memória desta vida se consente, / Não te esqueças daquele amor ardente / Que já nos olhos meus tão puro viste. // E se vires que pode merecer-te / Algia cousa a dor que me ficou / Da mágoa, sem remédio, de perder-te, // Roga a Deus, que teus anos encurtou, / Que tão cedo de cá me leve a ver-te, / Quão cedo de meus olhos te levou.²⁸

Não tinha forças para sobreviver por mais tempo àquela

que tanto me fizera sofrer; decidi pegar em armas para, ao menos, ser útil a minha pátria, sacrificando minha vida. Servi durante algum tempo entre os voluntários da Índia, vi novos lugares, experimentei novas desgraças. Mesmo sendo de sofrimentos contínuos, o tempo provou-me que dores intensas enfraquecem.

Concedemos um instante de paz aos povos vizinhos; parei de guerrear e pensei que o tumulto dos acampamentos não convinha mais a um homem que desejava empregar o resto de sua agitada vida para tornar mais dignos de Portugal os cantos que lhe consagrara. Nada me prendia mais à Índia, nada me prendia mesmo ao resto do universo; meu olhar virava, por vezes, em direção a minha pátria; mas, se sua glória fora-me sempre cara, novamente um sentimento de tristeza abatera-se sobre mim ao pensar em Lisboa.

42

Enganei-me, como tantos outros desafortunados, quanto ao que poderia aliviar meu desgosto. A solidão, então dizia, é-me agora tão necessária quanto antes a agitação convinha-me: quis ver o que cantei; preciso agora descansar. Nunca pensei que a sorte não permitisse aos homens regozijar-se com a obscuridade, mesmo quando é o único bem ao qual aspiram.

Nesta época, Pedro de Barreto²⁹ acabara de ser encarregado do comando da fortaleza de Sofala, nas costas de Moçambique: ele me fez diversas ofertas para segui-lo e convenceu-me a acompanhá-lo, dizendo que a solidão absoluta seria nosso bem comum, mas que nós a embelezaríamos com os encantos da amizade. O nome de Barreto já me fora fatal: gostaria de ter resistido às promessas que me fazia; mas, se bem observei os homens, eles frequentemente me enganaram. Parti com meu novo companheiro e logo percebi que a amizade era para ele apenas uma palavra vã. Queixei-me por estar com um homem que não me compreendia: ele mal conhecia meu coração; ele apenas procurava em meus discursos uma vaga distração. Em Sofala, não

podia mais ficar sem meus versos; mas era estranho ao ardor divino que os inspiraram e não compartilhava nem mesmo a melancolia que os embelezava. Foi então que chegastes a meus pensamentos, D. Antônio de Noronha³⁰, D. Meneses³¹, fostes meus amigos, e meus desgostos eram então compartilhados.

Enganado e desesperado, desolado por ter apenas uma existência precária no declínio de meus dias, faltava pouco para que deixasse de viver. Ah! Eu dizia, errando sobre as margens da África e lembrando-me dos acontecimentos funestos de minha vida, “Oh como se me alonga de ano em ano / A peregrinação cansada minha! / Como se encurta, e como ao fim caminha / Este meu breve e vão discurso humano! // Vai-se gastando a idade e cresce o dano; / Perde-se-me um remédio que inda tinha; / Se por experiência se advinha, / Qualquer grande esperança é grande engano. // Corro após este bem que não se alcança; / No meio do caminho me falece; / Mil vezes caio e perco a confiança. // Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança, / Se os olhos ergo, a ver se inda aparece, / Da vista se me perde e da esperança.³²”

43

Eu escrevia, então, imitando o poeta Sannazaro³³, um árcade onde encontrava todos os pensamentos que, durante minha infância, os campos de Lisboa haviam inspirado-me; para aumentar meu desgosto, perdi essa obra e suspeito que ela pode ter caído nas mãos de um certo Fernão do Oriente³⁴, cujos escritos são até agora ignorados. Assim, o destino perseguiu-me de tal forma que não me regoziquei nem mesmo com o único fruto que esperava de meus trabalhos.

A resignação começava a entranhar-se em minha alma quando chegáreis a Sofala: encontrei em vós um amigo que eu podia consolar: encarreguei-me de esquecer meus males a fim de aliviar os vossos. Quisestes retornar à Europa, devorava-me o desejo de deixar lá minhas cinzas; mas a última vontade de um desafortunado não poderia ser atendida, se vós, se outros ami-

gos não me estendessem mãos compassivas. Pedro de Barreto ousou pedir um pagamento para deixar-me entrar na África; Cabral e Silveira deram-lhe ouro; ele me vendeu como vendera a própria honra³⁵.

Sabeis o que nos acontecera desde nossa partida da África; encarreguei-me de reanimar vossa coragem, e, sucessivamente, vi que meus cuidados eram inúteis; agora, vossa desesperança não vos parece injusta? Ah! Se a bela Ataíde aparecesse novamente para mim, acho que despertaria de um pesadelo para começar a experimentar a felicidade. O vosso hábito, dizei, priva-vos de qualquer esperança: ah! para vós vale nada a certeza de revê-la, a felicidade de aliviar, um dia, como um verdadeiro amigo, seus desgostos, que mantém sua condição humana e que são tão inseparáveis da opulência quanto da miséria. José Índio, nem mesmo gozei da dolorosa satisfação de ouvi-la lastimar-se: ela sofreu, sem dúvida, pensando em mim, mas jamais vira o quanto eu era desafortunado.

44

O poeta, terminando essas palavras, pegou a mão do amigo e perguntou se ele não pagara o bastante, com uma vida agitada, pelo pouco de glória que a posteridade lhe atribuiria um dia.

– Mas me consola a visão de um espetáculo semelhante, disse, mostrando o sol que começava a elevar-se do meio do oceano: quando observo a vasta extensão dos mares, parece-me ver a glória singrar através de esquadras majestosas, indo levar a todo o universo o nome glorioso dos portugueses. Ah D. Sebastião! É a ti a quem agora pertence o dever de manter nosso renome; mas alguns imprudentes sonham com uma expedição em meio às areias escaldantes da África. Como a tantos outros europeus, será reservado a nós um triste destino! Sol, não aclares, então, estes horríveis combates, não permitas que um monarca cristão pereça entre os infiéis! Ó poderoso Rei! Se fores a esses lugares distantes, teus súditos te chorarão, talvez, durante séculos

inteiros sem conhecer as fatais circunstâncias de tua morte.

Ele ainda contemplou, durante algum tempo, em profundo silêncio, o mar que se acalmara por inteiro, e ele teria se abandonado, sem dúvida, a seus devaneios poéticos, caso seu companheiro não lhe houvesse implorado, diversas vezes, para pensar na partida.

Eles se encaminharam em direção à cidade e logo se encontraram no porto. O movimento contínuo e o barulho da multidão não puderam arrancá-los de seus tristes pensamentos; mas pensaram, enfim, que era necessário encontrar um asilo, pois não podiam descansar para sempre nas margens do Oceano. Retornaram ao navio que os trouxera para procurar pelo o que não havia sido lançado ao mar durante a tempestade. A fortuna do desditoso Camões nunca fora considerável; ele então nada possuía. Percebeu tarde demais que a precaução não era uma qualidade da qual podia dar exemplo, pois fizera, indistintamente, oferenda a Netuno de tudo o que lhe pertencia, sem dar-se conta de que as riquezas de um pobre poeta não sobrecarregariam a embarcação a ponto de fazê-la afundar, sendo melhor livrar-se de cargas maiores e da pesada artilharia do que de todo o resto. José Índio não pôde deixar de sorrir vendo Camões entrar no bote destinado a conduzi-los em terra firme, seguido de seu escravo, que carregava uma velha armadura e uma caixa repleta de preciosos manuscritos. .

45

– Aí tendes, precisamente, o suficiente para morrer de fome, ele disse; as musas não tratam melhor quem as serve do que os soberanos; mas vedes que não fui mais precavido do que vós, pois dei tudo aquilo que possuía a diferentes conventos de Lisboa.

Eles então deram ordens aos remadores para que os conduzissem ao porto, e o poeta, não obtendo sequer uma única palavra de seu companheiro, que parecia imerso em um deva-

neio profundo, começou a recitar algumas estrofes para celebrar a alvorada:

Já a roxa manhã clara / Do Oriente as portas vinha abrindo, / Dos montes descobrindo / A negra escuridão da luz avara. / O Sol, que nunca pára, / De sua alegre vista saudoso, / Trás ela, pressuroso, / Nos cavalos cansados do trabalho, / Que respiram nas ervas fresco orvalho, / Se estende, claro, alegre e luminoso. / Os pássaros, voando, / De raminho em raminho vão saltando, / E com suave e doce melodia / O claro dia estão manifestando. // A manhã bela e amena, / Seu rosto descobrindo, a espessura / Se cobre de verdura, / Clara, suave, angélica, serena. / Oh! deleitosa pena! / Oh! efeito de Amor alto e potente! / Que permite e consente / Que onde quer que me ache e onde esteja, / O seráfico gesto sempre veja / Por quem de viver triste sou contente! / Mas tu, Aurora pura, / De tanto bem dá graças à ventura, / Pois as foi pôr em ti tão excelentes, / Que representes tanta fermosura. // A luz suave e leda / A meus olhos me mostra por quem mouro, / E os cabelos de ouro, / Não iguala os que vi, mas arreda. / Esta é a luz que arreda / A negra escuridão do sentimento / Ao doce pensamento; / O orvalho das flores delicadas / São nos meus olhos lágrimas cansadas, / Que eu choro co prazer de meu tormento; / Os pássaros que cantam / Meus espíritos são, que a voz levantam, / Manifestando o gesto peregrino / Com tão divino som que o mundo espantam.^{36"}

46

Transportados por uma harmonia nunca antes ouvida, os botes pararam de repente, e tentaram escutar atentamente: corpos inclinados para a frente, mexendo com dificuldade os remos, pareciam temer o desembarque. Já haviam chegado ao porto quando ambos olharam-se, com um sorriso de surpresa: em um instante, o bote foi descarregado; mas os remadores em seguida retornaram, sem pedir o soldo que lhes era devido, e foi em vão que José Índio quis fazê-los aceitá-lo: eles lhe repetiram, com

entusiasmo, os últimos versos de seu companheiro e perderam-se entre as milhares de embarcações que cobriam o cais.

– Vede, disse Camões sorrindo, não é a poesia uma verdadeira riqueza? Enquanto estiver convosco, jamais tereis que temer os golpes da fortuna e podereis mesmo desafiá-los, caso meu gênio não me abandone.

Os dois companheiros de viagem pensaram, então, em encontrar acomodações. Por um motivo do qual não podia dar-se conta, mas que invadia seu inconsciente, José Índio encaminhou-se em direção ao bairro da cidade onde morava dona Clara; mas, passando em frente ao palácio de seu pai, olhou ao redor com inquietação e quis retornar. Afastou-se rapidamente, como se temesse escutar os conselhos que lhe dava a própria consciência, e parou quase em frente à casa de um antigo criado do marquês de Cascais. Esta simples habitação, que visitara tantas vezes durante os belos anos de sua infância, fora construída na extremidade dos jardins do palácio. Ele então entrou em uma sala baixa, no fundo da qual se via, perto de uma janela engradada, uma mulher, cuja aparência anunciava a decrepitude e que tinha um rosário na mão. Seus olhos estavam fixos sobre a imagem da Nossa Senhora, e seus lábios, que pareciam agitar-se mecanicamente, murmuravam preces cujo som vago incitava a introspecção. A chegada dos estrangeiros não a incomodara; sentaram-se sem ousar tirá-la de suas piedosas ocupações; ela não os via e continuou a manusear o rosário.

– Ah! ela disse, enfim, com um ar de profundo desgosto, É necessário que eu reze, por ele, a oração dos mortos: ele nunca retornará. Apesar de tudo que se possa dizer agora, enganaram-no, e essa traição provocou sua morte; mas eu, que o incitei a deixar a pátria para dissipar a própria dor, poderia eu crer que se tratava apenas de um fingimento cruel? Assim, então, pobre jovem, teus amigos ajudaram a te enga-

nar como os perversos que te odiavam.

– Pudesse vossa compaixão receber a devida recompensa, Rita, disse então José Índio. Uma palavra do que tudo pode traz quem julgamos os mais distantes.

A velha olhava-o, então, surpresa; seus olhos, que há tanto tempo expressavam apenas tristeza, brilharam de prazer; mas ela ainda não pudera reconhecer inteiramente quem lhe endereçava a palavra, e era, em alguma medida, o pressentimento da alegria que animava seu semblante. Entretanto, ao cabo de alguns instantes, tomou a mão de José Índio e olhou-o mais atentamente; lágrimas banharam sua face venerável; lançou-se de joelhos em frente à imagem da Nossa Senhora à qual pareceu agradecer com o mais vivo ardor.

48 – Sim, meus votos foram atendidos, ela disse, abraçando o jovem que se esforçava para levantá-la, minha morte não será atormentada por pensamentos desesperançosos; dona Clara não me açoitará mais com seus desgostos.

– Ela, então, chorou pelo meu destino, disse José Índio, estremecendo; ela, então, compadeceu-se com meu infortúnio?

– Perguntais se ela derramou lágrimas! Ah! Pudésseis vós encarar, em minha memória debilitada pela idade, todas as que verteu em meu colo crendo-vos culpado. Eu deveria esconder-vos, mas, tendo sido atormentada pela lembrança de meus funestos conselhos, não tenho coragem; aliás, às almas virtuosas não se deve revelar tudo; o que faz os outros sucumbirem não lhe dá um novo ânimo? Conhecei, então, os lamentos dela, pois são o único bem que vos resta. Um dia, não podendo resistir à dor que exibia, eu a fiz conhecer por qual trama odiosa fostes enganado. Desde esse momento, houve menos amargura em seus lamentos, achando-vos inocente; em sua alma, houve menos dor, mas, assim como eu, ela não sabia do vosso ingresso na ordem... Meu filho, a ausência é como o tempo, tudo consola, alivia mesmo a desesperança...

José Índio parecia ainda escutar, mas o que acabava de lhe ser dito era apenas um ruído confuso que não alcançava seus sentidos.

– Assim, então, disse o poeta, a desgraça deixa de pesar sobre vós! Ah! Se eu alguma vez houvesse encontrado uma amante fiel, meus infortúnios teriam sido mais fáceis de suportar; é necessário consolar-vos como fiz; é necessário esperar que a idade reconduza à razão.

O jovem pareceu, então, sair da espécie de letargia em que estivera, e seus olhos, expressando as paixões que atormentavam sua alma, pareciam interrogar aquela de quem ouvia palavras de consolo. A velha logo o compreendeu e não lhe deu tempo de fazer a pergunta que prevera.

– Ai de mim! ela disse, se a religião não vos arrancar qualquer esperança de falar com ela, o que fareis com vosso amor frente ao poder de um pai que vos sacrificaria, sem arrependimentos, em nome de rixas de família e do respeito que tem pelos próprios ancestrais? Temei, principalmente, que ele vos veja. A velhice não mitigou seu caráter, e, com um só olhar, ele ainda faz tremer tudo o que lhe é subjugado.

– É necessário, entretanto, que eu a veja ainda hoje, mesmo que pereça. Pensais, Rita, que o sol escaldante da África aliviaria meu ardor? Acreditais que a desesperança atenuaria meu caráter?

– De jeito nenhum, respondeu, de jeito nenhum; os anos deram-me prudência, e não permitirei que caminhais a vossa perdição. Clara raramente vem me visitar, não posso fazer-vos gozar a felicidade de vê-la nesta casa onde passastes tantos belos anos de vossa infância; esperai até o fim do dia, entrareis nos jardins e podereis vê-la com facilidade, em meio dos salões do palácio, jogando com suas companheiras.

– A condição que ela vos impõe, disse Camões, não é tão

dura: pudera o destino não trazer mais terríveis!

Uma parte do dia já se passara, e, enquanto isso, José Índio contivera, com sofreguidão, a própria impaciência: era em vão que, por meio de sábios discursos, procuravam acalmá-lo; o lugar onde se encontrava trazia-lhe mil lembranças da juventude, e sua alma parecia uma chama ardente que devora tudo o que a ela se opunha. Quando a noite começou a surgir, sua agitação cresceu ainda mais; ele caminhava a passos precipitados, parava como tomado de terror, e seu olhar lançava-se com inquietação em direção às solitárias alamedas do jardim vistas ao longe; via atentamente o sol que fragilmente ainda se mostrava no horizonte; diriam que procurava acelerar seu caminhar demasiadamente lento.

50 Enfim, a escuridão espalhou-se por toda a natureza, e não foi mais possível controlar sua justa impaciência. Ele já passara o umbral da porta; já ia abrir caminho em direção aos bosques solitários, como um insensato, quando seu amigo convenceu-o a parar e a não se lançar com tanta pressa.

– Crede, disse-lhe, que deixo às vossas paixões o cuidado de vos conduzir? Meus conselhos não vos pertencem mais, assim como minha espada? Ide, ide, José Índio, há muito tempo consagrei à amizade o ardor que agora vos leva em meio a todos os perigos.

O jovem virou seu olhar terno para ele, lágrimas de gratidão resplandeciam; ele avançou, com mais calma, em uma das alamedas laterais do jardim; e implorou a seu amigo para esperá-lo perto daquele local afastado, enquanto se encarregaria de ver o que acontecia nos salões do palácio; mas Camões não quis concordar com a separação antes de garantir-se dos riscos que podia correr.

Plantado pelos mouros, o jardim do marquês de Cascais oferecia uma admirável diversidade de flores e de árvores preciosas.

Via-se, à frente do canteiro, leões de bronze, construídos sobre pedestais, lançando uma água límpida que caía em um vasto tanque. José Índio resolveu esconder-se ali e começou a ouvir sons vagos de alaúdes e de mandolins que saíam dos salões mais distantes e misturavam-se ao murmúrio das fontes e à cantoria dos convidados. As janelas ainda não estavam iluminadas quando, de repente, o barulho redobrou, numerosos valetes trouxeram muitas tochas, e o vasto salão consagrado aos prazeres logo se encheu de cavalheiros e de damas ricamente trajados. Os olhos de um amante não teriam dificuldades em distinguir aqueles que os cativaram há tanto tempo:

– Vede, disse ao seu amigo, estremecendo de prazer, vede como ela as supera em beleza; logo retoma com mais veemência: como todos os homens comprimem-se ao redor dela! Que homenagens lisonjeiras! Não, duque de Alcântara, conde de Meneses, ela não será vossa!... E sua mão colocou-se involuntariamente do lado onde se encontrava, anteriormente, sua espada... Ah! Eu respiro, continuou, seus olhos pareciam desprezá-los; mas ela não é insensível com todo mundo, ele disse novamente, com um tom de voz abafado: ela sorri ao duque de Almeida, aceita flores dele; com quanta ternura ele a olha... Vede este velho, cujo ódio é satisfeito: como se regozija com minha dor! Oh! Camões, Camões, ela não sabe o quanto soffro!

51

Neste momento, as danças formaram-se, flautas e oboés ecoaram seus sons altissonantes e cobriram o grito de dor que o desafortunado José Índio não pudera conter.

– Saíamos, ele disse, mas retornarei amanhã e então verei se sou o mais desafortunado dos homens.

No dia seguinte, ele esperou que a festa estivesse em curso para entrar nos jardins: envolto em seu manto, escondia um alaúde que servia, com frequência, para tornar encantador seu tempo livre, e cujos sons, suspirando, Camões escutara mais de

uma vez. Escondeu-se novamente atrás dos leões de bronze e suplicou a seu amigo para afastar-se um pouco. A noite estava triste, o vento sufocante, viam, ao longe, alguns relâmpagos passar as nuvens; a natureza parecia tomar parte na agitação do desafortunado monge. As janelas do palácio já estavam abertas para que pudessem aspirar o frescor da noite, e enxergava-se Dona Clara sentada entre suas companheiras, que animava com histórias plenas de jovialidade. Em meio a essa alegria tranquila, sons lamuriantes ecoaram fracamente, e ela estremeceu; mas os acordes cessaram de repente, e ela sorriu a suas companheiras, dizendo que o barulho do vento assustara-a. Entretanto, pela segunda vez, o alaúde fez-se ouvir: Clara empalideceu, não era mais um delírio de sua imaginação, ela ainda não adivinhava quem podia ser aquele que se encontrava tão perto dela, mas tristes lembranças percorreram sua alma, e seus olhos perderam toda a jovialidade.

52

– Ah! Disse uma de suas alegres companheiras, é difícil que este amante melancólico venha suspirar mais perto de nós; acho que sua harmonia some com o vento e que seu amor também é, assim, efêmero...

A perturbação de Clara aumentava, e podiam facilmente perceber o que se passava com ela.

– Vede, disse a condessa de Palmela, vede, ele não tem culpa por não ser fiel, seus acordes não produzem um grande efeito?

– É o Almeida, disse uma, reconheço os sons do alaúde.

– Então os ouvistes com frequência? Disse a bela Maria.

– É o conde de Meneses quem nos dá esta triste serenata, mas, minha querida Clara, dissipai vossos desgostos; nós o conhecemos, ele não experimenta a dor que esse instrumento tenta expressar; e com uma só palavra, aliás, acrescentou sorrindo, será fácil a vós fazê-la cessar.

Todos guardaram profundo silêncio, então, para escutar o músico, mas ouviam apenas o murmúrio da fonte que se misturava ao barulho do vento. A jovialidade desaparecera inteiramente, e fizeram vãos esforços para recuperá-la; logo as jovens afastaram-se, deixando Clara entregue à amargura de suas reflexões.

– Ai de mim! ela disse quando ficou sozinha, Ai de mim! Ele provavelmente deixara de existir, mas sua lembrança não me deixou, e seus acordes de tristeza deveriam ser inúteis para me lembrar o quão querida fui por ele.

Neste momento, uma nova cantiga ecoou; Clara, comovida, não pôde impedir-se de reconhecê-la, e lágrimas inundaram sua face. Arrebatada por um poder irresistível, vencida por lembranças antigas, como um relâmpago, pulou os degraus que conduziam aos jardins e encontrou apenas um religioso que estava a sua frente.

– Meu irmão, disse-lhe, com um tom de desespero, meu irmão, sois vós o encarregado de me trazer seus últimos lamentos? Ou, ainda, deveis vós me açoitai com suas últimas palavras?

– Ai de mim! Senhora, respondeu o jovem, com uma voz alterada, quando ele acreditou que tudo o que amava no mundo deixara de existir, quis também morrer; o destino não serviu a seus votos, e agora ele maldiz a própria existência...

Ele diz essas palavras, e os soluços impedem-no de prosseguir. Clara reconhecera-o, mas suas lágrimas não podiam misturar-se às de seu amante desafortunado, um profundo desfalecimento privou-a da sensação de suas penas.

José Índio toma-a em seus braços; ajudado por seu amigo, leva-a para a casa de dona Rita, onde os cuidados mais ternos são-lhe dedicados. Ela volta a si, e seu primeiro olhar lança-se ao homem tão ilustre que vê. Percebendo seus traços marcados pelo desgosto, o hábito que prova tamanho sacrifício, cai de joelhos e verte lágrimas calorosas.

– Clara, disse-lhe o jovem, levantando-a, é tempo de nos resignar; agora que vos vi, quero pensar nos deveres que o hábito impõe-me.

– Não! Ela retomou, não sereis o único que fareis ecoar, no claustro, vossos gemidos; se eu estiver separada de vós pelo resto de minha vida, que nosso destino seja o mesmo, que nossas tumbas confinem os mesmos arrependimentos.

– Ai de mim! Clara, não torneis minha dor ainda mais viva insistindo nesse fatal projeto: o que poderia mais desejar do que uma dessas lágrimas que recém vertestes? Quem poderia consolar-me de vos ter feito sentir os males que agora experimento... Ah! Continuou, mais resignado, não teríeis sequer um instante de felicidade, enquanto a providência reservara-me muitos. Os desertos da África não são repletos de desgraças que posso redimir? A solidão do Novo Mundo não se oferece a meu fervor?... Os homens não pararam de sofrer, e meus consolos não serão inúteis.

– Sim, disse Camões, ele irá a países distantes e disseminará sua generosidade; é vossa lembrança que o fará desafiar todos os perigos; em meio às areias escaldantes da África, perto do mouro indomável, é por vosso nome que ele libertará nossos conterrâneos; é vosso nome que pronunciarão, com ele, ao agradecer à divindade. Na Índia, no campo de batalha, ele irá socorrer os feridos, e dir-lhes-á: meu irmão, bendizei o anjo que me anima. Por todos os lados, adorar-vos-ão; por todos os lados, falarão de vós; e como seria ele desafortunado? José Índio, vossos olhos animam-se com um ardor divino, e vemos que sois capaz de provar a felicidade sublime que acabáreis de vos criar.

Clara, comovida com essas palavras, contemplava, chorando, o augusto semblante do poeta da Lusitânia; ela lançou, em direção a seu amante, olhares que pareciam interrogá-lo.

– Sim, disse o jovem, é ele quem me tornou mais digno de

vós; é seu exemplo que deve encorajar-nos; Camões sofreu antes de consolar!...

– Quem o ignora, disse Clara, quem não conhece seus cantos? Meu amigo, rezemos por ele para nos ajudar sempre: sinto que suas palavras trazem esperanças; como seu exemplo deve fazer-nos suportar.

Uma parte da noite passou com conversas semelhantes; essas três pessoas, tão compenetradas ouvindo umas as outras, não conseguiam separar-se.

– Meus filhos, disse a boa Rita, que os escutava em silêncio, vossas palavras são sábias, mas o tempo passa tanto para as boas quanto para as más ações: é necessário retirar-vos, poderemos rever-nos.

Essa esperança, com a qual José Índio não ousara contar, reanimou sua coragem; ele leu nos belos olhos de Clara que ela a compartilhava; seu olhar demonstrou-lhe gratidão, e ele se afastou menos dolorido.

55

De volta ao convento dos carmelitas, aonde fora para conseguir asilo para seu amigo, José Índio reafirmou a nobre decisão que tomara e, se esperava com impaciência o momento de rever Clara, era para comunicar a ela sua decisão; já se arrependia de ter perturbado o repouso que talvez nunca mais pudesse ter e mesmo sentia, com tanta força, o quão doloroso é estar privado de vida.

Seis dias já haviam passado, o tempo escorria lentamente para José Índio, e, enquanto isso, tristes mudanças começavam a operar-se em Lisboa: uma peste funesta, vinda das margens do Oriente, cujo furor alguns desgraçados sentiram, demonstrava, com terríveis sintomas, que iria devastar todas as camadas da sociedade³⁷. José Índio nada temia por ele, mas, se não podia mais controlar sua impaciência, as ordens de seus superiores o impediriam de se afastar; mesmo assim, seus pen-

samentos mostravam-lhe Clara constantemente exposta ao mais horrível flagelo. Que sofrimento! Durante uma semana inteira, as portas do convento foram abertas apenas para receber horribéis notícias, para lançar o espanto em todos os corações.

Enquanto isso, o flagelo continuou a devastar; o perigo é tão grande que deve ser coletivo. O monarca ordena a abertura de muitas casas religiosas, que o perigo fechara; o que para outros é um assunto de alarde, liberta José Índio e Camões do peso que os oprimia. Acostumados, na África, aos horrores da peste, eles se preparam para socorrer seus conterrâneos desafortunados; mas quem ama tem grandes deveres a cumprir, e o palácio do marquês de Cascais é o primeiro lugar aonde o jovem religioso leva o amigo. Dona Rita, vendo-os entrar, lança, sobre eles, seu lânguido olhar.

56

– Ah! Ela lhes diz, percorreis agora, sem parar, os vastos salões do castelo, se os mortos não os assustam.

José Índio empalidece; um olhar sinistro interroga quem o circunda.

– O anjo que nos consolava antecipou-me? Ele diz, lançando seu olhar em direção ao céu.

– Ela vos antecipou, talvez, em decisões generosas: tendo escapado, como por um milagre, do flagelo que nos desola, é vista levar a todos lugares seu consolo, e agora, se vós penetráreis no interior da cidade, vós certamente a vereis, pois ela é encontrada onde o perigo cresce. José Índio, eu deveria, talvez, esconder isso de vós, mas ela fala frequentemente de vós em suas santas ocupações; ela teme que a peste alcance-vos no claustro e tome-vos a força de ser útil a vossos semelhantes.

– Como?! Disse o jovem, ela assim se expõe, e eu ainda não estou junto dela!... Ela desafia a morte, e eu não a procurei

mais! Clara! Clara! É necessário muita coragem para renegar tanta virtude!

Assim falando, um novo ardor parece animá-lo. Camões, enfraquecido por ferimentos antigos, penosamente o segue; sua coragem é mais branda, seus sentimentos mais amenos, mesmo não tendo menos deles, fervoroso para socorrer os seres que sofrem. Viam-no percorrer, com o jovem religioso, ruas quase desertas: oferecem aos habitantes desafortunados bem mais do que um gélido consolo; é a piedade compassiva que solapa seus últimos instantes.

Eles entram, enfim, no asilo dos pobres, fundado pelo rei João III, é lá que todos os males parecem reunir-se, com a miséria, para oferecer um aterrorizante espetáculo de mortalidade. Os corredores, por todos os cantos, oferecem apenas os funestos cadáveres de quem mais nada têm a temer; uma calma atemorizante reina por todos os lugares, sendo interrompida apenas por alguns gemidos vindos das construções ao redor. Eles sobem escadas, atravessam salões, alguns habitantes corajosos acompanham-nos e querem compartilhar os perigos aos quais se expõem. Um triste murmúrio acolhe-os; homens páli-dos e desfeitos levantam-se lentamente para bendizê-los e logo caem, vencidos pela fraqueza. Rodeada de generosas companheiras, uma jovem mostra a eles unguentos e lança-lhes um olhar compadecido, que parece reanimá-los.

– Sim, disse um velho, amanhã não existirei mais, mas verei aquele de quem sois imagem e semelhança; bendirei vosso nome em meio da corte celeste.

Neste momento, o jovem religioso aproximou-se: não distinguuiu Clara de imediato, e foi compartilhando os cuidados de um desgraçado que se reconheceram.

– Meu amigo, ela lhe disse em voz baixa, vejo agora que a providência envia a quem favorece instantes de bênção desconhecidos ao resto da humanidade. Quem acreditaria que, perto deste leito de dor, em meio ao espetáculo que golpeia nosso olhar, eu agradeceria aos céus por não ter ainda encontrado a morte? José Índio, meus últimos instantes seriam muito terríveis se fosse necessário deixar a vida sem ter-vos revisto.

Um olhar acabara de dizer o que ela experimentava: eles continuam a avançar pelos vastos salões do asilo, oferecendo palavras de consolo aos que estavam atormentados pela dor; era um espetáculo digno de admiração vê-los esquecer o amor para compartilhar seus cuidados com tantos desgraçados.

58 Foi necessário, enfim, retirar-se; as portas do convento foram abertas para receber o jovem religioso e seu companheiro; eles demonstravam, no claustro, menos inquietude, mas talvez mais medo. Viram de perto algo de que podiam traçar apenas um débil quadro; e, quando começou a hora da prece, foi com um novo fervor que se juntaram a seus companheiros.

– Meu Deus, dizia José Índio, preservai-a e tomai a minha vida.

– Meu Deus, dizia Camões, salvai minha triste pátria, e que eu sucumba.

Os votos deles não foram atendidos. Na manhã seguinte, descobriram que a peste devastara terrivelmente durante a noite; foi necessário que os carmelitas sepultassem as tristes vítimas que sucumbiram perto do convento, e, apesar de seus votos e de sua terrível impaciência, José Índio só pôde vencer a distância que o separava do asilo nas últimas horas do dia.

Ele entrou no funesto asilo da miséria, mas então ninguém o seguia, nem mesmo seu amigo, cuja humanidade levava a outros lugares. Ele avançou, e ninguém o parou; após ter caminhado por algum tempo, chegou, enfim, perto da cama deste bom

velho, que a divindade parecia ter preservado e cujos sofrimentos tentara aliviar; ouvia-o atentamente, pois se pôs a suspirar, e algumas lágrimas umedeceram seus olhos enfraquecidos.

– Ai de mim! Meu filho, ele não é dado a quem parece ainda habitar os mesmos lugares. O velho, que se crê o mais próximo do túmulo, tem, frequentemente, de lamentar os seres que o socorreram... Meu filho, ele acrescentou, com um suspiro surdo, foi perto de mim que ela faleceu... vi este anjo que vos acompanhava afastar-se da vida; mas, o que digo? Eu a vi lutar contra a morte: poucas horas bastaram para raptar da terra tanta bondade. Ai de mim! Um mal impiedoso golpeou-a no meio das mais nobres ações... suas forças não eram superiores a sua humanidade como a sua coragem, e ela não resistiu por muito tempo...

Durante a narração, o olhar de José Índio colocava-se, desolado, sobre tudo o que o rodeava; fixou-o, enfim, sobre o velho, com uma assustadora imobilidade, repetindo as últimas palavras que acabara de ouvir; mas, à força de lembrar ao espírito a ideia assustadora que continham, pareceu compreender o próprio infortúnio; saiu, emitindo atemorizantes soluços, e seus passos conduziram-no para perto do convento que quiseram nunca ter deixado.

Foi então que a coragem abandonou-o inteiramente e que a razão dele se afastou. Em vão, queria ir à casa do marquês de Cascais, buscar vingança e abandonar a vida. Forçavam-no a descansar, e ao furor sucedeu o abatimento: uma longa febre tomou-o, e ele se tornou menos desgraçado. Em seu delírio, revia-a; mas teria sido necessário que a ilusão fosse eterna, e o tempo dissipou-a. Ninguém se ocupava dele; os sofrimentos de tantos outros justificavam essa indiferença; o único amigo que lhe restava, Camões, dividia seus cuidados entre ele e tantos outros que demandavam sua piedade. Quando o flagelo começou a dissipar-se, ele se reaproximou, e seus cuidados devolve-

ram-lhe a vida. Tão logo estava em condições de deixar o leito, banhado de tantas lágrimas, uma tristeza desoladora tomou o lugar da agitação que acabara de experimentar; não proferia uma só lástima; nunca pedia consolo. Um dia, apenas, disse a Camões:

– Entre todos os homens, vós sois o único digno de louvá-la; negar-me-eis eternizar sua memória?

– Eu a celebrarei, disse o poeta, unirei minha dor a vossa, mas, antes disso, irei gravar por vós, sobre seu túmulo, estes versos do divino Petrarca³⁸:

Questa anima gentil che si diparte,
anzi tempo chiamata a l'altra vita,
se lassuso è quanto esser dê gradita,
terrà del ciel la piú beata parte.

60 Após escutar essas palavras em um profundo silêncio, o jovem religioso ficou absorto, durante algum tempo, e disse:

– Não devo começar minha peregrinação? Não prometi atravessar a terra e levar aos homens os consolos que não pude experimentar? Parece-me que é tempo de cumprir minha missão. Ah! Por que, então, permanecerei aqui? Devo procurar prolongar minha existência na inútil ociosidade do claustro, entre homens que me olham como um insensato, porque nunca sentiram o que senti? Tal é minha fatal posição, que receio mesmo estar encarregado de nossa amizade; ela deixa de sustentar a coragem, Camões, quando não pode mais fazer vislumbrar a esperança, nem que seja de um tempo mais longínquo... Pareço-vos injusto, meu amigo, pago bem mal vossos cuidados e vossos consolos; tendes, novamente, benevolência, pois não poderei decidir afastar-me, se não pensar que vossos desejos me acompanharão em minha triste viagem; e, aliás, não me falarão de vós nos lugares que vou percorrer? Falar-me-ão de quanta resignação tivestes necessidade, de quanta coragem foi necessário ar-

mar-vos durante toda vida; e esses conselhos, que encontrarei em recantos distantes, não me serão inúteis.

– Parti, pois mais nada pode vos segurar entre nós, escapai de Lisboa, mas não esqueçais vosso amigo por muito tempo. Os anos e, ainda mais, os cansaços forçam-no a parar: ele vos acompanharia caso ousasse de novo mostrar, em terras estrangeiras, a face empalidecida no meio dos combates; ela atesta, simultaneamente, a ingratidão de Lisboa e meus trabalhos. Mas, doravante, esconderei as falhas de minha pátria, celebrando suas conquistas: nós nos reencontraremos, meu amigo, o tempo e as viagens terão, então, mitigado algumas de vossas penas; talvez assim que a glória tiver-me coroado com alguns louros.

Após este momento, o poeta começou a dar ao jovem religioso todos os conselhos necessários para guiá-lo em suas longas viagens; não quis mais morar no convento, retirou-se, com seu escravo, para mais longe, em uma casa isolada onde queria terminar o poema imortal que seria publicado alguns anos depois. Lá que José Índio foi, certo dia, despedir-se dele; ele partiu, com a esquadra da Índia, e teve tempo apenas de apertar, entre seus braços, o homem respeitável que amava como um pai. Mas, então, lamentou intensamente as próprias riquezas; pois deixaria Lisboa com menos amargura caso pudesse oferecê-las a seu amigo, cuja penosa posição previa.

Ele foi a bordo de uma das embarcações que iam procurar as riquezas da Ásia e que ofereciam a ela, em troca, apenas o ferro dos conquistadores. Quando, durante o curso de uma penosa navegação, ouvia marujos desejarem terra firme, ele exclamava, com amargura:

– Eles aí encontrarão, talvez, a felicidade; prefiro a visão das ondas; não é essa a imagem de minha vida?... Não conseguiram acalmar-se, o vento as abaterá sobre alguma margem distante...

Enfim, desembarcou na capital das Índias portuguesas; reconheceu a verdade do que lhe dissera Camões. Perto do fim do reinado de João III, os portugueses não possuíam mais o valor espantoso de quando eram conduzidos pelos Albuquerque e pelos Almeida: as guerras empreendidas na costa de Malabar e nas Molucas haviam acabado; não era mais o ardor das conquistas que os impelia, era o amor das riquezas, a avidez do ganho. Reunindo esforços, os príncipes da Índia juraram vencê-los; e sua coragem recebera a mais nobre das recompensas; viam-se, em grande parte, livres do jugo dos estrangeiros.

62 – Ai de mim! disse um velho guerreiro que José Índio interrogava sobre o antigo poder de seus conterrâneos, não estamos mais no tempo em que D. Constantino realizava, com um punhado de homens, a conquista da cidade de Daman; em que Luís de Ataíde subjugava a república de Bracalor. Em torno dessa época, seiscentos portugueses eram suficientes para defender a cidade de Goa dos esforços de Hidalcão, que a assediava com cem mil bárbaros seguidos de dois mil elefantes de guerra. Lembrais-vos do cerco de Chaul e do príncipe Moluco, obrigado a fugir após mais de nove meses de cerco, embora tivesse enviado, sob os muros dessa cidade, cento e cinquenta mil guerreiros, que combateram menos de mil portugueses sob o comando de Francisco de Mascarenhas: lembrais-vos de Jorge de Moura, de Antônio, libertando, com um punhado de homens, o forte de Onor, que uma rainha audaciosa defendia com seis mil guerreiros. O Samorim, cercando a fortaleza de Chaul, acreditou que ela retornaria a seu poder; Antônio, aliado a Diego de Meneses, fez com que ele percebesse que se gabava cedo demais do sucesso e que menosprezava seus cinquenta mil homens; bastavam duzentos de nossos conterrâneos a D. Leonis Pereira para resistir, em Malaca, ao rei de Achem, que vinha com duzentos navios e quinze mil combatentes; eles recuaram após ter perdido o filho

de seu chefe. Diego de Meneses era temido em toda a costa de Malabar; as cidades tremiam ao vê-lo; enfim, a maior parte dos reis do Oriente, quando se reuniam para caçar os audaciosos europeus postos sobre suas margens, viam-se forçados a fugir vergonhosamente. Testemunhei uma parte desses gloriosos eventos que se sucederam tão rapidamente; mas, repito, meu irmão, o luxo é o único fruto que colhemos de nossas conquistas: o luxo prepara nossa decadência.

José Índio não quis ficar mais tempo em um lugar em que se sentia inútil; percorreu um grande número de cidades: viu homens que os europeus desprezavam, pois não podiam compreendê-los, e que, entretanto, transmitiam-se, há séculos, ciências que seus conquistadores só conheceriam depois de muitos anos; mas, se a singular harmonia, que reinava nas instituições daquela nação inocente e que a impedia de adotar os hábitos dos estrangeiros, provocava-lhe espanto, surpreendeu-se ainda mais quando ela não soube submeter-se ao jugo dos muçulmanos e dos cristãos. Ele ficou, então, em meio a esses povos inumeráveis que preferiam sua longa servidão a uma guerra que teria sido breve. Essa escolha excitou sua compaixão; mas viu, com pesar, que haviam executado muito bem as ordens dadas a João de Castro, quando lhe recomendaram empregar meios mais rigorosos para extirpar a idolatria entre os gentios.

As cenas variadas que se passavam sob seus olhos bem podiam dissipar, por um instante, suas lembranças de Clara; mas ele as reencontrava sozinho, como se reencontra um sonho aflito que se quer evitar.

– O Tejo e o Ganges, ele dizia, entranham, em seu curso, parcelas brilhantes de ouro puro; que suas águas lancem-nas ao esquecimento, pois o esquecimento será quase a felicidade! Há apenas vós de quem eu queira me lembrar, ah Camões, vós que mal conhecem. Será que sabem que fazeis mais pela glória de

vosso país do que os tão admirados capitães do outro lado dos mares? Ai de mim! A fama, frequentemente, não sabe distinguir um grande homem; e reconhece-o apenas quando morre!

Passando rapidamente em lugares que seu amigo não visitara, José Índio procurava todos em que ele se hospedara. Após ter percorrido grande parte das cidades da Índia, entregando alguns prisioneiros, ajudando, com seus conselhos, aqueles que pareciam ter esquecido que o desgosto sabe atravessar os mares; após ter, enfim, incitado seus conterrâneos a cultivar, com os nativos, a terra fértil que devastavam há quase um século, retornou a Goa, onde encontrou uma carta de Camões: mais de dois anos haviam passado desde que fora escrita. Ela informava que *Os Lusíadas* fora impresso; que lhe concederam uma ínfima pensão; mas que a reputação ficava limitada àqueles que circulavam na corte, e que há muito tempo ele ignorava o caminho que conduzia para perto dos grandes.

64

– A posteridade será mais justa, disse José Índio, ela reparará as falhas do presente; que não faça reviver também o infortúnio que admira!

Nesta época, a parte da Índia ocupada pelos portugueses tornara-se, ao invés de domínio das ordens religiosas, um domínio de guerreiros; o amigo de Camões sentiu que se tornava inútil: havia oito anos que vagava de lugar em lugar; a lembrança de sua pátria agitava frequentemente sua alma com a mais doce emoção.

– Agora, ele dizia, posso rever Lisboa; encontrarei consolo nos lugares que amarguraram minha dor. À medida em que me aproximo do momento de rever Clara, sinto um funesto prazer em me ocupar dela; talvez ele destrua minha vida pouco a pouco; mas o viajante cansado não teme acelerar seu curso quando o ponto de chegada apresenta-se a seus olhos... Aliás, a amizade chama-me; devo agora lhe consagrar minha existência: per-

corri, por bastante tempo, a terra, visto como um estrangeiro pelos homens; quero retornar para perto daquele a quem nada do que me aconteceu é desconhecido; que, sabendo compreender meus pensamentos, fará uma doce troca com os seus, dir-me-á que me lastima, e, com uma só palavra, ajudar-me-á a terminar o penoso caminho da vida.

José Índio embarcou, então, em um navio que partia para a Europa; deixou os mares da Índia, e, estando longe, pareceu-lhe que recomeçava uma vida nova. As águas mais agitadas agradavam-lhe mais, porque anunciavam a pátria. Como todo navegador impaciente para rever a terra desejada, olhava, com ardor e sem parar, as velas, infladas por um vento favorável, e receava vê-las cair sobre os mastros: via, sem parar, a proa do navio repartindo rapidamente as ondas que se afastavam, rumorejando, rompendo-se, embranquecidas pela espuma, e elevando, ao longe, massas de vapor. Pouco haviam distanciado-se da África quando encontraram uma embarcação portuguesa, portando o pavilhão da ilha da Madeira, navegando com todas as velas estendidas. Quando se encontravam a pouca distância um do outro, o porta-voz ecoou, com um barulho surdo e lento que se misturava ao das ondas, e chamou a atenção dos ouvidos atentos dos pilotos que conduziam a embarcação sobre a qual vinha José Índio.

65

– As praias da África, ouviam então, estão cobertas pelos exércitos do rei D. Sebastião, que quer reviver os bons dias da glória lusitana. Nós lhe levamos novos reforços, pois as tropas que tem de combater são inumeráveis...

Um profundo silêncio sucedeu essas palavras, como para dar tempo de os deixar compreender, e a voz fez-se novamente ouvir.

– Portugueses que vindes do combate na Índia, deveis vencer conosco os infiéis... Nosso soberano assim exige de to-

dos aqueles que sabem empunhar armas... Nossos mais bravos guerreiros deixaram as margens da pátria para tomar de assalto novas conquistas... Se os africanos foram vistos invadindo os campos férteis da Europa, nós queremos aniquilá-los sobre as areias escaldantes da África...

– Honra ao rei D. Sebastião! Exclamavam nas duas embarcações; e as bandeiras foram hasteadas no topo dos mastros, e as armas fizeram-se ouvir, como se já quisessem celebrar uma vitória.

Ao cabo de três dias, os navios chegaram a Tânger: uma armada numerosa já havia chegado; e viam a costa coberta de tropas de diferentes nações, que vinham vingar-se dos africanos pelos ultrajes feitos por seus ancestrais a habitantes da Europa. Ali doze mil portugueses, comandados por D. Alonso de Aguilar, dispunham-se a avançar em direção a Arzila; mais adiante, alemães, conduzidos por Martim de Borgonha, espantavam-se ao ver-se em um clima tão diferente e preparavam-se para mostrar aos mouros que eles jamais venceriam. Viam, perto dali, seiscentos italianos, conduzidos pelo marquês de Linster e indicando, com presunção, que aquelas costas pertenceram há muito tempo a seus ancestrais; alguns batalhões de velhos grupos de Castela, um grande número de aventureiros, um grupo imenso de escudeiros completavam, enfim, o exército de D. Sebastião e igualmente contavam com a vitória que aumentaria sua glória, ou os cobriria de riquezas.

José Índio avançou em direção a alguns nobres, que conhecera anteriormente, e viu que os mais experientes duvidavam de uma guerra que nada parecia motivar.

– A Espanha, que devia auxiliar-nos, parece regozijar-se em nos ver caminhar em direção à morte, disse o duque de Aveiro, pois, após esta batalha, seremos escravos, ou pereceremos nela.

– Os céus estão, evidentemente, contra nós, acrescentou Vasco da Silva; mas os mais manifestos agouros não aterrorizam

um rei imprudente. Que necessidade temos de devolver, a seu trono, um infiel que não soube merecê-lo³⁹?

– Que nos digam mortos, exclamou D. Duarte, e que não nos insultem. Desde quando os portugueses estão acostumados a verem-se ameaçados de perder seus bens se não forem ao combate?

– Desde aquele tempo, disse José Índio, em que sabem dar apenas a própria vida. Cavaleiros! É a vós que pergunto, é justo agora que precisamos de semelhantes discursos? Não foi necessário enfrentar os mares para vir a estas costas, e não tivestes tempo de dizer ao rei que sua juventude imprudente impelia-o, que os portugueses já haviam feito conquistas suficientes? Agora, sem dúvida, é necessário morrer, mas só depois de ter vencido. Duque de Aveiro, lembrai-vos de que o estandarte era carregado por um religioso de minha ordem quando Afonso V expulsou os mouros das margens do Salado? Três vezes quiseram tomá-la, três vezes soube defendê-la. Confiai a mim o seu, eu saberei impedir mesmo que se aproximem dele. Ah Camões! Parece-me que escuto tua voz; não me repetiste tu, muitas vezes, eu morrerei no dia em que minha pátria perder sua glória.

67

– Meu irmão, respondeu-lhe o duque, sendo um dos amigos do poeta, só poderíeis ter nobres sentimentos; pegai o estandarte e segui-nos.

– Vós o conhecestes? Perguntou José Índio com um novo acaloramento.

– Não, mas o admiro.

– Ah! Não sois amigo dele! Ai de mim! Ele terá, um dia, todo o universo para louvá-lo, e ninguém o terá ajudado a suportar os males da vida.

Neste momento, o rei, coberto com seus brasões de Azur, passou à cavalo e deu o sinal da partida; seguia-o o príncipe maometano, e um séquito numeroso comprimia-se em torno

dele. Começaram a marchar em direção a Alcácer Quibir; mas, quando chegaram perto do rio Mocazim, as tropas já estavam sendo consumidas por uma fome devoradora e pelo ardor do sol escaldante que lançava seus raios sobre campos incultos. O rei decidiu, então, parar, evitando a batalha, para que o frescor da noite reanimasse as forças dos soldados; até que o imprudente Aldana veio suplicar-lhe, para a ruína de seu país, que não adiasse mais⁴⁰. Seus batalhões ostentavam cento e cinquenta mil guerreiros sob seus olhos e já cobriam uma vasta porção do terreno. Tão logo o príncipe Mulei Moluco percebe a decisão dos cristãos, prepara-se para recebê-los ainda que morra: formando um semicírculo de imensa extensão com seus soldados, começa a rodear o exército português, mas seus guerreiros são repelidos por um punhado de heróis acostumados a vencer mesmo quando o perigo é o mais premente. Logo um bando de bárbaros succumbiu; logo proclamaram a vitória entre os cristãos, quando uma voz, que os bravos nunca ouviram, exclama: Parai! Retornai sobre vossos passos. Escapar? escapar?... Exclamou Rodrigues de Sá⁴¹, vendo o esforço daqueles que o seguiam, meu cavalo não sabe recuar⁴². E, lançando-se em meio aos inimigos, desapareceu aos olhos de seus companheiros. A morte desse homem corajoso não foi inútil: os inimigos foram impedidos de enfrentá-los uma segunda vez; D. Sebastião vê ressurgir a vitória; o desafortunado Mulei Moluco procura lutar novamente com ele. Pávido e desfeito, ele se lança sobre um cavalo de batalha, quer novamente combater, não pode levantar um braço enfraquecido por ferimentos, e morre de dor vendo escapar os africanos⁴³. Hamet Taba, renegado português, opõe uma artimanha à valentia de seus antigos conterrâneos, transportando o corpo do rei em sua padiola, parece receber ordens, e os mouros, que ignoram seu infortúnio, acreditam ainda combater por um príncipe

que veneram. O rompimento dos laços, que prendiam esse general aos cristãos, parece incitá-lo a exterminar as numerosas testemunhas de sua vergonha; nada pode resistir a sua indomável coragem, porque nada pode abrandar seu furor e seus remorsos. De repente, Peres de Távora, que o parara antes, cai morto em meio a seus soldados; Diego Lopes crispa o ar com seus gritos; a derrota começa; o duque de Aveiro morre gloriosamente. O rei corre ao socorro dos alemães que empreendiam uma nobre resistência: é em vão, tudo sucumbe aos esforços dos mouros, e D. Sebastião logo não pode esperar mais do que uma gloriosa morte; ele procura, ainda, excitar seu cavalo de batalha; mas o nobre animal cai, perfurado por mil golpes. Jorge de Albuquerque dá o seu a ele, retorna ao combate e lança-se no meio do tumulto. Ele encontra José Índio, defendendo o estandarte contra uma multidão de bárbaros; o religioso leva-o para longe deles e vê-se seguido por aqueles de restavam de seus conterrâneos.

69

– Circulemo-na e caiamos com ela⁴⁴! Diz Sebastião.

– Não, responde Cristóvão de Távora, cabe a nós morrer; deixai-vos ser preso pelos inimigos.

Neste momento, são cercados pelos árabes; o combate recomeça com furor, José Índio eleva o estandarte; seus nobres companheiros olham-no mais uma vez, desferindo seus últimos golpes.

– Pudesse sua vista tornar nossa morte menos dolorosa! Ele fala e agita-a mais uma vez, ferindo, com seu gládio, os audaciosos inimigos.

Tudo morre em torno dele; seu cavalo cai; os árabes empunham o estandarte, incitando horríveis gritos de alegria.

– Ah Camões, que dirias tu? exclama José Índio, levantando-se, um campo de batalha onde os portugueses foram vencidos; nossa glória perecendo no meio dos campos da África! Rei!...

Rei!... continuou, enxergando D. Sebastião, que avançava em direção do rio de Alcácer, eu te lastimo, pois vi tua coragem; mas o que dirá a posteridade?

Ele atravessou o campo de batalha, e suas palavras misturaram-se às lástimas dos feridos.

– Não lamenteis a vida, dizia a um velho soldado; não havia mais conquistas pelas quais esperar; vossa morte é gloriosa, meu irmão, a recompensa é digna de vós... Eu a lastimo, ele continuava, endereçando-se a um jovem que pronunciava o nome de sua amada, é a ela que ficam todos os comandos de retirada: tendes, ao menos, a glória. Eu sei, meu filho, o que tem de amargo os arrependimentos que duram o resto da vida... Melo, Cintra, Vidigueira, tivestes parte em seu socorro; vossas vozes moribundas juntaram-se a seus últimos consolos, e endereçáveis de novo vossos agradecimentos, quando ele vos mostrou, com uma mão, o céu ao qual pertenceis, e, com a outra, o campo de batalha onde fôreis vencidos.

70

No dia seguinte, acreditaram ter encontrado, entre os mortos, o corpo do monarca português. Muitos de seus criados tornados cativos não o reconheceram, entretanto a presunção dos muçulmanos construiu, em Alcácer, um soberbo túmulo para ele. Ao cabo de alguns dias, José Índio foi resgatado por portugueses de Tânger com alguns de seus conterrâneos sobreviventes da carnificina⁴⁵; eles embarcaram em galeões comandados por Diego de Sousa e viram, enfim, as torres de Lisboa.

– Ah, minha pátria! exclamou José Índio, é necessário que o meu retorno seja sempre marcado por funestas catástrofes?

Sua passagem por ruas e praças provocava consternação; eles confirmavam o que todas as pessoas sábias previram, e o que alguns desafortunados sobreviventes dos desastres de Alcácer Quibir já haviam anunciado. Entretanto, o povo esperava ver, novamente, o jovem príncipe cujo heroísmo imprudente

arremessara-o em um abismo de infortúnios; interrogava, inquieto, José Índio e seus companheiros; e não podia crer nesse fim desgraçado, como se o cetro fosse garantia de imortalidade...

– Que mudança nove anos produziram em minha pátria! Disse o religioso, logo ela não terá mais do que lembranças de sua grandeza, assim como me resta apenas a memória de meus trabalhos e sacrifícios? É ele um homem que ainda pode ilustrá-la; mas, sem dúvida, à medida que seu olhar é posto em quem, neste momento, causa sua ruína, esquece o poeta que lhe consagrou, por trinta anos, seu gênio e sua espada.

Seu pensamento não o enganara: em vão perguntava por Camões nos lugares em que morara anteriormente, pois o nome de seu amigo era desconhecido; e, a cada dia, retornava a sua cela sem saber qual era o destino do ser que respeitava como a um pai.

– Ai de mim! Ele dizia algumas vezes, a morte usurpou-o de mim; não devo mais ter esperanças de revê-lo; e suas buscas inúteis confirmavam-lhe tal pensamento.

Um de seus primeiros cuidados fora visitar a tumba que a família Cascais fizera erguer, com tanta soberba, à doçura e à modéstia. Um dia, assim que seus olhos, em uma escuridão imóvel, fixaram-se sobre os traços que o mármore evocava fielmente, e cuja imagem era ainda mais funesta, versos recentemente riscados abateram-se sobre seu olhar. Eles celebravam virtudes que pareciam ter sido ignoradas em meio a tal magnificência; endereçavam-se a seu coração, e logo lágrimas escorreram.

– Mármore insensível, o que te anima? Ele exclamava, o que te faz dizer, de uma maneira tão tocante, um adeus que esta boca parece querer pronunciar?... Quem, com uma única palavra, pôde fazer desaparecer toda esta pompa para apenas lastimar uma alma angelical, um amor eterno, como o meu... Ah Camões! Vives ainda e acabaste de me revelar...

Repleto de esperança, não deixou, pelo resto do dia, o lugar que viera visitar; foi em vão, parecia que o grande poeta de Portugal teve de sacrificar sua glória para o mais profundo dos esquecimentos.

Ele saía do templo contra a própria vontade, seus olhos lançavam-se ao átrio, onde diversas pessoas estavam reunidas, quando um negro, coberto com os andrajos da miséria, avançou em direção a ele, implorando-lhe caridade.

– Se conheceis meu mestre e sua indigência, sois portugueses, não saberíeis me recusar...

O religioso deu a ele a única peça de prata que possuía; mas o som de sua voz chamou-lhe a atenção, ele iria interrogá-lo, seus agradecimentos convenceram-no de uma verdade funesta.

72 – Antônio, ele exclamou, és mesmo tu, o que foi feito de meu nobre amigo?

O negro cobria, com lágrimas, a mão do homem caridoso que havia reconhecido. Lançou-se a seus pés e, com uma voz entrecortada por soluços, exclamou:

– Perguntais-me sobre meu mestre, e ignoro seu destino há um dia inteiro. Tudo me faz crer que ele está aterrorizado; ai de mim! tendo nada a oferecer a ele até agora, não ousei procurá-lo.

– O quê! Exclamou José Índio, misturando lágrimas amargas às do fiel criado, o infortúnio abateu-se tão cruelmente sobre vós... O maior homem de uma gloriosa nação sentindo os horrores da necessidade!

– Escutai, retomou o negro, sois o único a quem confiaria meu segredo, que seja para sempre desconhecido! Desde a morte do rei, a corte esqueceu-nos. A miséria não tardou a fazer-se sentir; quando chegou ao ápice, meu nobre mestre disse-me:

Antônio, goza do único bem que me resta, retoma tua liberdade... Compartilhara de sua fortuna, sua desgraça não me aterrorizava. Não, respondi a ele, para mim, o que vale mais do que a liberdade é poder cuidar de vós, é por nada vos deixar... Logo a febre tomou-o... logo o vi tornar-se presa dos horrores da miséria. Eu ia, então, implorar socorro em meu nome; frequentemente me recusavam... Não ousava pronunciar o dele... mas algumas vezes exclamei, em meu desespero: não é por mim, bárbaros, que imploro, é por um velho... ele é ilustre, por isso escondo seu nome... ele é virtuoso, por isso sirvo a ele... Quando meu mestre lia nossa extrema miséria em meu olhar, imóvel, dizia-me: Antônio, consola-te, sei ludibriar as necessidades da vida, e o fim de meus males está tão próximo! Imerso, então, em um profundo devaneio, ele falava de Ataíde e de Meneses, via vós entre eles. Ontem, eu nada obtivera dos corações endurecidos aos quais recorrera; eu chorava, olhando vosso amigo, eu maldizia todos os homens: Não os acuses, ele me dizia, para além de nossos infortúnios, há tantos outros que sofrem. E o que fazem pela glória de seu país!... Colocava perto dele o que poderia sossegá-lo; afastava-me durante um dia: aqueles que tentei enternecer são os culpados. Esta noite, não encontrei mais meu mestre, procurei-o em vão nos conventos, percorri ruas e jardins; ele quis furtar-se de minhas lágrimas. Meu Deus! Devolva-o a mim!... Mas resta a esperança de encontrá-lo perto de Santa Maria, pois, com frequência, ele lá ia, só, sonhar e esconder sua miséria.

– Nobre amigo de um mestre desafortunado, disse José Índio, pegando no braço do negro, a Providência, sem dúvida, irá guiar-nos, ela nos deve alguns consolos por tantos males.

Ambos foram a Santa Maria, mas ninguém apareceu, ninguém pôde responder às perguntas deles. Eles, então, resolveram separar-se. Antônio esperava encontrar novamente Camões

nos jardins do palácio de D. Sebastião; ele indicou ao monge lugares aos quais devia ir com mais esperança, José Índio vagou por muito tempo e em vão.

Enfim, impellido por um secreto pressentimento, entrou no local onde vira Clara pela última vez. Adentrou o asilo dos pobres e pôs-se a olhar tudo o que o rodeava à fraca luz do crepúsculo: não podia avançar, lembranças comprimiam seu coração... era-lhe impossível cruzar as últimas arcadas para chegar ao maior salão: apoiou-se contra um pilar e escutou uma voz que se lastimava perto dali. Quem falava era um velho deitado sobre um leito de dor; um elmo, uma espada, alguns livros estavam estendidos, no chão, próximos a ele, e esse velho, ele era Camões...

74

– Ai de mim! Disse uma voz moribunda, escutando alguém se aproximar, dar-me-ão, sem dúvida, uma mortalha após minha morte: até agora recusaram-se a dá-la.

O monge, espantado com tanta miséria, cobriu-o com seu manto; mas ele não o reconheceu. De repente, apertou-o sobre seu peito, e suas lágrimas confundiram-se.

– Sois vós, José Índio, exclamou Camões... Sois vós por quem tanto tempo esperei? e apertou-o contra seu coração... Ai de mim! Continuou, “quem jamais ouviu dizer que em tão pequeno teatro, como o de um pobre leito, quisesse a fortuna representar tão grandes desventuras?⁴⁶”

– Elas serão aliviadas, meu pai.

– Nunca: morro com a glória de minha pátria⁴⁷. Ai de mim! Disse novamente, apertando a mão que procurava aquecer as suas, um escravo pediu esmolas por mim e, frequentemente, não pôde obtê-las... não pude suportar sua dor. Mas sua nobre piedade deu-me forças; eis as honras que me foram prometidas... eis os bens dos quais me acumulei. Quando algum dia vos disserem: a glória pertenceu a ele como o maior de nossos poe-

tas, vós lhes respondereis: o frio agitou seus membros enfraquecidos pela idade... ele salpicou, com suas lágrimas, o pão que um desgraçado dividia com ele... então seu braço não tinha mais forças para sustentar um gládio... e, entretanto, ah minha pátria, meus últimos votos são por ti...

– Meu pai, exclamou José Índio, vendo que sua voz se enfraquecia e que ele empalidecia ainda mais, meu pai, os céus são mais justos do que os homens; agora cabe a Ele vos recomendar.

– Ah! disse o poeta, Nele depositei minha esperança, e Ele vos trouxe de volta: desejei apenas um bem, e Ele o dá a mim.

– Não choreis... esqueci as injustiças... como vosso amigo, tenha resignação.

– E por que a perseverança me abandonaria, quando vão cessar todas as estimas humanas por mim...? Por que, em uma só palavra, eu lastimaria?... “Iguais somos, Senhor, na natureza, / Assim entramos na vida, assim saímos, / O entendimento é nossa fortaleza. // Iguamente de um só princípio viemos, / Iguamente a um fim todos corremos / E uma estrada comum igual seguimos. // Na terra a morte, a vida no céu temos⁴⁸.”

75

Ouvia-se, então, apenas os soluços de seu amigo: Camões deixara de viver.

José Índio permaneceu perto dele durante muito tempo, dando, em voz baixa, a extrema unção, interrompendo-se algumas vezes para contemplá-lo.

– Ai de mim! Exclamou, quem poderia dizer, quando tu provocavas admiração nos campos da Índia, que tu morrerias aqui; que um amigo, desafortunado como tu, seria o único que te lastimaria? Ah grande homem! Restam apenas lágrimas a teu amigo, ele não pode nem mesmo oferecer-te um túmulo!

No dia seguinte, Francisco de Portugal⁴⁹ enviou uma mortalha. Camões foi sepultado na igreja de Santa Ana; algum tempo

depois, Gonçalo Coutinho⁵⁰ consagrou-lhe uma lápide: o criado, sozinho, veio visitá-la; José Índio perecera em uma viagem às ilhas de Cabo Verde.

NOTAS

¹ Embora em edições mais antigas haja *et quasi eterno, lê-se e quasi eterno*. [No original, nota de fim. Todos os versos de *Os Lusíadas* foram retirados de *Obras Completas* (1963).]

² Ele pertencia a uma família nobre e mantinha alianças com a Casa de Sá, reconhecida por sua coragem.

³ Todos conhecem seu admirável episódio sobre Inês, em que apurou a mais envolvente sensibilidade.

76

⁴ [No original, esses versos estão em uma nota de rodapé correspondente a sua versão em francês no corpo do texto. Eles fazem parte do Canto III de *Os Lusíadas*.]

⁵ Ver o soneto 35. [No original, há uma versão em francês desse soneto, seguida da respectiva nota que mantivemos. A maior parte dos poemas foi transcrita da obra *Rimas Várias*, de Faria e Sousa e, doravante, apenas será indicado o tomo, seguido da página, da seguinte maneira: (RV1, p. 85). A ortografia e a numeração dos poemas foram atualizadas e alguns de seus versos foram emendados a partir da edição de *Obras Completas*, da editora Aguilar (1963). Doravante, apenas será indicada a página da seguinte maneira: (OC, p. 301). Quando a numeração divergir entre as edições, será indicado na respectiva nota: em *Obras completas*, este poema corresponde ao soneto 97.]

⁶ Ver a terceira Elegia.

⁷ Ver Elegia I. [No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que mantivemos. Em *Rimas Várias*, eles fazem parte da Elegia III (RV2, p. 25-29); em *Obras Completas*, da Elegia 5 (OC, p. 360-362).]

⁸ [O trecho aparece entre aspas, sem referência. Ele faz parte do Canto VII de *Os Lusíadas*.]

⁹ Pátria ingrata, não possuirás meu esqueleto! Primeira carta. [No original, entre aspas, o trecho encontra-se em latim, estando a nota

de rodapé em francês. A *Carta II* (OC, p. 788), *mandada da Índia a um amigo*, da qual Denis retira a citação, passou a fazer parte do cânone camoniano a partir da edição das *Rimas* de 1598. Cipião Africano, o velho (236 a. c.-183 a. c.), estadista da República Romana que conquistou Cartago nas Segundas Guerras Púnicas, teria mandado inscrevê-la em seu túmulo, tendo deixado Roma após ter perdido seu prestígio frente a intrigas senatoriais.]

¹⁰ Ver *Os Lusíadas*, canto V.

¹¹ Ver a Elegia III. É com essa nobre modéstia que sempre fala das ações em que se encontra. [No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que mantivemos. Em *Rimas Várias*, eles fazem parte da Elegia I (RV2, p. 3-18); em *Obras Completas*, da Elegia 4 (OC, p. 355-360).]

¹² Ver o Soneto XII em que lamenta a morte desse jovem.

¹³ [Antônio de Noronha (1464-1551) foi um nobre português, governador de Ceuta. Faria e Sousa, no comentário que segue ao Soneto XII, escreve (RV1, p. 34): “D. Antônio de Noronha era não só um cavaleiro de muitas qualidades, mas também de muito valor (...); e devia ser dotado de grande engenho e de grande conhecimento das letras humanas e de poesia, pois soube estimar e favorecer o Poeta, de modo que é a pessoa mais presente em seus poemas (...).”]

77

¹⁴ [D. Pedro de Mascarenhas (1470-1555), administrador colonial português, foi o sexto vice-rei da Índia Portuguesa.]

¹⁵ Ver Canção XIII. [No original, há uma versão em francês desse verso, seguida da respectiva nota que mantivemos. Em *Rimas Várias*, ele faz parte da Canção IX (RV2, p. 67-73); em *Obras Completas*, da Canção 5 (OC, p. 311-314).]

¹⁶ Canção XIII. [Ver nota anterior. No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que mantivemos.]

¹⁷ [Conforme a *Vida do poeta*, de Faria e Sousa (RV1, §19), e de Souza-Botelho (1819, p. LIV) trata-se de Francisco Barreto.]

¹⁸ “Tais eram a sua generosidade e a sua grandeza de alma que se viu, em nenhuma parte, nomear o governador pelo qual fora tão injustamente maltratado.” Ver Souza, *Vida de Camões*. [“Irritado Francisco Barreto contra ele, e talvez sentido de ver expostos, e censurados vícios de que participava, ou que não sabia reprimir, como era homem de grande vaidade, e soberba, abusou do poder que tinha,

e desterrou Luis de Camões para as ilhas Molucas. Sentiu este por extremo uma tal prepotência, de que se queixou nas suas rimas, dizendo: A pena deste desterro, / Que eu mais desejo esculpida / Em pedra, ou em duro ferro. Mas a generosidade e grandeza do seu coração eram tais que nunca nomeou o tirânico Governador, que tão injustamente o maltratara.” (SOUZA-BOTELHO, 1819, p. LV)]

¹⁹ Ver Disparates da Índia. [No original, há uma versão em francês desses versos, seguida da respectiva nota que mantivemos. Eles não constam em *Rimas Várias*, embora Faria e Sousa comente-os na *Vida do poeta* tanto na edição das *Rimas* quanto na de *Os Lusíadas*. A redondilha já aparece na edição das *Rimas* de 1595. Em *Obras Completas*, aparece como Redondilha 27-Disparates seus na Índia (OC, p. 461-465).]

²⁰ Extrato de uma carta de Macau, datada de 11 de novembro de 1785 - Passei a maior parte de um dia nos jardins do senhor Fitzhugh; eles estão fixados sobre uma rocha bem alta sobre a qual, segundo a tradição do país, o famoso Camões vinha sentar-se para escrever *Os Lusíadas*. É uma arcada infinitamente alta, formada por uma única pedra, que serve de entrada para uma gruta que fora cravada quase ao nível do solo. Sobre o pico da rocha, que é sombreada por árvores majestosas, encontra-se um pequeno templo construído ao gosto chinês, ele é visto do porto do mar e das ilhas diferentes que se avizinham. Ver *Le Censeur universel anglais*, t. 2, p. 500. [No original, em francês.]

²¹ [No original, entre parênteses sem referência.]

²² Ver *Os Lusíadas*, Canto 10. [No original, em francês.]

²³ Ver a paráfrase do salmo *Super Flumina Babylonis*; esse é um dos seus mais belos trechos, mas perdeu singularmente com a tradução. [No original, em francês. Acredita-se que se refira ao seguinte trecho: “Eu, que estas cousas senti / Na alma, de mágoas tão cheia, / -Como dirá, respondi, / Quem tão alheio está de si / Doce canto em terra alheia? // Como poderá cantar / Quem em choro banha o peito? / Porque, se quem trabalhar / Canta por menos cansar, / Eu só descanso enjeito.”. O poema não consta em *Rimas Várias*; em *Obras Completas*, corresponde à redondilha 77 (OC, p. 497-506).]

²⁴ [D. Constantino de Bragança (1528-1575) foi o sétimo vice-rei das Índias Portuguesas. Faria e Sousa, na *Vida do poeta* (RV1, §22), comenta que Camões o teria celebrado em pelo menos dois de seus

sonetos, tendo por ele legítima afeição (L1, p. 30).]

²⁵ Ver a edição de Faria, p. 180. [No original, em francês. Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) é autor, entre outros, de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.), *Rimas Varias* (1685, 2 v.) e *Europa Portuguesa* (1678-1680, 3 v.). As edições do corpus camoniano organizadas por Faria e Sousa, repletas de comentários críticos e exegéticos, ganharam projeção tanto dentro de uma possível história da impressão da lírica de Camões, que permeia discussões sobre a autoria de textos e o estabelecimento de um cânone, quanto de uma possível história da exegese camoniana, principalmente na indissociação entre sua vida e obra. O trecho não foi localizado na respectiva obra.]

²⁶ [D. Francisco Coutinho (1517-1564) foi o oitavo vice-rei das Índias Portuguesas e o terceiro nobre a receber o título de conde de Redondo, criado pelo rei D. Manuel I. Faria e Sousa (L1, p. 30) comenta que ele, tendo sucedido D. Constantino Bragança, também favorecera “nosso grande poeta”.]

²⁷ Ver suas epístolas. [No original, em francês. A referência não foi identificada nas respectivas obras.]

²⁸ Ver o soneto XXIV. [No original, há uma versão em francês desse poema, seguido da respectiva nota que mantivemos. Em *Rimas Varias*, ele corresponde ao soneto XIX (RV1, p. 53); em *Obras Completas*, ao soneto 2 (OC, p. 269).]

²⁹ [Pedro Barreto Rolim foi governador de Macau em 1562. Ver nota 38.]

³⁰ [D. Antônio de Noronha (1464-1551), nobre português, tornou-se conde de Linhares graças a D. João III em 1532 e foi governador de Ceuta.]

³¹ [Aleixo de Meneses (m. 1569) participou da tomada de Azamor em 1513, tendo se tornado capitão de uma esquadra de navios e, posteriormente, aio de D. Sebastião.]

³² Ver o soneto 48. [No original, há uma versão em francês desse poema. Em *Rimas Varias*, corresponde ao soneto 48 (RV1, p. 108); em *Obras Completas*, ao soneto 57 (OC, p. 288).]

³³ [Jacopo Sannazaro (1456-1530), poeta e humanista italiano do Renascimento, foi membro da Academia Pontaniana de Nápoles e autor de diversas obras, entre as quais se destacam *Arcadia* (1504).]

³⁴ Esta é a opinião de Verdier. Ele tem essa obra em mãos e é mais

capaz do que qualquer outro para proferir semelhante julgamento. [Timóteo Lécussan Verdier, erudito português, exilou-se em Paris no início do século XIX e contribuiu profundamente com a difusão das letras lusas na França. Próximo de Filinto Elísio e dos demais lusofonistas que lá se encontravam, revisou as edições de *Os Lusíadas* in-fol. (1817) e a em in-8º (1819) de Morgado de Mateus, redigiu um substancioso prefácio para a edição de *Cancioneiro dos Nobres* (1823), e traduziu a *Ode à Camoens* (1825), de Raynouard, e *O Hissope* (1828), de Antônio Dinis da Cruz e Silva. Ferdinand Denis refere-se a ele em algumas passagens do *Resumo da História Literária de Portugal* e retoma essa polêmica no seu prefácio à edição de *Os Lusíadas* de Ortaire Fournier e Desaulles (1841). A obra em questão seria *Lusitânia Transformada* (1607), de Fernão Álvares do Oriente (c. 1540-1607), na qual Verdier reconheceria o *Parnaso* perdido de Camões.]

80

³⁵ Bela ideia de Faria e Souza em *A Vida do Poeta*. [“(…) achando-se pobre e tendo privilégios oferecidos por Pedro de Barreto, que se tornara capitão de Sofala, foi-se com ele (...). O tratamento que lhe dispensou Pedro de Barreto em Sofala foi tal que, ao chegar lá alguns navios da Índia (...), decidiu partir neles. Entretanto, Pedro de Barreto o impediu (...) dizendo que ele lhe devia duzentos ducados que com ele gastara, acreditando que o obrigaria, assim, por não ter o dinheiro para pagá-lo, a não embarcar. Entretanto, alguns cavaleiros – Heitor de Silveira, Antonio Cabral, Luis de Vega, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, entre outros – que vinham naqueles navios pagaram por ele, pois queriam trazê-lo de volta à pátria.” (RV1, §24)]

³⁶ Ver a Canção V. [No original, há uma versão em francês desses versos. Em *Rimas Várias*, eles fazem parte da Canção III (RV2, p. 29-31); em *Obras Completas*, da Canção 4 (OC, p. 310-311).]

³⁷ Chamam-na ainda de a grande peste: ela ocorreu em 1569. [Episódio mais devastador da peste negra em Portugal, em que teria morrido a maior parte da população de Lisboa.]

³⁸ [Francesco Petrarca (1304-1374), poeta e intelectual italiano, tornou-se célebre por sua obra *O Cancioneiro*, em que canta sua musa, Laura, com aquilo que viria ser chamado, por Dante, de *dolce stil nuovo*. Na nota 32, encontra-se a versão integral desse poema em português, interpretado por Camões.]

³⁹ Tal era o pretexto principal dessa guerra religiosa, planejada durante muito tempo. Tratava-se de prestar socorro ao antigo rei do Marrocos,

tirano abominado por seus súditos, com quem o próprio tio disputava o direito da coroa. Ele demonstrou grande moderação, empregou todos seus esforços para impedir D. Sebastião de continuar sua empreitada. Ver o que Rabbe diz sobre esse assunto. [“A guerra contra os africanos fora decidida sem outro motivo além do pretexto gasto de tomar as cidades dos inimigos dos cristãos; mas um acontecimento inaudito deu à empreitada uma aparência especial de generosidade e de justiça. Mulei Mohammed, deposto do trono de Fez e de Marrocos por seu tio Mulei Moluco, pediu a ajuda do monarca português.” (RABBE, 1824, p. 214, tradução nossa)]

⁴⁰ Ver Faria, *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 22. [Ferdinand Denis, da nota 43 à 48, faz sucessivas referências ao terceiro tomo da obra *Europa Portuguesa* (1680), de Faria e Sousa. Serão indicadas apenas as páginas, entre parênteses, das quais foi retirado o respectivo trecho, da seguinte maneira: “Como haviam partido com mantimentos para apenas cinco dias e já marchavam há sete, começaram a sentir fome: por isso não esperavam começar a batalha naquela manhã, tendo por certíssima a vitória, após ponderar que seria um inconveniente ainda maior o dano que poderia causar a investida enfraquecidos pela fome do que cansados da missão anterior sob o sol ardente (...). O rei já estava convencido a esperar pela manhã para batalhar com a comodidade do frescor, quando aparece o capitão Aldana, babando, mordendo as mãos e batendo no peito e nas bochechas, dizendo a ele que perderia caso não se comesse logo a batalha.” (EP, p. 22-23)]

⁴¹ Faria, *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 24. [“No instante em que iam seguindo em frente, ou deviam seguir, ouviram uma voz (que por permissão divina devia ser infernal) dizer Volver, Volver; Recua, Recua. Ouvindo-a o conde de Matosinhos, João Rodrigues de Sá, e reconhecendo a sua maldade, disse: recua? O meu cavalo não sabe recuar, e, seguindo corajosamente em frente, não foi mais visto.” (EP, p. 25)]

⁴² Como buelta?... micavallo no sabe bolver. [Ver nota anterior.]

⁴³ V. Faria *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 24. [“(…) vendo novamente o inimigo em cima de si, voltaram a empurrá-lo com a mesma prosperidade da vitoriosa fortuna; o Rei, seguido por Aveiro, apossaram Moluco que, vendo-se perdido, saltou, pôs-se em um cavalo e, exortando seus guerreiros, caiu morto (...).” (EP, p. 25)]

⁴⁴ Faria, *Europa Portuguesa*, t. 3, p. 26. [“De outro lugar distante,

ouviam a voz do alferes-mor D. Luis de Meneses pedindo socorro contra uma multidão de bárbaros que queriam arrancar-lhe o estandarte das mãos. Acudiu-o Jerônimo Ribeiro Pinto e, colocando-se à frente, com espada e escudo, deteve-os até que Luis de Brito, a cavalo, pegou o estandarte e saiu correndo. Seguiram-no até que conseguiram arrancar-lhe o mastro, assim chegou até onde estava o rei que, vendo-o agarrado àquela sagrada bandeira, disse-lhe: abracemo-la e morramos sobre ela!” (EP, p. 26)]

⁴⁵ Apenas cinquenta homens puderam escapar da morte ou da escravidão. Faria, p. 29. [“Da morte e da escravidão apenas cinquenta homens puderam livrar-se naquelas infames areias, sabemos os nomes destes: D. Rodrigo Lobo, D. Diego de Melo, N. Vaz de Melo, Duarte de Castro de los Rios, Tomé da Silva e Gaspar de Sousa.” (EP, p. 29)]

⁴⁶ [Entre aspas, sem referência. Souza-Botelho (1819, p. LXII) comenta que este trecho pertence a um fragmento de carta, conservado por biógrafos do poeta.]

⁴⁷ Ver Faria e Sousa, Vida de Camões, p. 69. [“Assim acabará minha vida, e todos verão que fui tão apegado a minha pátria que não só me satisfiz em morrer nela, mas também em morrer com ela.” (RV1, § 25)]

⁴⁸ Esses versos foram transcritos da missiva ao rei D. Sebastião. [No original, nota de fim. Tratam-se de tercetos de Antônio Ferreira atribuídos a Camões. Eles foram transcritos da edição de Luis Francisco Xavier Coelho (1780, p. 197), Obras de Luís de Camões.]

⁴⁹ [Francisco de Portugal (c. 1550-1582), nobre português, foi o terceiro conde de Vimioso, tendo apoiado D. Antônio I de Portugal na luta pelo trono. Sobre ele, escreve Faria e Sousa (RV1, § 35): “O conde de Vimioso D. Francisco de Portugal disse que nada igualava-se a Camões.”]

⁵⁰ [Há poucas referências a Gonçalo Coutinho. Segundo Faria e Sousa (RV1, §36-38), “Ilustre cavaleiro português, bem instruído, muito cortês, que havia sido amigo do poeta (...). Seja o que for, ele foi sepultado nela [igreja de Santa Ana] tão sem indicações de seu túmulo (...) que quando D. Gonçalo Coutinho quis dar-lhe uma lápide, foi bem difícil encontrá-lo. (...) consagrando-lhe uma pedra de mármore rasa, com esta inscrição (1595): Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas de seu tempo; viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu. Ano de 1579.”].

CAMÕES, Ode

Entre todas as homenagens poéticas feitas a Camões, não conheço uma mais digna da memória desse grande homem do que a bela ode composta por Raynouard¹. Transcrevo aqui um trecho cuja leitura sempre me faz experimentar a mais viva emoção.

ODE²

Vós, que as praias trilhais do Tejo aurífero,
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao luso feliz vate.
Mostrai-me o augusto sítio, em que repousa
Quem troou facção ínclita:
Veja eu as honras, veja os grandes prêmios...
Que ingrata indiferença!
Dais à penúria, dais ao sofrimento,
O português Homero?
A não por ele os pés sobre o infortúnio,
Pobreza houvera-lhe hórrida
Apurado a constância; houvera-o, bárbaros!
Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
Só caridosa se destra,
(Caridosa e não lusa!) que noturna,
Esmola o pão mesquinho
Que tem de apascentar, no sol vindouro,
O escravo leal e o amo.
Se o caro nome não pôde o vate
Ilustrar no seu metro,

No meu te hei por segura, alta lembrança
 De grão renome, Antônio,
 Sabe, que esse sublime sacrifício
 Tem de achar, nos meus hinos,
 Eco fiel, oh! Servidor magnânimo,
 Nos devolvendo séculos,
 Pregoando, que enobrece esse teu zelo
 Da mendiguez o opróbrio.
 Pudico zelo, que com voz submissa
 Pede à piedade pública,
 Com noturno recato, o que, alto dia
 Cumpria aos reis pagarem.
 Oh! Não te encubras. - Olha o belissário,
 No márcio capacete
 A esmola receber, nobre penúria
 Sem pejo assoalhando:
 Louros, palmas colhera em cem vitórias,
 Ei-lo cego e mendigo.
 Oh! Pisa ufano a triunfal Lisboa
 De Febo ao claro lume;
 Impõe tributo ao povo, impõem-no à corte,
 Tão raro engenho o cobre.
 Co' poema nobre em mãos, mais atrevido
 Que o vate mesmo, os peitos
 Dos cidadãos abala: vê quão briosos
 Se pejam, se envergonham
 Da voz terrível que pediu, na treva,
 Para Camões esmola.
 Oh não! Que ele rival de Homero, e herdeiro
 De seu mendigo fado,
 calar sabe sofrido, e sorve inteira

A taça das desditas.
Serôdio prêmio, a ilustre ofensa houvera,
Que perdões escasseia.
Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que a pátria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.
Escutai, escutai. Camões vos fala³:
“Digno emblema a mim próprio
Não dei, dos meus heróis nos altos feitos,
Consolador emblema?
Par’ávidos colher d’Eoo tributos,
Que a foz do Tejo aceita,
Bastara a valentia? Não. Faltava
Constância, que blasona
Lutas arca por arca, c’o infortúnio,
E lutando aterrá-lo.
Ó Gigante do Cabo Tormentório
Entoam a frente ao vê-los,
Medra em vulto, devolve sobranceiro
Monstruoso o corpo lívido;
coa destra as nuvens preme, d’onde rompam
Seguidas tempestades,
Estalem os trovões, raios fuzilem;
Recalca com a esquerda
Cavadas ondas, que lhe, à vista, rasguem,
Do abismo as profundezas.
E diz raivoso: – Oh Nautas temerários,
Virai de velas súbito;
Que eu sou quem pus travejes neste passo,
Pus-lhe os roncões dos perigos. –

Mas Gama, e seus heróis já lá avistaram,
Raiar no cimo a glória,
Que tem de alardeá-los no Universo.
Magnânimos guerreiros
Afrontam raios, e transpondo abismos,
O azul tridente roubam.
Quem não aplaude, neste quadro, o intrépido
Que denodado rompe
O través, que lhe embarga o passo franco
Ao póstero renome?
Se novas sendas tenta a colher foito
Imortais palmas, logo
Traça a ignorância, a inveja castigar-lhe
A profícua ousadia.
Avexam-no? – Ele nobre se abalança
Ao grêmio do futuro.
Não espereis, que ele frouxo se lastime
Nem de homens, nem dos fados.
Nele desdém não punge, nem desprezo
Vosso: lançou ele a âncora
De esperança. Se inveja inexorável,
De que o insultou se ufana,
Ele contempla que a expiar o lançam
Culpas de herói virtuoso;
Fita a glória imortal, que o aguarda, – e olvida
Murmurar contra a inveja.
Que nos vale esse obséquo vão, do povo
Tonto na afeição sua?
Que, a reveses dá cultos, dá desprezos,
À imagem nossa? Ouçamos
O que o instinto magnânimo nos clama,

Quão longa e nobre estima
Em era, em clima ignotos, nos espera.
Condenam-nos? Desdenham-nos?
Profano é tudo aqui? – Mais nossos nomes
Serão, por lá, sagrados.”
Pôs fim Camões. Contemplo com respeito
O herói de adversos fados,
Que exemplo de sofrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.
Vós, talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de homens a ignorância,
Mirai-vos nesse frio, e firmes sede
Na luta nobre: – Vivos,
Se perseguidos sois; na era vindoura,
Mortos, vos erguem aras.

Muitas pessoas conhecem a tradução dessa Ode feita por Francisco Manuel. Ofereço aos amantes da literatura portuguesa algumas estrofes que um de meus amigos⁴ me confiou, e nas quais encontramos seguidamente expressões do grande Camões⁵.

Teu digno amo, Antônio,
Nomear-te em seus versos
Não pude: os meus te dão, talvez, a fama
De teu zelo sem-par bem merecida.
Sabe, ó servo extremoso,
Que será tua virtude
De evo em evo lembrada:
Vindoura idade, de meus cantos eco,
As seguintes dirá: *De Antônio o zelo*
A mendiguez enobrece.
Mas tão pudico zelo

De noite, e em voz sumida,
 À pública piedade, ansioso, implora
 Que a dívida dos reis, com pouco, pague.
 Antônio, não te escondas:
 De sua nobre miséria
 Ufano, belissário,
 Sem pejo, ouve em seu elmo, que a vitória
 De gloriosas palmas circundara,
 Tinir pedida esmola.

(...)

“De improviso a seus olhos
 De Adamastor sanhudo
 A disforme e grandessíssima figura
 Aparece, de rosto carregado:
 D’as nuvens com a destra
 Raios, tormentas vibra:
 Rasga coa sestra as ondas
 Que as entranhas escondam do profundo,
 Onde ao marte naval, à audaz cobiça
 Cabe comum jazigo.
Voltai, brada raivoso,
Fugi, ó temerários;
 Os términos per mi siempre vedados
 Cessai de quebrantar... Aqui perigos
Junto... o menor é morte...
 Mas de sanhas zombando
 Lusos, transpõe o Cabo,
 E a glória avistam já, que à fama os vota.
 Sem mora, abismos, raios desprezando,
 Roubam do mar o cetro.

NOTAS

¹ [François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836), tragediógrafo e erudito francês, foi membro da Académie des Inscriptions et Belles Lettres e da Académie Française. Tendo publicado a Ode a Camões (1819), integrou certo círculo de intelectuais que realizavam amediação e a divulgação da literatura portuguesa na França no início do século XIX.]

² [No original, em francês. Tradução de Francisco Manuel do Nascimento (RAYNOUARD, 1819). A ortografia foi atualizada.]

³ [No tradução, Francisco Manuel do Nascimento suprime os demais versos da estrofe e o primeiro verso da estrofe seguinte, aglutinando o poema. Segue uma tradução nossa dos versos suprimidos: “Lusitanos ingratos ou ciumentos! / Quando eu ilustrava a minha pátria, / esperei nada de vós. / Sofro, mas tenho a garantia / Que um dia de vossa indiferença / Vossos filhos saberão se indignar. / Eu sofro, mas com coragem; / Minha glória é desafiar o ultraje, / Minha virtude de perdoá-lo. // No sucesso dos meus heróis (...)”]

89

⁴ [Supõe-se que se trata de Timóteo Lécussan Verdier, já que essas estrofes parecem corresponder, com pequenas modificações, à suaversão em português da Ode publicada em 1825. Ver nota 38.]

⁵ [Conforme Verdier indica nas notas à sua tradução, todas as expressões ameaçadoras de Adamastor, presentes em *itálico* na Ode, foram retiradas do Canto V de Os Lusíadas, entre as estrofes 41 e 45.]

Apêndice de poemas camonianos

Os poemas a seguir foram retirados de *Obras Completas* (1963), publicadas pela Aguilar Editora, e ordenados progressivamente conforme foram incorporados ou referidos por Ferdinand Denis. Em nota de rodapé, é indicada a numeração utilizada pelo autor quando diferente da dessa edição.

SONETO 97¹

Um mover de olhos, brando e piedoso,
Sem ver de quê; um riso brando e honesto,
Quase forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravíssimo e modesto;
ha pura bondade, manifesto
Indício da alma, limpo e gracioso;
Um encolhido ousar; ia brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente sofrimento:
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o mágico veneno
Que pôde transformar meu pensamento

ELEGIA 5²

O Sulmonense Ovídio, desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus parentes apartado;
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,

De sua pátria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes e às águas se queixava
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrelas contemplava,
E como por sua ordem discorria
O céu, o ar e a terra adonde estava.
Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte procedendo,
Como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
À sua natureza obedecendo.
Assim só, de seu próprio natural
Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha
Nos versos saudosos que escrevia
E lágrimas com que ali o campo banha.
Destarte me afigura a fantasia
A vida com que vivo, desterrado
Do bem que em outro tempo possuía.
Ali contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pela memória
De quem o traz na mente debuxado.
Ali vejo a caduca e débil glória
Desenganar meu erro coa mudança
Que fez a frágil vida transitória.
Ali me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padece,
 A causa tira o sentimento dela;
 Mas muito dói a que se não se merece!
 Quando a roxa manhã, fermosa e bela,
 Abre as portas ao Sol, e cai o orvalho,
 E torna a seus queixumes filomela;
 Este cuidado, que co sono atalho,
 Em sonhos me parece; que o que a gente
 Por seu descanso tem, me dá trabalho.
 E depois de acordado, cegamente
 (Ou, por melhor dizer, desacordado,
 Que pouco acordo logra um descontente)
 Dali me vou, com passo carregado,
 A um outeiro erguido, ali me assento,
 Soltando a rédea toda a meu cuidado.
 Depois de farto já de meu tormento,
 Dali estendo os olhos saudosos
 À parte aonde tinha o pensamento:
 Não vejo senão montes pedregosos;
 E os campos sem graça e secos vejo
 Que já floridos vira e graciosos.
 Vejo o puro, suave e brando Tejo,
 Com as côncavas barcas que, nadando,
 Vão pondo em doce efeito seu desejo,
 has co brando vento navegando,
 Outras, cos leves remos, brandamente
 As cristalinas águas apartando.
 Dali falo coa água, que não sente,
 Com cujo sentimento a alma sai
 Em lágrimas desfeita claramente:
 Ó fugitivas ondas, esperai!

Que, pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lágrimas levai,
Até que venha aquele alegre dia
Que eu vá onde vos is, contente e ledó.
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pode tanto bem cegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão áspero degredo.
Mas esta triste morte que virá,
Se em tão contrário estado me acabasse,
A alma impaciente aonde irá?
Que, se às portas tartáreas chegasse,
Temo que tanto mal pela memória
Nem ao passar do Lete lhe passasse.
Que, se a Tântalo e Tício for notória
A pena com que vai, que a atormenta,
A pena que lá tem terão por glória.
Esta imaginação me acrescenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se sustenta.
Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possui se resuma,
Imagina na glória possuída,
Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquele dia desejado
Em que a Fortuna faça o que costuma:
Se nela ha i mudar um triste estado.

ELEGIA 4³

O Poeta Simônides, falando
Co capitão Temístocles, um dia,
Em cousas de ciência praticando,
ha arte singular lhe prometia,
Que então compunha, com que lhe ensinasse
A se lembrar de tudo o que fazia;
Onde tão subtis regras lhe mostrasse
Que nunca lhe passassem da memória
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e glória,
Quem dava regra contra o esquecimento
Que enterra em si qualquer antiga história.
Mas o capitão claro, cujo intento
Bem diferente estava, porque havia,
As passadas lembranças por tormento,
– Ó ilustre Simônides – dizia –
Pois tanto em teu engenho te confias
Que mostras à memória nova via,
Se me desses ûa arte que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh! quanto melhor obra me farias! –
Se este excelente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado,
Oh! como bradaria justamente:
– Simônides, inventa novas artes;
Não meças o passado co presente!
Que, se é forçado andar por várias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
Que tu, Fortuna injusta, ma repartes;

E se o duro trabalho é manifesto
Que por grave que seja, há de passar-se
Com animoso espirito e ledto gesto;
De que serve às pessoas alembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa.
Se não de entristecer-se e magoar-se?
Se noutro corpo ia alma se trespassa.
Não, como quis Pitágoras, na morte,
Mas, como manda Amor, na vida escassa;
E se este Amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só dum lindo objecto
Tem um corpo, sem alma, vivo e forte;
Onde este objecto falta, que é defecto
Tamanho para a vida que já nela
Me está chamando à pena a dura Alecto;
Porque me não criara a minha estrela
Selvático no mundo, e habitante
Na dura Cítia? Ou na aspereza dela?
Ou no Cáucaso horrendo? Franco Infante,
Criado ao peito de algia tigre hircana,
Homem fora formado de diamante,
Porque a cerviz ferina e inumana
Não sobmetera ao jugo e dura lei
Daquele que dá vida quando engana.
Ou, em pago das águas estilei,
As que do mar passei foram do Lete,
Pera que me esquecera o que passei.
Que o bem que a esperança vã promete,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que é que ia alma em lágrimas derrete.
Já, Senhor, cairá como a lembrança,

No mal, do bem passado é triste e dura,
 Pois nasce aonde morre a esperança.
 E se quiser saber como se apura
 Nã alma saudosa, não se enfade
 De ler tão longa e mísera escritura.
 Soltava Eolo a rédea e liberdade
 A o manso Favônio brandamente,
 E eu já a tinha solta à saudade.
 Neptuno tinha posto o seu tridente;
 A proa a branca escuma dividia,
 Coa a gente marítima contente.
 O Coro das Nereidas nos seguia;
 Os Ventos, namorada Galatéia
 Consigo, sossegados, os movia.
 Das argêntas conchinhas. Panopéia
 Andava pelo mar fazendo molhos,
 Melanto, Dinamene, com Ligéia.
 Eu, trazendo lembranças por antolhos,
 Trazia os olhos na água sossegada,
 E água sem sossego nos meus olhos.
 A bem-aventurança já passada
 Diante de mim tinha tão presente,
 Como se não mudasse o tempo nada.
 E com o gesto imoto e descontente,
 Cum suspiro profundo e mal ouvido,
 Por não mostrar meu mal a toda a gente,
 Dizia: – Ó claras Ninfas! se o sentido
 Em puro amor tivestes, e inda agora
 Da memória o não tendes esquecido;
 Se, porventura, fordes algia hora
 Aonde entra o grão Tejo a dar tributo

A Téthys, que vós tendes por Senhora;
Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das tágicas areias rico fruto;
Nelas em verso heroico e elegante
Escreve cia concha o que em mi vistes:
Pode ser que algum peito se quebrante.
E contando de mim memórias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
Elas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Que em quanto lhe pedia consentiam.
Estas lembranças, que me acompanhavam
Pela tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta grave me deixavam.
Porque, chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e áspera mudança;
Debaixo estando já da Estrela nova
Que no novo hemisfério resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noute com nuvens escurece;
Do ar, supitamente, foge o dia;
E o largo Oceano se embravece.
A máquina do mundo parecia
Que em tormenta se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia!
Lutando, Bóreas fero e Noto horrendo
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as velas côncavas rompendo.

As cordas, co ruído, assoviavam;
 Os marinheiros, já desesperados,
 Com gritos para o Céu o ar coalhavam.
 Os raios por Vulcano fabricados
 Vibrava o fero e áspero Tonante,
 Tremendo os Pólos ambos, de assombrados!
 Ali Amor, mostrando-se possante,
 E que por nenhum medo não fugia,
 Mas quanto mais trabalho, mais constante,
 Vendo a morte diante, em mim dizia:
 – Se algia hora, Senhora, vos lembrasse,
 Nada do que passei me lembraria. –
 Enfim, nunca houve cousa que mudasse
 O firme amor intrínseco daquele
 Em cujo peito ia vez de siso entrasse.
 ha cousa, Senhor, por certa assee:
 Que nunca Amor se afina nem se apura,
 Enquanto está presente a causa dele.
 Destarte me chegou minha ventura
 A esta desejada e longa terra,
 De todo pobre honrado sepultura.
 Vi quanta vaidade em nós se encerra,
 E dos próprios quão pouca; contra quem
 Foi logo necessário termos guerra.
 Que ia ilha que o rei de Porcá tem,
 Que o rei da Pimenta lhe tomara,
 Fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.
 Com ia armada grossa, que ajuntara
 O Viso-Rei, de Goa nos partimos
 Com toda a gente de armas que se achara.
 E com pouco trabalho destruímos

A gente no curvo arco exercitada;
Com mortes, com incêndios os punimos.
Era a Ilha com águas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Enfim, outra Veneza transladada.
Nela nos detivemos sós dous dias,
Que foram pera alguns os derradeiros,
Que passaram de Estige as águas frias.
Que estes são os remédios verdadeiros
Que pera a vida estão aparelhados
Aos que a querem ter por cavaleiros.
Oh! lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara água pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas árvores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado
O cuidado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor assíria tinto,
E dos torçais atálicos lavrado;
Se não tem as delícias de Corinto,
E se de Páριο os mármoreos lhe faltam,
O piropo, a esmeralda, e o jacinto;
Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,

Onde os cabritos seus, comendo saltam.
 Ali amostra o campo várias cores;
 Vem-se os ramos pender co fruto ameno;
 Ali se afina o canto dos pastores;
 Ali cantara Títilo e Sileno.
 Enfim, por estas partes caminhou
 A sã justiça para o Céu sereno.
 Ditoso seja aquele que alcançou
 Poder viver na doce companhia
 Das mansas ovelhinhas que criou!
 Este, bem facilmente alcançaria
 As causas naturais de toda a cousa:
 Como se gera a chuva e neve fria;
 Os trabalhos do Sol, que não repousa;
 E porque nos dá a Lua a luz alheia,
 Se tolher-nos de Febo os raios ousa;
 E como tão depressa o Céu rodeia;
 E como um só os outros traz consigo;
 E se é benigna ou dura Citereia.
 Bem mal pode entender isto que digo
 Quem há de andar seguindo o fero Marte,
 Que traz os olhos sempre em seu perigo.
 Porém seja, Senhor, de qualquer arte;
 Que, posto que a Fortuna possa tanto
 Que tão longe de todo o bem me aparte,
 Não poderá apartar meu duro canto
 Desta obrigação sua, em quanto a morte
 Me não entrega ao duro Radamanto;
 Se pera tristes há tão leda sorte.

SONETO 27⁴

Em flor vos arrancou de então crescida
– Ah! Senhor Dom Antônio! – a dura sorte,
 Donde fazendo andava o braço forte
 A fama dos Antigos esquecida.
 ha só razão tenho conhecida
Com que tamanha mágoa se conforte:
Que, pois no mundo havia honrada morte,
 Não podíeis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto
 Que co desejo meu se iguale a arte,
 Especial matéria me sereis;
E, celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte.
 Na memória das Gentes vivereis!

101

CANÇÃO 5⁵

Junto de um seco, fero e estéril monte,
 Inútil e despido, calvo, informe,
 Da Natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa ou fera dorme,
Nem rio claro corre ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce ruído;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
 É Feliz, por antífrase infelice;
 O qual a Natureza
 Situou junto à parte
Onde um braço do mar alto reparte
 Abássia da arábica aspereza,
 Onde fundada já foi Berenice,

Ficando à parte donde
 O Sol, que nela ferve, se lhe esconde;
 Nele aparece o cabo com que a costa
 Africana, que cem do Austro correndo,
 Limite faz. Arômata chamado;
 Arômata, outro tempo, que, volvendo
 Os céus, a ruda língua mal composta
 Dos próprios outro nome lhe tem dado;
 Aqui, no mar, que quer apressurado
 Entrar pela garganta deste braço,
 Me trouxe um tempo e teve
 Minha fera ventura.
 Aqui, nesta remota, áspera e dura
 Parte do Mundo, quis que a vida breve
 Também de si deixasse um breve espaço,
 Por que ficasse a vida
 Pelo mundo em pedaços repartida.
 Aqui me achei gastando uns tristes dias,
 Tristes, forçados, maus e solitários,
 Trabalhosos, de dor e de ira cheios;
 Não tendo tão-somente por contrários
 A vida, o sol ardente e as águas frias,
 Os ares grossos, férvidos e feios,
 Mas os meus pensamentos, que são meios
 Para enganar a própria Natureza,
 Também vi contra mim,
 Trazendo-me à memória
 Algia já passado e breve glória
 Que eu já no Mundo vi, quando vivi,
 Por me dobrar dos males a aspereza,
 Por me mostrar que havia

No mundo muitas horas de alegria.
Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e a vida; os quais tão alto
Me subiam nas asas, que caía
(E vede se seria leve o salto!),
De sonhados e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
Aqui o imaginar se convertia
Num súbito chorar e nuns suspiros
Que rompiam os ares.
Aqui, a alma cativa,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada e de pesares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexorável e importuna.
Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algia onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso.
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não, por que passasse
O que quis o Destino nunca manso.
Oh! que este irado mar, gritando, amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreiam!
Somente o Céu severo,
As estrelas e o Fado sempre fero,
Com meu perpétuo dano se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
 Saber inda por certo que algia hora
 Lembrava a uns claros olhos que já vi;
 E se esta triste voz, rompendo fora,
 As orelhas angélicas tocasse
 Daquela em cuja vista já vivi;
 A qual, tornada um pouco sobre si,
 Revolvendo na mente pressurosa
 Os tempos já passados
 De meus doces erros,
 De meus suaves males e furores,
 Por ela padecidos e buscados,
 Tornada (inda que tarde) piedosa,
 Um pouco lhe pesasse
 E consigo por dura se julgasse;
 Isto só que soubesse, me seria
 Descanso pera a vida que me fica;
 Com isto afagaria o sofrimento.
 Ah, Senhora! Senhora! E que tão rica
 Estais, que, cá tão longe, de alegria
 Me sustentais com doce fingimento!
 Em vos afigurando o pensamento,
 Foge todo o trabalho e toda a pena.
 Só com vossas lembranças,
 Me acho seguro e forte
 Contra o rosto feroz da fera Morte,
 E logo se me ajuntam as esperanças
 Com que a frente, tornada mais serena,
 Torna os tormentos graves
 Em saudades brandas e suaves.
 Aqui com elas fico perguntando

Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora;
Às aves que ali voam, se nos viram,
Que fazíeis, que estáveis praticando,
Onde, como, com quem, que dia e que hora?
Ali a vida cansada se melhora,
Toma espíritos novos, com que vença
A fortuna e Trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo que a tudo dará talho;
Mas o Desejo ardente, que detença
Nunca sofreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao sofrimento.
Assim vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
Podes-lhes responder que porque mouro.

105

REDONDILHA 27

Disparates seus na Índia
Este mundo es el camino
Adó hay ducientos vaus,
Ou por onde bons e maus
Todos somos del merino.
Mas os maus são de teor
Que, dêis que mudam a cor,
Chamam logo a el-Rei compadre;
E enfim, dejadlos, mi madre,
Que sempre têm um sabor
De... “quem torto nasce, tarde se endireita”.
Deixai a um que se abone;

Diz logo, de muito sengo:
 – *Villas y castillos tengo,*
Todos a mi mandar sone. –
 Então eu, que estou de molho,
 Com a lágrima no olho,
 Pelo virar do invés,
 Digo-lhe: – *Tu ex illis es,*
 E por isso não to olho:

Pois... “honra e proveito não cabem num saco.”

Vereis uns, que no seu seio
 Cuidam que trazem Paris,
 E querem com dous ceitis
 Fender anca pelo meio.
 Vereis mancebinho de arte
 Com espada em talabarte;
 Não há mais italiano!
 A este direis: – Meu mano,
 Vós sois galante que farte:

Mas... “pan y vino anda el camino, que no mozo garri-
 do.”

Outros em cada teatro
 Por ofício lhe ouvireis
 Que se *matarán con tres,*
Y lo mismo harán con cuatro.
 Prezam-se de dar respostas
 Com palavras bem compostas;
 Mas, se lhe meteis a mão,
 Na paz mostram coração,
 Na guerra mostram as costas:
 Porque... “aqui torce a porca o rabo”.
 Outros vejo por aqui,

A que se acha mal o fundo,
Que andam emendando o mundo
E não se emendam a si.
Estes respondem a quem
Deles não entende bem
El dolor que está secreto;
Mas porém quem for discreto
Responder-lhe-á muito bem:
– “Assim entrou o mundo, assim há de sair.”
Achareis rafeiro velho,
Que se quer vender por galgo:
Diz que o dinheiro é fidalgo,
Que o sangue todo é vermelho.
Se ele mais alto o dissera,
Este pelote pusera:
Que o seu eco lhe responda;
Que *su padre era de Ronda,*
Y su madre de Antequera,
E... “quer cobrir o céu com a joieira”.
Fraldas largas, grave aspecto
Pera senador romano.
Oh! que grandíssimo engano!
Que Momo me abrisse o peito!
Consciência, que sobeja;
Siso, com que o mundo reja;
Mansidão, outro que si;
Mas que lobo está em ti,
Metido em pele de *oveja!*
E... “sabem-no poucos”...
Guardai-vos de uns meus senhores,
Que ainda comprem e vendem;

Uns que é certo que descendem
 Da geração de pastores:
 Mostram-se-vos bons amigos,
 Mas, se vos vem em perigos,
 Escarram-vos nas paredes,
 Que de fora *dormiredes*,
 Irmão, que é tempo de figos;
 Porque... “de rabo de porco nunca bom virote”.
 Que dizeis duns, que as entranhas
 Lhe estão ardendo em cobiça?
 E, se têm mando, a justiça
 Fazem de teias de aranhas
 Com suas hipocrisias?
 Que são de vossas espias?
 Para os pequenos, uns Neros,
 Para os grandes, tudo feros.
 Pois tu, parvo, não sabias
 Que... “lá vão leis onde querem cruzados”?
 Mas tornando a uns enfadonhos
 Cujas cousas são notórias;
 Uns, que contam mil histórias
 Mais desmanchadas que sonhos;
 Uns, mais parvos que zamboas,
 Que estudam palavras boas,
 [A que ignorância os atiça:]
 Estes paguem por justiça,
 Que têm morto mil pessoas,
 Por... “vida de quanto quero”.
 Adonde tienen las mentes
 Uns secretos trovadores
 Que fazem cartas de amores,

De que ficam mui contentes?
Não querem sair à praça;
Trazem trova por negaça;
E se lha gabais que é boa,
Diz que é de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
Senão “ir-me por esse mundo”?
Ó tu, como me atarracas,
Escudeiro de solia,
Com bocais de fidalguia,
Trazidos quase com vacas;
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
Um destes nunca falar
mais “com viva alma”.
Uns que falam muito, vi,
De que quisera fugir;
Uns que, enfim, sem se sentir,
Andam falando entre si;
Porfiosos sem razão;
E dêz que tomam a mão,
Falam sem necessidade;
E se algia hora é verdade,
Deve ser na confissão;
Porque... “quem não mente...” Já me entendeis.
Ó vós, quem quer que me ledes,
Que haveis de ser avisado,
Que dizeis ao namorado
Que caça vento com redes?

Jura por vida da Dama,
 Fala consigo na cama,
 Passa de noite e escarra;
 Por falsete na guitarra
 Põe sempre: *Viva quem ama*,
 Porque... “calça a seu propósito”.
 Mas deixemos, se quiserdes,
 Por um pouco as travessuras,
 Por que entre quatro maduras
 Leveis também cinco verdes.
 Deitemo-nos mais ao mar;
 E, se algum se arreçar,
 Passe três ou quatro trovas.
 E vós tomais cores novas?
 Mas não é pera espantar;

110

Que... “Quem porcos há menos, em cada moita lhe
 roncam”.

Ó vós, que sois secretários
 Das consciências reais,
 Que entre os homens estais
 Por senhores ordinários:
 Por que não pondes um freio
 Ao roubar, que vai sem meio,
 Debaixo de bom governo?
 Pois um pedaço de inferno
 Por pouco dinheiro alheio
 Se vende... “a mouro e a judeu”.
 Porque a mente, afeiçoada
 Sempre à real dignidade,
 Vos faz julgar por bondade
 A malícia descalpada.

Move a presença real
 ha afeição natural,
Que logo inclina ao juiz
 A seu favor. E não diz
 Um rifão muito geral
Que... “o abade donde canta, daí janta”?
 E vós bailhais a esse som?
 Por isso, gentis pastores,
Vos chama a vós mercadores
 Um que só foi pastor bom.

REDONDILHA 77⁶

Sôbolos rios que vão
Por Babilônia, me achei,
 Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
 E quanto nela passei.
 Ali, o rio corrente
de meus olhos foi manado;
 E, tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
 Sião ao tempo passado.
 Ali, lembranças contentes
Na alma se representaram;
 E minhas cousas ausentes
 Se fizeram tão presentes
 Como se nunca passaram.
 Ali, depois de acordado,
Co rosto banhado em água,
 Deste sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado

Não é gosto, mas é mágoa.
 E vi que todos os danos
 Se causavam das mudanças
 E as mudanças dos anos;
 Onde vi quantos enganos
 Faz o tempo às esperanças.

Ali vi o maior bem
 Quão pouco espaço que dura,
 O mal quão depressa vem,
 E quão triste estado tem
 Quem se fia da ventura.
 Vi aquilo que mais val,
 Que então se entende melhor,
 Quanto mais perdido for;
 Vi ao bem suceder mal
 E, ao mal, muito pior.
 E vi com muito trabalho
 Comprar arrependimento.
 Vi nenhum contentamento,
 E vejo-me a mim, que espalho
 Tristes palavras ao vento.
 Bem são rios estas águas,
 Com que banho este papel;
 Bem parece ser cruel
 Variedade de mágoas
 E confusão de Babel.

Como homem que, por exemplo
 Dos transe em que se achou,
 Depois que a guerra deixou,
 Pelas paredes do templo
 Suas armas pendurou;

Assim, depois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.
Aquele instrumento ledó
Deixei da vida passada,
Dizendo: – Música amada,
Deixo-vos neste arvoredo,
À memória consagrada.
Frauta minha que, tangendo,
Os montes fazíeis vir
Pera onde estáveis, correndo,
E as águas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir,
Jamais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam;
E as ovelhas, que pastavam,
Das ervas se fartarão
Que por vos ouvir deixavam.
Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florescente;
Nem poreis freio à corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atrás vós a fonte pura,
Pois não pudestes mover
Desconcertos da ventura.
Ficareis oferecida

À Fama, que sempre vela,
 Frauta de mim tão querida;
 Porque, mudando-se a vida,
 Se mudam os gostos dela.
 Acha a tenra mocidade
 Prazeres acomodados,
 E logo a maior idade
 Já sente por pouquidade
 Aqueles gostos passados.
 Um gosto que hoje se alcança,
 Amanhã já o não vejo;
 Assim nos traz a mudança
 De esperança em esperança
 E de desejo em desejo.
 Mas em vida tão escassa
 Que esperança será forte?
 Fraqueza da humana sorte,
 Que quanto da vida passa
 Está receitando a morte!
 Mas deixar nesta espessura
 O canto da mocidade!
 Não cuide a gente futura
 Que será obra da idade
 O que é força da ventura.
 Que idade, tempo, o espanto
 De ver quão ligeiro passe,
 Nunca em mim puderam tanto
 Que, posto que deixe o canto,
 A causa dele deixasse.
 Mas em tristezas e nojos,
 Em gosto e contentamento,

Por sol, por neve, por vento,
Terné presente a los ojos
Por quien muero tan contento.
Órgãos e fruta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro que ali estava,
Que pera troféu ficava
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da afeição
Que ali cativo me tinha,
Me perguntaram então:
Que era da música minha
Que eu cantava em São?
Que foi daquele cantar
Das gentes tão celebrado?
Por que o deixava de usar?
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado.
Canta o caminhante ledó
No caminho trabalhoso.
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso,
Cantando, refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.
Eu, que estas cousas senti
Na alma, de mágoas tão cheia,
– Como dirá, respondi,

Quem tão alheio está de si
 Doce canto em terra alheia?
 Como poderá cantar
 Quem em choro banha o peito?
 Porque, se quem trabalhar
 Canta por menos cansar,
 Eu só descansos enjeito.
 Que não parece razão
 Nem seria cousa idônea
 Por abrandar a paixão,
 Que cantasse em Babilônia
 As cantigas de Sião.
 Que, quando a muita graveza
 De saudade quebrante
 Esta vital fortaleza,
 Antes mouro de tristeza
 Que, por abrandá-la, cante.
 Que, se o fino pensamento
 Só na tristeza consiste,
 Não tenho medo ao tormento:
 Que morrer de puro triste,
 Que maior contentamento?
 Nem na fruta cantarei
 O que passo e passei já,
 Nem menos o escreverei;
 Porque a pena cansará
 E eu não descansarei.
 Que, se vida tão pequena
 Se acrescenta em terra estranha,
 E se amor assim o ordena,
 Razão é que canse a pena

De escrever pena tamanha.
Porém se, para assentar
O que sente o coração,
A pena já me cansar,
Não canse pera voar
A memória em Sião.

*

Terra bem-aventurada,
Se, por algum movimento,
Da alma me fores mudada,
Minha pena seja dada
A perpétuo esquecimento.
A pena deste desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.
E se eu cantar quiser,
Em Babilônia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito.
A minha língua se apegue
Às fauces, pois te perdi,
Se, enquanto viver assim,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti!
Mas, ó tu, terra de Glória,
Se eu nunca vi tua essência,
Como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,

Senão na reminiscência.
Que a alma é tábua rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina,
Que voa da própria casa
E sobe à pátria divina.
Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Céu,
Daquela santa cidade,
Donde esta alma descendeu.
E aquela humana figura,
Que cá me pôde alterar,
Não é quem se há de buscar:
É raio da Ferosura
Que só se deve de amar.
Que os olhos e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, mas da candeia,
É sombra daquela ideia
Que em Deus está mais perfeita.
E os que cá me cativaram
São poderosos afeitos
Que os corações têm sujeitos;
Sofistas que me ensinaram
Maus caminhos por direitos.
Destes o mando tirano
Me obriga, com desatino,
A cantar, ao som do dano,
Cantares de amor profano
Por versos de amor divino.

Mas eu, lustrado co santo
Raio, na terra de dor,
De confusões e de espanto,
Como hei de cantar o canto
Que só se deve ao Senhor?
Tanto pode o beneficio
Da Graça, que dá saúde,
Que ordena que a vida mude:
E o que tomei por vício
Me faz grau para a virtude.
E faz que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular beleza
Para a Beleza geral.
Fique logo pendurada
A fruta com que tangi,
Ó Hierusalém sagrada,
E tome a lira dourada
para só cantar de ti;
Não cativo e ferrolhado
Na Babilônia infernal,
Mas dos vícios desatado
E cá desta a ti levado,
Pátria minha natural.
E se eu mais der a cerviz
A mundanos acidentes,
Duros, tiranos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E, tomando já na mão

A lira santa e capaz
 Doutra mais alta invenção,
 Cale-se esta confusão,
 Cante-se a visão da paz!

*

Ouçá-me o pastor e o Rei,
 Retumbe este acento santo,
 Mova-se no mundo espanto;
 Que do que já mal cantei
 A palinódia já canto.
 A vós só me quero ir,
 Senhor e grão Capitão
 Da alta torre de Sião,
 À qual não posso subir,
 Se me vós não dais a mão.
 No grão dia singular
 Que na lira o douto som
 Hierusalém celebrar,
 Lembrai-vos de castigar
 Os ruins filhos de Edom.
 Aqueles que tintos vão
 No pobre sangue inocente,
 Soberbos co poder vão;
 Arrasai-os igualmente,
 Conheçam que humanos são.
 E aquele poder tão duro
 Dos afeitos com que venho,
 Que incendem alma e engenho;
 Que já me entraram o muro
 Do livre arbítrio que tenho;
 Estes, que tão furiosos

Gritando vêm a escalar-me,
Maus espíritos danosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derrubar-me;
Derrubai-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbeles;
Porque não podemos nós
Nem com eles ir a Vós,
Nem sem Vós tirar-nos deles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defesa,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha fortaleza
Não puserdes guarnição.
E tu, ó carne que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de misérias cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia,
Beato só pode ser
Quem coa ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste;
Quem com disciplina crua
Se fere mais que ia vez,
Cuja alma, de vícios nua,
Faz nódoas na carne sua,
Que já a carne na alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes

E em nascendo os afogar,
Por não virem a parar
Em vícios graves e urgentes;
Quem com eles logo der
Na pedra do furar santo
E, batendo, os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Enfim cabeça do Canto;
Quem logo, quando imagina
Nos vícios da carne má,
Os pensamentos declina
Àquela Carne divina
Que na Cruz esteve já;
Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visível,
Quanto ao homem for possível,
Passar logo o entendimento
Pera o mundo inteligível:
Ali achará alegria
Em tudo perfeita e cheia,
De tão suave harmonia,
Que, nem por pouca, recreia,
Nem, por sobeja, enfastia.
Ali verá tão-profundo
Mistério na suma alteza
Que, vencida a natureza,
Os mores faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
Ó tu, divino aposento,
Minha pátria singular,
Se só com te imaginar

Tanto sobe o entendimento,
Que fará, se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Pera ti, terra excelente,
Tão justo e tão penitente
Que, depois de a ti subir,
Lá descansa eternamente!

SONETO 27

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecer-te
Algia cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,
Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

123

SONETO 57⁸

Oh como se me alonga de ano em ano
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!
Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
Perde-se-me um remédio que inda tinha;

Se por experiência se advinha,
 Qualquer grande esperança é grande engano.
 Corro após este bem que não se alcança;
 No meio do caminho me falece;
 Mil vezes caio e perco a confiança.
 Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
 Se os olhos ergo, a ver se inda aparece,
 Da vista se me perde e da esperança

CANÇÃO 4⁹

Já a roxa manhã clara
 Do Oriente as portas vinha abrindo,
 Dos montes descobrindo
 A negra escuridão da luz avara.
 O Sol, que nunca para,
 De sua alegre vista saudoso,
 Trás ela, pressuroso,
 Nos cavalos cansados do trabalho,
 Que respiram nas ervas fresco orvalho,
 Se estende, claro, alegre e luminoso.
 Os pássaros, voando,
 De raminho em raminho vão saltando,
 E com suave e doce melodia
 O claro dia estão manifestando.
 A manhã bela e amena,
 Seu rosto descobrindo, a espessura
 Se cobre de verdura,
 Clara, suave, angélica, serena.
 Oh! deleitosa pena!
 Oh! efeito de Amor alto e potente!
 Que permite e consente

Que onde quer que me ache e onde esteja,
O seráfico gesto sempre veja
Por quem de viver triste sou contente!
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excelentes,
Que representes tanta fermosura.
A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,
E os cabelos de ouro,
Não iguala os que vi, mas arreda.
Esta é a luz que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;
O orvalho das flores delicadas
São nos meus olhos lágrimas cansadas,
Que eu choro co prazer de meu tormento;
Os pássaros que cantam
Meus espíritos são, que a voz levantam,
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som que o mundo espantam.
Assim como acontece
A quem a cara vida está perdendo,
Que, enquanto vai morrendo,
Algia visão santa lhe aparece,
A mim, em quem falece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A esta alma que em vós mora
(Enquanto da prisão se está apartando),
Vos estais juntamente apresentando
Em forma da fermosa e roxa Aurora.

Oh! ditosa partida!
 Oh! glória soberana, alta e subida,
 Se mo não impedir o meu desejo,
 Porque o que vejo, enfim, me torna a vida!
 Porém a Natureza,
 Que nesta vista pura se mantinha,
 Me falta tão asinha
 Quão asinha o sol falta à redondeza.
 Se houverdes que é fraqueza
 Morrer em tão penoso e triste estado,
 Amor será culpado,
 Ou vós, onde ele vive tão isento,
 Que causastes tão largo apartamento
 Porque perdesse a vida co cuidado.
 Que, se viver não posso
 (Homem formado só de carne e osso,
 Esta vida que perco, Amor ma deu;
 Que não sou meu), se mouro, o dano é vosso.
 Canção de cisne, feita em hora extrema,
 Na dura pedra fria
 Da memória te deixo, em companhia
 Do letreiro de minha sepultura,
 Que a sombra escura já me impede o dia.

NOTAS

¹ Soneto 35.

² Elegia 3.

³ Elegia 3.

⁴ Soneto 12.

⁵ Canção 8.

⁶ Paráfrase do salmo *Super Flumina Babylonis*.

⁷ Soneto 24.

⁸ Soneto 48.

⁹ Canção 5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSNETT, Susan. Translation Studies. New York: Routledge, 2002.

CAMÕES, Luís de. Obras Completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar Editora, 1963.

COELHO, Luis Francisco Xavier (org.). Obras de Luis de Camões, Príncipe dos Poetas de Espanha. T. 4. Lisboa: Officina Luisiana, 1780. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=DCEBAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=fr>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

DARNTON, Robert. O Beijo de Lamourette. In: O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura, Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 22-39.

DENIS, Ferdinand. Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Índio. Paris: Louis Janet, 1824. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5714986t>>. Acesso em 30 de março de 2012.

FARIA E SOUSA, Manuel de. Europa Portuguesa. T.III. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1680. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Europa_Portuguesa.html?id=Y19JAAAACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). Os Lusíadas. Madrid: Iuan Sanchez, 1639. 2v. Disponível em: <<http://purl.pt/23676>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). Rimas Várias de Luís de Camões. T. I-II. Lisboa: Theotónio Damaso de Mello, 1685. Disponível em: <<http://purl.pt/14198>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). Rimas Várias de Luís de Camões. T. III-V. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1688. Disponível em: <<http://purl.pt/14199>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

MOREIRA, Francisco Alberto Torres. Em torno de Filinto Elísio – Ensaios. Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2011.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. A Crítica Camoniana no Século

XVII. Amadora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

RABBE, Alphonse. Résumé de L'Histoire de Portugal, Depuis les Premiers Temps de la Monarchie Jusqu'en 1823. Avec une introduction par R. T. Chatelain. Paris: Lecointe et Durey, 1824. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=MK15195-1KMC>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

RAYNOUARD, François. Camoens. Ode. Traduzido para o português por Francisco Manuel do Nascimento. Anais das Ciências, das Artes e das Letras, Paris, t. V, 1819, segunda parte, p. 1-15.

SANÉ, Alexandre-Marie. Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie De Plusieurs Essais de Traduction Française Interlinéaire et de Différens Morceaux de Prose et de Poésie, Extraits des Meilleurs Classiques Portugais. Paris: Cérioux Jeune; Nicolle; Cussac, s/d.

SANÉ, Alexandre-Marie. Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel. Traduites en Français, avec le Texte en Regard. Précédées d'une Notice sur l'Auteur et d'une Introduction sur la Littérature Portugaise. Avec de Notes historiques, géographiques et littéraires. Paris: Cérioux Jeune, 1808.

SOUZA-BOTELHO, José Maria de (org.). Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões [de acordo com a edição de 1817, In-4º]. Paris Firmin Didot, 1819.

Que assi mereça eterno nome e glória: a Narrativa Biográfica Camões e José Índio, de Ferdinand Denis

Rafael Souza Barbosa

*Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão há que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas da memória.*

Os Lusíadas, Canto II

130

Escrita no limiar entre a independência das colônias sul-americanas e a promoção do neocolonialismo e no ápice do orientalismo em Paris, *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Índio*, obra in-8 com mais de quinhentas páginas (IV-516), foi originalmente publicada em 1824², em Paris, por Louis Janet. A qualidade dessa edição é notável, pois a encadernação é em meio-couro, e a lombada possui gravações em dourado com nervuras. O editor, que fazia encadernações de luxo e em série, publicava regularmente almanaques, anuários e *livres d'étrennes*. Trata-se de uma obra cindida em dois, conforme anuncia o título. A primeira parte formula uma poética tropical e fornece duas narrativas condizentes, ocupando cerca de 400 páginas do volume (IV-407). Bastante diversa, a segunda parte é constituída de uma narrativa e de uma ode³ que abordam a vida de Camões, sua amizade com José Índio e a história de Portugal, ocupando cerca de cem (409-501) do total de páginas do volume. Pretende-se, assim, apresentar sumariamente o autor e o conjunto da obra;

detendo-se a seguir na análise da narrativa biográfica acerca do poeta português.

Seu autor, Jean-Ferdinand Denis (1798-1890), nasceu em Paris em 13 de agosto de 1798, alguns meses antes do 18 Brumário, e foi o segundo filho de uma família empobrecida pela Revolução Francesa (BOURDON, 1958, p.145). Em 1801, seu pai, Joseph-André Denis, deixou o cargo de tradutor juramentado do Conseil de Prises Maritimes e foi integrado à divisão dos consulados do Ministério das Relações Exteriores, onde passou a ser protegido por Talleyrand⁴. No mesmo ano, o ministro concedeu uma bolsa parcial a Alphonse, irmão mais velho de Ferdinand, para frequentar o Lycée de Versailles. Posteriormente, Alphonse foi admitido na École Spéciale Militaire de Saint-Cyr, onde obteve o grau de subtenente (alferes) às vésperas da campanha que culminaria com a abdicação de Napoleão.

131

Ferdinand, de sua parte, cursou o primário em uma outra instituição privada, sem qualquer tipo de subvenção. Em 1810, Joseph-André tentou inscrevê-lo na École de Jeunes de Langues, atual Institut National des Langues et Civilisations Orientales, pois ambicionava para o filho uma carreira consular no Oriente, mas não obteve sucesso. Em 1813, novo pedido de inscrição foi também rejeitado, pois nascera Francisca, irmã mais nova de Ferdinand, agravando ainda mais a situação financeira da família⁵. Com a dissolução do império napoleônico, Joseph-André foi removido de seu cargo junto ao Ministério. Alphonse, tendo sido condecorado pela Batalha de Monterau, passou à categoria dos *demi-soldes*⁶ e tentou se inserir na vida civil como escritor de melodramas e de vaudevilles. A família Denis encontrava-se em franca decadência econômica, e coube a Ferdinand a tentativa mais dramática de reverter essa situação.

De posse de uma carta de recomendação escrita por Francisco Manuel do Nascimento, Filinto Elísio da Arcádia Lusitana

(LE GENTIL, 1926, p. 297), então exilado em Paris, Ferdinand Denis partiu para o Brasil em 1816, com Henri Plasson, a fim de se dirigir, posteriormente, às Índias Orientais (BOURDON, 1958, p. 153). Adolphe Dubois, amigo da família, encontrava-se no Oriente e se colocara à disposição de Ferdinand para arranjar-lhe um posto em Bengala. Com a transferência da família real, esperava encontrar no Brasil um navio para Goa (DÓRIA, 1912, p. 221) e decidiu acompanhar Plasson, que fora nomeado agente consular da França na Bahia.

Assim, deixou Paris e aportou no Rio de Janeiro em 1817. Poucos meses depois, não tendo encontrado qualquer navio para o Oriente, mudou-se para a Bahia, onde permaneceu por cerca de dois anos. Durante essa estada, realizou pequenos trabalhos para garantir a subsistência, principalmente para o consulado, e logo se tornou frequentador assíduo da Biblioteca Municipal de Salvador. Conheceu Hippolyte Taunay, que viera ao Brasil com seu pai e irmãos na Missão Artística Francesa, com quem compartilharia a autoria de algumas obras nos anos subsequentes. Conforme Le Gentil (1926, p. 302), o papel exercido por Taunay, “companheiro ambicionado que surge como um *deus ex machina*”, parece ter sido preponderante durante sua estada. Em junho de 1819, logo após a partida desse amigo, Ferdinand empreendeu uma excursão ao Vale do Jequitinhonha, pois julgava enriquecer na região das Minas Novas (LE GENTIL, 1926, p. 302). Contudo, não obteve sucesso e, em setembro do mesmo ano, iniciou a viagem de retorno à França⁷.

Ao retornar a Paris, Denis iniciou um período de intensa atuação e produção bibliográfica. Em 1821, traduziu para o francês a carta de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil (CAMINHA, 1821) e os capítulos sobre as capitânicas do Pará, do Solimões (CASAL, 1821a) e do Mato Grosso (CASAL, 1821b) da obra *Corografia Brasílica* (1817), de Aires Casal, pu-

blicando-os em dois periódicos⁸. Em 1822, publicou, em coautoria com Taunay⁹, *Le Brésil* (6 v.) na coleção *Moeurs et Usages, Arts et Métiers de Tous les Peuples*, da editora Nepveu, de Paris. No frontispício da primeira edição, os autores são apresentados, respectivamente, como membro do Athenée des Sciences, Lettres et Arts de Paris e correspondente do Museu de História Natural de Paris. Em 1823, publicou *Buenos-Ayres et le Paraguay* (2 v.) e *La Guyane* (2 v.) nessa coleção. Em 1824, publicou, também em co-autoria com Taunay, *Notice Historique et Explicative du Panorama du Rio de Janeiro*. Conforme Cordier (1890, p. 7), os panoramas estavam em voga na Europa, e ambos foram encarregados de comentar essa pintura, realizada a partir de desenhos feitos por Felix-Émile Taunay. Neste ano, publicou também *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Indio*, que, segundo Le Gentil (1926, p. 304), “resume todos os ensaios anteriores e anuncia todos os trabalhos futuros”.

133

Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Indio foi a primeira obra de cunho abertamente ficcional escrita pelo autor, tendo conquistado crítica incisiva de Sainte-Beuve (1987, p. 153-157) no jornal *Le Globe*. No ano seguinte, Ferdinand Denis publicou o *Résumé de l'Histoire du Brésil et de la Guyane*, reeditado no mesmo ano. Conforme Joaquim Norberto (1890, p. 476), a parte referente ao Brasil foi traduzida e adotada como leitura, por circular do governo, nas escolas primárias do Império. Em 1826, publicou o *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, Suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, obra pioneira do gênero que forneceu fundamentos críticos para as histórias da literatura brasileira e portuguesa.

Ferdinand Denis relacionou-se diretamente com diversos intelectuais brasileiros e portugueses. Conviveu com Francisco

Manuel do Nascimento parte de sua infância e com Almeida Garrett¹⁰ e Alexandre Herculano enquanto estiveram exilados em Paris (VICTOR, 1890, p. 189). Aproximou-se da Academia de Ciências de Lisboa, da qual foi eleito membro em 1855, durante sua estada em Portugal, ao longo de uma demorada excursão pela Península Ibérica, resultante de uma tentativa frustrada de viagem ao Oriente¹¹ (VICTOR, 1890, p. 189). Recebeu Gonçalves de Magalhães e sua comitiva em 1836, por ocasião do lançamento da revista *Nitheroy* (BAREL, 2002, p. 65), e manteve uma troca regular de cartas com eles e com outros intelectuais brasileiros, especialmente com D. Pedro II. Ocupou os cargos de bibliotecário (1838-1841), de conservador (1841-1865) e de administrador (1865-1885) da Bibliothèque Sainte-Geneviève onde, conforme Jaime Victor (1890, p. 190), reuniu “a mais rica coleção de livros portugueses que possui Paris, e sem dúvida a mais completa que existe no estrangeiro”. Após sua morte, uma parte de seu acervo pessoal foi legado a essa biblioteca, que o conserva até hoje, e outra foi vendida em um leilão no hotel Drouot sem sequer ser estabelecido um catálogo, conforme contam Cordier (1890, p. 20) e Dória (1912, p. 230). Ao longo de sua vida, foi agraciado com os seguintes prêmios: a Ordem de Isabel a Católica pela Espanha; a Ordem de Cristo por Portugal; a Imperial Ordem da Rosa pelo Brasil (CORDIER, 1890, p. 6); e a Legião de Honra pela França (VICTOR, 1890, p. 190).

Na parte relativa a *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie*, o autor sustenta a importância de se conhecer as ideias dos homens subjugados pela Europa na medida em que poderiam colaborar com o alargamento da literatura europeia, que tirara pouco proveito dessas circunstâncias¹². O princípio central que o orienta é a noção de que a natureza influencia a imaginação, conforme propusera Alexander von Humboldt¹³. O livro pretende, assim, “relacionar a influência da

natureza na imaginação dos homens que vivem nos países quentes” e “dar a conhecer aos europeus o partido que eles podem tirar de grandes cenas das quais costumam ter apenas uma ideia imperfeita” (DENIS, 1824, p. III, tradução nossa).

A influência da natureza na imaginação se deve ao clima ardente dos trópicos que convida seus habitantes ao devaneio e condiciona-os à produção de uma poesia meditativa. Denis acrescenta que a língua está repleta de expressões figuradas, que lembram constantemente ideias poéticas em estado bruto, tornando todos poetas portadores de “faíscas de uma chama sagrada” (DENIS, 1824, p. 8). Em comparação à Europa, “tudo é mais forte, mais rico, mais belo” (DENIS, 1824, p. 2). Dessa maneira, o autor reúne um repertório variado de imagens, impressões e considerações acerca de fenômenos inspiradores e procura explorar a poeticidade que oferecem, tendo em vista o leitor europeu. São oferecidas cenas com acentuado teor paisagístico¹⁴ cujo valor estético concentra, concomitantemente, imagem e efeito. A palmeira, é apresentada da seguinte maneira:

135

Por vezes, como um ramo verdejante, cresce do íntimo da terra e protege as flores mais humildes com suas palmas; por vezes, escalando os ares soberbamente, reina sobre todas as outras árvores. Ela se lança com tamanha grandeza que foi proclamada pelos homens a rainha da floresta. (DENIS, 1824, p. 9-10, tradução nossa).

As duas narrativas contidas nesta parte da obra procuram abarcar tanto a poeticidade da natureza quanto costumes de seus habitantes e acontecimentos que os marcaram. *Os Maxacalis* (DENIS, 1979), narrativa que transcorre ao longo de cerca de 60 páginas (130-194), aborda os infortúnios de Kamuraí, chefe desta tribo, relatados a um viajante português no povoado de Canavieras. Ao se apaixonar pela filha de um dirigente local, firmou um acordo baseado na conquista de riquezas e na sua con-

versão ao cristianismo que culminaria no matrimônio, mas o pai da moça não cumpriu sua parte. Após o rapto da amada, travou-se um conflito entre índios e brancos, encerrado com a separação definitiva de Kamurá e de Helena, ainda que seu amor fosse mútuo. A temática indígena, permeada por uma intriga amorosa, fora abordada em *Atala, ou Les Amours de Deux Sauvages dans le Désert* (1801), de François-René de Chateaubriand, que enfatiza a relação moral entre branco e autóctone de forma análoga a *Os Maxacalis*. Como Denis era leitor de Chateaubriand, evidencia-se uma atualização dessa temática com a supervalorização de seus elementos pitoresco e pictórico a partir de um realce na representação da paisagem.

136

Palmares, narrativa que transcorre ao longo de cerca de 100 páginas (238-334), aborda a trajetória de Zumbi, líder e herói negro, desde sua chegada ao Brasil até a destruição de Palmares. Ao ser interpelado por um estrangeiro, Juan revela ser filho de Zumbi e relembra a incessante busca de seu pai por Zara, princesa africana, tendo cruzado o Brasil e se tornado chefe daquele quilombo. Embora não fosse o primeiro autor a abordar o tema, é marcante o tratamento literário que Denis (1824, p. 237, tradução nossa) concede a este episódio por considerá-lo “um dos maiores acontecimentos que se passaram no Novo Mundo”. Além do realce paisagístico semelhante ao de *Os Maxacalis*, enfatiza-se a importância da história de Zumbi para a memória social da história colonial.

Tendo anteriormente colaborado com a difusão da obra *Corografia Brasília* através de sua tradução, o autor distancia-se da posição de Aires de Casal de omissão da figura do negro, posição que foi institucionalizada com a fundação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 (REIS, 2004, p. 39). De fato, a narrativa se encerra com os seguintes dizeres do neto do líder negro, ao retornar do sítio onde se localizara Palmares:

Fui até o vale, e sentei-me em meio às palmeiras estendidas sobre a areia; tuas histórias vieram-me à memória, considereei tristemente o teatro dos infortúnios de Zumbi... Ai de mim, imagina só, enquanto estava mergulhado em meus devaneios, umas jovens vieram colher os frutos de alguns tamarindeiros que ainda se erguem junto ao lago; guirlandas de cássia coroavam-lhes as frentes de ébano, elas começaram a dançar e suas vozes elevaram-se alegremente; mas não celebravam Palmares; pareciam ignorar os acontecimentos que ocorreram tão perto delas; assim, pois, em poucos anos, tudo se esquece!... Foi por mim que ficaram sabendo das infelicidades de sua antiga pátria; seus olhos expressaram dor quando lhes falei de meu avô, mas o prazer as chamava e acabaram convidando-me a acompanhá-las em suas danças. Não, disse eu, não posso ficar alegre neste lugar. Subi ao rochedo e chorei. (DENIS, 1997, p. 44)

Em *Camöens et Jozé Índio* [*Camões e José Índio*], Ferdinand Denis constrói uma ficção biográfica a partir do entrecruzamento de fatos biográficos, obra poética, vida inventada e história. Embora a poética da paisagem também esteja presente nesta parte da obra, ela se diferencia da primeira na medida em que trata de dois personagens europeus e vale-se da forma biográfica. A narrativa inicia com o retorno dos dois personagens a Portugal. Com a chegada de Camões e de José Índio a Lisboa, o religioso revê Clara, sua amada que julgara morta, e encara o dilema moral do confronto entre celibato clerical e reaproximação amorosa. A fim de mitigar a desdita do companheiro de viagem, Camões decide tirar do esquecimento infortúnios que marcaram sua vida.

A narração realizada pelo poeta reconstitui seu percurso biográfico desde a infância, ressaltando os sucessivos reveses, e aborda igualmente fatos da história de Portugal de que não par-

ticipou diretamente. Camões conta que, se pôde desfrutar da felicidade, foi apenas durante sua infância, já que, após deixar a casa paterna, os instantes de tranquilidade seriam breves se comparados aos momentos de desdita. O poeta tenta estabelecer elos causais entre eventos, tanto pessoais quanto históricos, de modo que procura elucidar seu processo formativo e também o de Portugal. Dito de outra maneira, há uma busca em esclarecer não só o que o tornara, mental e fisicamente, o Camões conhecido por José Índio, mas também os acontecimentos que tornaram a corte portuguesa imponente e que culminaram com a glória da nação. Dessa maneira, o poeta revela como, ainda sem poder compreender totalmente, sentia manifestar-se seu entusiasmo poético; como, em Coimbra, os mestres tentavam sufocá-lo; e como, na corte, o amor por Catarina de Ataíde fizera seu gênio manifestar-se integralmente. Conta também como seu corpo se transformou e adquiriu o semblante que então apresentava, uma vez que perdeu um olho em combate; teve sua juventude consumida já no primeiro exílio; e sua face foi marcada por sucessivas batalhas.

Camões procura destacar, à medida que rememora, como sua produção poética impactou diretamente sua vida prática. Nessa medida, estabelece nexos causais entre a escrita de alguns versos, indiscretos sobre Ataíde e indignados sobre os desmandos da administração colonial, e seus dois exílios, o primeiro no Ribatejo e o segundo nas Índias. Analogamente, sugere que Pedro de Barreto, que convidara o poeta a segui-lo com o pretexto de desfrutar sua amizade, interessava-se mais por seus versos do que por sua companhia efetiva. Traça-se, assim, um percurso biográfico diretamente condicionado pelas obras que escreveu e, concomitantemente, indica-se uma obra poética perpassada pela vida que o poeta teve.

Com o término desta narração retrospectiva, retoma-se o

dilema moral de José Índio, e a intriga romanesca assume o primeiro plano da narrativa. Com o reencontro entre Clara e o religioso, ambos aceitam a impossibilidade de consumir seu amor, e José Índio promete deixar Portugal, a fim de confortar outros desditosos como ele. Entretanto, Lisboa é acometida por um episódio grave da peste negra em que o religioso adoece e em que sua amada falece. Após ser cuidado por Camões e finalmente recuperar a saúde, José Índio abandona o poeta e parte para cumprir a promessa feita a Clara. De maneira análoga à rememoração camoniana, estabelece-se umnexo causal entre a partida de José Índio e o flagelo da peste negra, de modo a inserir um evento histórico na narrativa, e, concomitantemente, fortalecer a inscrição da narrativa na temporalidade histórica.

Após um período de peregrinação, José Índio decide retornar a Portugal. Em viagem, aporta nas costas africanas e une-se aos exércitos de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir. O religioso é encarregado de portar o estandarte português durante o combate e, com a derrota, torna-se prisioneiro dos inimigos. Resgatado por portugueses, retorna a Lisboa e procura, sem sucesso, Camões. Frustrado, suspeita que o poeta falecera e passa a duvidar de sua busca. Decide visitar o túmulo de Clara, onde encontra versos talhados por Camões, de modo que se renova vontade de encontrá-lo. Ao deixar o templo, reconhece o escravo do poeta, que conta a José Índio a situação miserável em que ele e Camões viviam¹⁵. Os dois tornam a procurar por Camões, e José Índio finalmente o encontra no asilo onde falecera Clara. Moribundo e miserável, Camões demora a reconhecer José Índio e revela ter esperado pelo religioso. Resignado, rejeita qualquer consolo e profere palavras duras, em cujo tom ecoa o epílogo de *Os Lusíadas*. O poeta silencia e falece nos braços de José Índio, cuja morte, anunciada pelo narrador, encerra a narrativa.

Camões e José Índio resulta de uma apropriação da bio-

grafia camoniana e da história de Portugal que se entrelaçam no corpo de uma ficção de alto valor alegórico. Trata-se, assim, de uma obra que, face a gêneros literários do século XIX, apresenta uma forma textual de difícil classificação. Inicialmente biográfico, *Camões e José Índio* não só insere eventos históricos não diretamente vividos pelo poeta e dedica a José Índio uma parte significativa no enredo, mas também vale-se da poesia camoniana e a incorpora em seus interior e margens.

140 O núcleo biográfico da narrativa, que corresponde predominantemente à rememoração de Camões, relaciona-se com biografias do poeta, inserindo-se em uma tradição, e também compartilha procedimentos ficcionais com outras obras deste gênero. Embora se aproprie de fatos e de eventos presentes em obras anteriores, a urdidura biográfica de *Camões e José Índio* não realiza apenas uma reescrita do já conhecido, uma vez que empreende um arranjo inusitado. Nessa medida, é necessário não só abordar as fontes em que se baseou Ferdinand Denis para fixar a vida do poeta, mas também considerar as técnicas do fazer biográfico de que dispunha. A fim de melhor analisar o manejo da vida camoniana, discutem-se modelos biográficos que, desde a Antiguidade, condicionaram, direta ou indiretamente, a tarefa empreendida por Denis.

A forma biográfica da Grécia Antiga funcionava, fundamentalmente, enquanto um modelo moral com fins pedagógicos, de modo a garantir a transmissão de valores pela posteridade. Abarcando vida e maneira de viver [*bioi*], constituía-se em um discurso de virtudes e procurava identificar e conservar indivíduos relevantes para a coletividade. Os discursos biográficos encontraram sua materialidade em epigramas funerários, os quais, a partir do século IV a. C., passaram veicular informações biográficas dos homenageados. O elogio de Isócrates a Evágoras constitui um caso paradigmático, pois apresenta este príncipe,

cujo futuro é anunciado por presságios, enquanto parte de uma genealogia que remonta a Zeus. Nesta medida, torna-se evidente o desejo de construção de uma imagem que, a um só tempo, cristaliza-se face ao tempo e torna-se edificante para a posteridade. Também paradigmático, o elogio fúnebre de Xenofonte a Agesilau (c. 360 a. C.) lista inicialmente os feitos políticos deste último, em ordem cronológica, e enumera posteriormente suas virtudes. Ressalta-se que os epigramas relatam apenas a vida pública de seus biografados, isto é, o que interessa por seu teor político. Além de dar a conhecer certos traços de sua personalidade, esta forma biográfica pretende também lutar contra o esquecimento e selecionar o que deve ser conservado, de forma análoga à *historiè* de Heródoto.

Com a centralização do poder em Roma, ampliaram-se as formas biográficas e seu escopo, de modo que os trabalhos de Suetônio e de Plutarco sobrepuseram-se ao legado grego e mantiveram-se atuais por um período mais longo. Suetônio, com *Vidas dos Doze Césares*, conformou uma forma biográfica erudita que pretende fornecer informações autênticas em relação à carreira daqueles chefes políticos. Apesar do anseio historiográfico de busca de verdade, recorreu a anedotas e realizou avaliações de cunho moral. Este modelo foi posteriormente adotado pelas hagiografias, que se tornaram o gênero biográfico predominante durante a Idade Média. Plutarco, com *Vidas Paralelas*, produziu biografias que buscam revelar traços de destaque de um perfil psicológico em sua ambivalência e complexidade. Nesta medida, o biografado apresenta uma forte personalidade e age de acordo com um ideal, consagrando-se inteiramente a ele. Isto faz com que seu caráter seja posto à prova por meio de suas ações (*práxis*), instaurando uma tensão entre sua virtude (*areté*) e a implacabilidade da história. Dessa maneira, confere-se a sua vida um valor exemplar e um tom moralizante, que conformam

sua universalidade através do princípio de *magistra vitae*. Ainda que este princípio baseie-se na continuidade e contiguidade temporais, os relatos avançam em fragmentos descontínuos, com o intercalação de descrições físicas e morais, e rompem com as sequências e continuidade históricas. A prática biográfica de Plutarco cristalizou o gênero que, prospectivamente, graças a sua recepção, logrou enorme sucesso e manteve seu valor paradigmático até o século XIX.

142

Os governantes da época fazem dele [Plutarco] seu preceptor, seu guia em matéria de conduta no âmbito das responsabilidades políticas. O historiógrafo do século XVI, La Popelinière, vê em Plutarco uma frequência obrigatória para todos os príncipes de seu tempo. É lido como contemporâneo pelos homens da Renascença, um companheiro, um exemplo a seguir. Montaigne confessará: “Plutarco é o meu camarada”. No século XVII, o poder monárquico, em pleno esplendor de autocelebração, nutre-se de Plutarco; e quando o dramaturgo Racine vai ler para o rei Luís XIV, acamado, escolhe as *Vidas Paralelas*. Ainda no século XVIII, Rousseau fez dele sua leitura predileta (...). Mais tarde, Napoleão faz dele seu modelo e carrega na mochila, em todos os périplos de sua grande aventura, o volume das *Vidas Paralelas*. (...) A influência de Plutarco aumenta até a Restauração. (...) No entanto, a partir da Restauração, os raios da estrela biográfica fenecem por longo tempo e o gênero cai no descrédito (...). (DOSSE, 2009, p. 126-127)

Entre os séculos XIII e XV após a cristianização, a biografia cavalheiresca emergiu, diretamente ligada ao gênero épico e às canções de gesta, e evoluiu no interior de um processo de laicização e de temporalização da sociedade. Obra geralmente encomendada, esta forma biográfica celebra proezas militares e estados de espírito de cavaleiros que passaram a se projetar dentro do universo social. Tendo em vista suas origens e temática,

encontra-se repleta de motivos épicos e relata mesmo manifestações do maravilhoso. Nessa medida, os cavaleiros costumam ser representados enquanto eleitos de Deus e empreendem uma jornada balizada por provações, com o enfrentamento de intrigas. Há, assim, uma invocação da história a partir de resquícios conservados pela memória coletiva a respeito destes heróis, aos quais o biógrafo acrescentou outros fatos que o impressionaram. Este fazer biográfico culminou com a exemplificação e afirmação de um grupo social que, através de genealogias, identificava-se a linhagens e inseria-se no espaço e no tempo, de modo a se inscrever na emergência do individualismo moderno.

No século XVI, as biografias deixaram de dizer respeito apenas a políticos e a militares e passaram a abranger juristas, eruditos, artistas, descobridores e pensadores. Com base no modelo antigo, o valor dos biografados, que correspondia exclusivamente a uma perspectiva política de conservação da coletividade, tem sua exemplaridade estendida aos campos do conhecimento, da ciência e das artes. Nessa medida, a vida dos indivíduos foi apreendida enquanto soma de seus atos, e privilegiou-se a difusão da honra enquanto seu principal valor constitutivo. A *Vida de Castruccio Castracani* (1520), de Maquiavel, circunscreve a *virtù* do biografado à esfera da práxis na qual seus livre-arbítrio e poder político confrontam-se com a força inexorável do destino e adaptam-se a ela sem comprometer sua virtude. De fato, o biógrafo concedeu à fortuna um papel preponderante em relação às ações de Castruccio Castracani, de modo que atribui a ela quedas na exemplaridade da narrativa, deixando o biografado ileso. Esta estratégia biográfica procurou também resolver a tensão estabelecida entre o caráter épico das vidas do passado, cuja virtude apresentava-se de forma inabalável, e a natureza incompleta de exemplos contemporâneos, que abarcavam a instabilidade do presente.

A *Vida dos Artistas* (1550), de Giorgio Vasari, apresenta biografias a partir de uma cronologia, de nascimento até morte, que evoca acontecimentos e feitos considerados relevantes dentro de percursos artísticos individuais. Ressalta-se a presença de um anedotário recorrente, caracterizado por expressões como “dizem” e “conta-se”, e pormenores relativos a obras e ao que suscitaram ao ser contempladas. Consta-se também uma proposta de continuidade entre alguns artistas em termos de mestre-aprendiz, formando linhagens, e percebem-se tentativas de relacionar técnicas, obras e autores, em uma busca de uma unidade constitutiva da arte enquanto vida e obra. Quanto ao valor privilegiado nas biografias, instaura-se uma tensão entre virtude e mérito artístico. Nessa medida, Vasari julga Di Banco um artista superior em virtude a Uccello, uma vez que, “sendo dono de bom patrimônio e tendo nas veias sangue não totalmente plebeu” (VASARI, 2011, p. 187), dedicou-se à escultura por amor e não por necessidade, sem envergonhar-se ao aprendê-la e exercê-la. Entretanto, atribui a Uccello maior mérito artístico, seja pela profusão de suas obras frente à pequena produção de Di Banco, seja por sua qualidade em termos de cor e de perspectiva. Dessa maneira, percebem-se problemas relativos à aplicação do paradigma biográfico clássico a artistas e quão necessário torna-se adequá-lo. Face a este embaraço, os modelos de Vasari e de seus sucessores “se impunham como prioritários, encontrando adeptos por todos os lados” (MITIDIERI, 2010, p. 136), na escrita da vida de artistas.

A partir do final do século XV, com o desenvolvimento da imprensa, as vidas de escritores passaram a ser predominantemente escritas para ser publicadas como prefácio de suas obras. Peter Burke (1997) aponta que a biografia de Boccaccio, por Sansovio, foi escrita para fazer parte de uma edição de *Decameron* (1546); a de Ariosto, por Pigna (1554), para fazer

parte de *Orlando furioso* (1556); a de Ronsard, por Binet, para fazer parte de suas *Obras Reunidas* (1586). De fato, as vidas de poetas romanos, escritas por Pietro Crinito e originalmente publicadas em uma coleção (1508), já haviam sido usadas para introduzir edições de Estácio (1515), Plauto (1530), Claudiano (1535), Horácio (1545), entre outros. Longe de ser por acaso, o historiador argumenta que isto ilustra “a ascensão do conceito de individualidade da autoria, o pressuposto de que as informações sobre um escritor nos ajudam a entender suas obras” (BURKE, 1997, p. 88). Com efeito, ressalta que, contemporaneamente, também se tornou frequente acrescentar retratos de autores a suas obras, geralmente como frontispício, como no caso de Ariosto (1532), de Petrarca (1586), de Ronsard (1552) e de Shakespeare (1623).

Na França, a ausência de biografias de escritores colaborou com o sucesso da biografia de Ronsard por Binet, que teve enorme repercussão. Embora representasse um *parti pris* no contexto das guerras de religião, este texto apresenta estratégicas narrativas que foram largamente utilizadas para se tratar de poetas e de prosadores. Ressalta-se o aspecto demonstrativo de um destino inteiramente traçado, isto é, um recurso de antecipação marcado por um devir que deixa pouco espaço para o acaso. Nessa medida, o biógrafo “apela para um recurso drástico a fim de vislumbrar o que ocorre na vida do herói e só retém os acontecimentos diretamente ligados à feitura de sua obra” (DOSSE, 2009, p. 160), de modo a deixar de lado minúcias e anedotas.

No século XVII, o processo moderno de individualização biográfica atingiu seu paroxismo ao tornar-se um processo de heroicização dos biografados. Instaurou-se, assim, um culto aos heróis que encontrou o ápice nas biografias de reis, como as de Louis XIV feitas por Racine e por Boileau. Houve, entretanto,

uma refuncionalização do gênero biográfico no que diz respeito à relação entre biógrafo e biografado a partir de um pacto táctil entre ambos. O primeiro precisava do segundo para conquistar seu público; e o segundo precisava do primeiro para vencer a finitude da existência. Dessa maneira, a identificação de virtudes e sua exemplificação, sob uma perspectiva da coletividade, foram substituídas por simulacros da realidade que pretendiam apenas imortalizar os soberanos e perpetuá-los na lembrança dos pósteros.

146 O culto ao herói fez com que a exemplaridade heroica adentrasse o século XVIII difundindo-se no corpo geral da sociedade. François Dosse ressalta que o campo lexical de “herói”, durante o Século das Luzes, desligou-se da acepção de *herooi*, semideuses da antiguidade, e passou gradativamente a ser apenas o personagem da narrativa, banalizando o termo. Houve também um remanejamento da concepção de heroísmo de um bloco compacto para uma série de qualidades e de preceitos, que se prestavam a avaliações controversas. Somou-se a isto uma ruptura pragmática no que diz respeito ao emprego irônico do termo, de modo a desalojar o herói e conceder seu espaço ao grande homem, que consegue fazer coincidir sua determinação pessoal com a vontade coletiva de uma época. Em suma, o juízo crítico do Iluminismo fez com que os êxitos militares, que cunharam a figura medieval do herói, fossem percebidos enquanto um legado efêmero em relação à solidez de obras e de descobertas destes homens.

Após 1789, o fervor revolucionário reacendeu o culto do herói e revitalizou o gênero que começara a cair no esquecimento durante o século XVIII. A principal modificação empreendida diz respeito à supervalorização de acontecimentos que transcendem ao indivíduo, à semelhança da aparição na hagiografia, de modo que ele se sacrifica para defendê-los. Dessa maneira, “o

herói é (...) posto à prova no fluxo dos acontecimentos revolucionários, mas essa relação se inverte logo porque a Revolução precisa de seus heróis para se legitimar com o sangue vertido dos mártires” (DOSSE, 2009, p. 162). Como se trata de escrever a vida de sujeitos contemporâneos uns aos outros, os próprios heróis se autofabricam, sendo exemplar a figura de Napoleão: “Bonaparte cuida tanto das representações de si próprio e de seus feitos que, havendo necessidade, inventa-os, como na famosa batalha da ponte de Arcole” (DOSSE, 2009, 163), cujo ato heroico foi usurpado de outro personagem histórico.

No período pós-revolucionário, o gênero biográfico passou a ser visto enquanto subdisciplina auxiliar da história; e um de seus múltiplos materiais de construção. Dessa maneira, o trabalho do biógrafo perdeu legitimidade face ao do historiador. Paralelamente, o discurso histórico articulou-se em torno de alguns percursos biográficos, haja vista o novo ímpeto da história com o discurso escolar, fundamentado na transmissão do patrimônio nacional. A leitura de biografias de contemporâneos logo se tornou uma prática corrente face à perda de referenciais resultante do período revolucionário. Os leitores procuravam situar-se na realidade com algum conhecimento de causa. A disseminação dos sujeitos biografados é, portanto, “o corolário de uma sociedade que se democratizou e atribuiu ao indivíduo um valor cada vez maior” (DOSSE, 2009, p. 170). Em suma,

Temos, pois, ao longo do século XIX e início do XX, um regime de duas velocidades do gênero biográfico: ele se sai melhor no discurso escolar e nas publicações ditas escolares (...). Em contrapartida, o gênero vai cada vez mais sendo abandonado por acadêmicos e historiadores eruditos, que o veem com grande desdém. (DOSSE, 2009, p. 180).

O núcleo biográfico de *Camões e José Índio* relaciona-se com mais de um dos modelos biográficos apresentados. Entre-

tanto, Ferdinand Denis não cita ou menciona biografias que não sejam do poeta. Dessa maneira, a vida de Camões referida na *Advertência* exerce um papel predominante no fornecimento de dados, e os demais modelos fornecem tacitamente procedimentos necessários a sua composição. Isso sugere não só um afastamento de *Camões e José Índio* da forma tradicional de se narrar a vida do poeta, mas também a adoção de procedimentos biográficos tendo em vista efeitos narrativos específicos. Nessa medida, é interessante contrastar as biografias do poeta consultadas por Denis com a narrativa que constrói, a fim de inferir em que aspectos diferem-se.

148

Conforme indicado na *Advertência*, Ferdinand Denis baseou-se, para fixação dos principais eventos, na edição monumental de *Os Lusíadas* preparada por José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão¹⁶ e publicada em Paris em 1817. Tendo em vista a tradição editorial de inserir a biografia do autor como parte inicial de suas obras, esta edição possui um longo prefácio a respeito da vida do poeta, que inclui, sob a perspectiva de Morgado de Mateus, dados presentes em trabalhos anteriores de outros autores. Entre estes autores e também citado por Denis, encontra-se Manuel de Faria e Sousa¹⁷ que, tendo organizado uma edição monumental de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.) e a antologia inconclusa *Rimas Varias* (1685, 2 v.), também elaborou prefácios com a biografia de Camões. Ainda que as menções a este último apareçam posteriormente no interior da narrativa, acredita-se que seu fazer biográfico seja decisivo para a composição da obra de Denis. De fato, é interessante notar que, ao longo de *Camões e José Índio*, as referências a Faria e Souza não são suficientemente precisas e se confundem com as de Morgado de Mateus, haja vista que eles compartilham um sobrenome. Dessa maneira, a biografia camoniana elaborada por Denis evoca o gênero biográfico a partir de uma mediação realizada pelos

prefácios de Faria e Souza e de Morgado de Mateus.

A edição de *Os Lusíadas* de Morgado de Mateus, contemporânea a *Camões e José Índio*, é resultado de uma pesquisa de fontes não só para a fixação do texto do poema épico, mas também para estabelecimento de sua biografia. O autor realizou, concomitantemente, uma revisão textual da epopeia camoniana por meio do contraste entre diferentes edições; e uma ampla recolha de comentários filológicos a respeito das vida e obra do poeta. A biografia camoniana elaborada por Morgado de Mateus constitui-se enquanto versão coligida do que já havia sido escrito a respeito e, conseqüentemente, apresenta-se ao leitor do XIX enquanto uma versão definitiva da vida de Camões. Nessa medida, a erudição desta edição provém de seu caráter de apoteose de uma tradição bibliográfica a respeito do poeta. Seus exemplares, ao invés de vendidos, foram doados a diversas instituições culturais europeias e provocaram a admiração de letrados portugueses e estrangeiros. Suscitaram também diversas manifestações, tanto elogiosas quanto depreciativas, de modo que o impacto dessa edição nos estudos camonianos foi enorme, estabelecendo intrincadas relações entre críticos, princípios teóricos e critérios editoriais. Na França, esse empreendimento editorial desencadeou uma efervescência literária em torno do nome de Camões e foi sucedido por diversos e significativos comentários críticos, retraduições e criações literárias (GALLUT-FRIZEAU, 2011), como a de Denis.

149

A edição de *Os Lusíadas* e a antologia *Rimas Varias*, organizadas por Manuel de Faria e Sousa, foram publicadas em castelhano durante a União Ibérica e tiveram enorme projeção dentro da história filológica e editorial do legado camoniano. Anteriores à edição de Morgado de Mateus, acrescentaram não só diversos poemas ao cânone do poeta, mas também incluíram fatos e eventos em sua biografia a partir da alegada descoberta

de manuscritos e de documentos. As vidas do poeta que apresentam são bastante contundentes e caracterizam-se por um esforço de associar suas vida e obra. Procura-se, a um só tempo, ilustrar eventos da biografia de Camões com alguns de seus versos; e apreender fatos biográficos em seus poemas, especialmente os relativos às paixões. Dessa maneira, estas edições tornaram-se as principais responsáveis pela indissociação entre vida e obra na exegese camonianiana, que se faz presente também em *Camões e José Índio*. Manuel de Faria e Sousa contribuiu diretamente para a valorização de Camões como príncipe dos poetas no século XVII (PIRES, 1982) e tornou-se “o mais influente e importante editor e comentador de Camões de todos os tempos” (ALVES, 2011, p. 371), ainda que posteriormente fosse acusado de falsificação de fatos e de adulteração de versos. De fato, as edições deste erudito suscitaram discussões acerca da autoria de poemas e do estabelecimento do cânone nos séculos seguintes.

150

Camões e José Índio insere-se na tradição biográfica a partir dos prefácios de Morgado de Mateus e de Faria e Souza e aplica procedimentos biográficos de maneira distinta a destes autores. Este prefácios, cujo objetivo central é introduzir o autor a partir da unidade hermenêutica vida e obra, detêm-se no comentário, na análise e na apresentação dos elementos que abordam. Nessa medida, produzem biografias de Camões em que ecoa o paradigma biográfico da vida de escritor, cujos procedimentos encontram-se também na biografia de Ronsard. *Camões e José Índio*, entretanto, propõe-se a abordar a vida do poeta de maneira ficcional e empreende uma narração em que personagens agem e dialogam circunscritos a uma unidade de espaço e tempo. Dessa maneira, a distância estável e segura do relato, característica dos prefácios de Morgado e de Faria e Souza, é substituída por uma representação que enfoca o desenrolar das ações por meio de sua narração. Isso faz com que a obra de Denis

lance mão de procedimentos de composição de personagem característicos de outro paradigma biográfico, cuja base foi instituída a partir dos trabalhos de Plutarco.

Já no início da narrativa, a personalidade forte de Camões revela-se de uma forma marcante, a partir de seu semblante e de suas ações. Conforme a embarcação aproxima-se da costa, a impressão de ausência de temor; o fascínio com natureza revolta; e o reconhecimento de traços nobres e de gestos plenos de grandeza anunciam, a partir deste retrato físico, uma personagem que se destaca da tripulação. Imediatamente após se descobrir de que se trata de Camões, que retorna depois de dezesseis anos de ausência, o poeta demonstra uma personalidade forte e resoluta ao, em meio à tormenta, proferir palavras de encorajamento; tomar o timão; e conduzir a embarcação a Lisboa em segurança.

151

Seu caráter, que se desdobra ao longo da narrativa, é apreendido em sua complexidade e ambivalência, à semelhança do herói de Plutarco. Conduzido por um ideal ainda desconhecido do leitor, suas ações colocam-no à prova e revelam gradativamente sua virtude. Embora só se tome conhecimento de seu passado mais adiante, percebe-se que ele se move por um sentimento de honra que lhe confere uma aura imediatamente reconhecível pelos demais. O poder desta aura se torna evidente tanto na cena de abertura quanto na cena em que, já na costa, todos prontamente vão à Igreja de Nazaré após seu comando. Expondo-se progressivamente, sua personalidade cumula atributos, como a parcimônia face ao instante de fraqueza de José Índio e a compaixão resultante deste momento, que conformam sua *areté*.

A virtude de Camões é plenamente revelada com a narração de seu passado que apresenta uma trajetória drástica e repleta de provações. Ao deixar a residência paterna e dirigir-se a

Coimbra, o poeta começa a experienciar visões de grandeza que lhe anunciam o que se tornaria um dia. Entretanto, o ambiente desta cidade mostra-se hostil a seu ardor poético, de modo que consegue manifestá-lo apenas quando se muda para a corte e conhece Catarina de Ataíde.

Por toda parte, queriam persuadir meu espírito e impeli-lo a acatar ideias vãs que ele não conseguia compreender; por toda parte, procuravam conter o ardor que me consumia e permitir-me apenas modelos que os outros seguiam. Ah, Coimbra! Revelavas a meus olhos eventos fatais, dignos de um novo canto, e teus campos invadiam-me das sensações que deviam atormentar Virgílio nos vales da Sicília.

152

Posto à prova por estas tentativas de subjugação de seu espírito, o caráter do poeta resiste à implacabilidade da fortuna e age de acordo com o ideal poético que conformaria seu destino. É interessante notar que, durante sua infância, há já presságios de seu futuro grandioso, que se manifestam a partir do efeito que a natureza exerce sobre ele. Percebe-se, assim, um elemento de antecipação que caracteriza a apreensão retrospectiva do passado, de modo que os principais eventos vão ao encontro da expectativa que se cria em torno do poeta. Estas primeiras provações também prenunciam inúmeras outras que vivenciaria ao longo de toda sua vida. Nessa medida, a biografia de Camões desdobra-se enquanto realização de um destino previamente traçado, cujo devir é indicado já em seu princípio, à semelhança da biografia de Ronsard. Ainda que o poeta se dedique inicialmente ao ardor poético de forma intuitiva, logo a poesia torna-se seu ideal que, independentemente do que a ele se opuser, realizar-se-á plenamente.

Após narrar a partida de Coimbra e sua acolhida na corte, Camões procura descrever as circunstâncias que tornaram Lisboa uma “cidade poderosa”. Interrompe-se, assim, o discurso

biográfico, e insere-se uma passagem da história de Portugal não diretamente vivida pelo poeta.

Os reis anteriores encarregaram-se rapidamente da glória de nossa nação; Lisboa possuía, desde então, a aparência de uma cidade poderosa. Por toda parte, os espíritos atornentavam-se com a ânsia das descobertas; lembravam-se com entusiasmo de D. Henrique que, abrigado nas margens do oceano, meditava solitariamente a conquista da África e construía numerosas esquadras para conhecer esse vasto país que nos devolvera tantas vezes homens vitoriosos.

Para situar a grandeza da corte, Camões sintetiza a história portuguesa anterior a sua chegada a Lisboa e compartilha suas impressões com José Índio. Ainda que o período relatado não faça parte de sua biografia, o poeta comenta-o de maneira afetiva, identificando-se à nação. É interessante notar como, com o uso da primeira pessoa do plural, ele relata a experiência portuguesa como se ambos fizessem parte dela, ou, ainda, como se não pudessem dela se isentar. Este sentimento de pertença torna-se ainda mais evidente no desenvolver da narrativa, especialmente quando se consideram episódios ou eventos históricos mais diretamente imbricados na vida de Camões ou de José Índio. A partir deste ponto, o núcleo biográfico da narrativa desdobra-se e incorpora uma outra modalidade discursiva.

Apesar da proximidade entre biografia e história, estes gêneros discursivos não costumavam confundir-se ou misturar-se no século XIX. Os limites entre os dois só poderiam ser desconcertados no campo da ficção, haja vista a reiterada distinção social entre biógrafo e historiador. É interessante notar que, contemporâneos a *Camões e José Índio*, a autobiografia e o romance histórico estabeleciam uma tensão entre vida individual, efetiva ou fictícia, e a história, em seus aspectos micro e macro. Contudo, esta tensão foi resolvida com a dissociação destas duas

formas tanto do discurso biográfico quanto do discurso histórico, de modo que foram aceitas enquanto gêneros distintos circunscritos a regimes de historicidade diferentes.

154 Ao propor a narrar os últimos anos da vida de Camões, Denis associa-se ao gênero biográfico e, ao incorporar eventos históricos que não fazem parte da vida em questão, realiza uma ampliação de seu escopo. Mesmo que na *Advertência* assuma ficcionalidade do relato ao indicar que se valeu de fatos “que não se encontram em nenhuma outra parte”, o autor não alerta ou justifica a inserção de fatos e de eventos que excedem a cronologia da vida do poeta. Ao invés de abordar exclusivamente a biografia camoniana, *Camões e José Índio* pretende abarcar e construir uma representação em que o poeta vá além de sua individualidade, em busca de uma significação mais profunda. Nessa medida, há uma apreensão das vida e obra de Camões enquanto parte intrínseca de uma realidade supraindividual: a nação portuguesa. Compreende-se, assim, não só porque o próprio poeta se identifica com Portugal no relato, mas também a necessidade de englobar sua experiência pessoal em uma temporalidade mais ampla. Esta é apenas a primeira ampliação do escopo biográfico realizada por Denis, a que se somam a inscrição de versos camonianos e a aventura de José Índio.

Na corte, Camões conhece Catarina de Ataíde que, repleta de encantos, faz aflorar definitivamente seu ardor poético. Apesar de seu amor convicto, as declarações do poeta acabaram condenando-o ao exílio. Exasperado e comovido no Ribatejo, recebe a visita de um amigo, que reanima seu desejo de glória, e decide acompanhar uma expedição de João III na África. É a partir desta parte da narrativa que começa a aparecer a obra poética de Camões, tanto no corpo do texto quanto indicada em notas.

Ai de mim! O destino fizera-a nascer em meio a grandezas, ao passo que a fortuna nada queria conceder-me. Entretanto, ela [Catarina de Ataíde] soube distinguir-me e acolheu meus votos. Ah! Não era apenas sua beleza que me encantava, era ainda “Um mover de olhos, brando e piedoso, / Sem ver de quê; um riso brando e honesto, / Quase forçado; um doce e humilde gesto, / De qualquer alegria duvidoso; / / Um despejo quieto e vergonhoso; / Um repouso gravíssimo e modesto; / ha pura bondade, manifesto / Indício da alma, limpo e gracioso; // Um encolhido ousar; ia brandura; / Um medo sem ter culpa; um ar sereno; / Um longo e obediente sofrimento: // Esta foi a celeste fermosura / Da minha Circe, e o mágico veneno / Que pôde transformar meu pensamento”.

Conforme indicado na *Advertência* de *Camões e José Índio*, o mote para inserção da obra poética de Camões na narrativa proveio de uma sugestão de Alexandre Sané¹⁸, presente em um artigo publicado em duas partes no *Mercure Étranger*¹⁹, de que suas poesias conservam a história quase completa de sua vida e são o único registro da sua parte mais obscura, preenchida pelo amor. A associação entre a vida e a obra de Camões não era inédita²⁰ e fora largamente trabalhada por Faria e Souza nos prefácios de *Rimas Várias* e de *Os Lusíadas*. Há, entretanto, uma diferença entre estes dois prefácios no que diz respeito à forma de exposição. Enquanto no primeiro predominam referências indiretas a poemas, no segundo predominam referências diretas, com sua consequente inserção no corpo ou na margem do texto. Esta semelhança formal entre o segundo prefácio e *Camões e José Índio* sugere que o autor baseou-se na biografia de Faria e Souza, ainda que não a mencione na *Advertência*. Dessa maneira, Ferdinand Denis segue o esquema biográfico proposto pelo erudito português, conjugando fatos de documentos e de poemas, e amplia-o com a tradução e incorporação de versos ao

longo da narrativa. É interessante notar que o autor vale-se da tradução enquanto um procedimento literário, que lhe permite imbuir-se do ardor dos versos camonianos, e não enquanto elemento meramente ornamental.

156 A leitura biográfica de poemas camonianos permite a composição passagens com um acentuado teor lírico e imagético, e sua inserção no corpo do texto torna a narração mais dinâmica e envolvente. Os primeiros versos incluídos na narrativa [Quem pode livrar-se por ventura / Dos laços que amor arma brandamente?], parte de *Os Lusíadas*, antecedem o encontro do poeta com Ataíde e antecipam a inevitabilidade deste amor. No mesmo parágrafo, o soneto [Um mover de olhos, brando e piedoso,] procura descrever a jovem dama e o efeito por ela exercido sobre Camões. Logo a seguir, já exilado no Ribatejo, alguns versos [Ó fugitivas ondas, esperai!] representam o estado de espírito melancólico do poeta longe da amada. Em todos estes casos, a incorporação da poesia permite à narrativa não só relatar o que se sucedeu a Camões, mas também presentificar instantes que, não por acaso, são cruciais dentro de sua biografia. Cria-se, assim, uma ilusão ficcional de que estes instantes não aconteceram e estão sendo recontados, mas de que acontecem agora e de que o leitor é sua testemunha. Este efeito de narração, ausente na biografia de Faria e Souza, faz com que a forma biográfica de *Camões e José Índio*, já dilatada pela incorporação da história, adquira uma carga ficcional ainda mais contundente.

Já no primeiro exílio e, principalmente, a partir dele, a vida de Camões começa a confundir-se com a história de Portugal, e a peregrinação do poeta é pontuada por regiões, governantes e acontecimentos para além de sua biografia individual. Paralelamente, sua obra poética, cuja feitura é comentada em algumas passagens, também ultrapassa a dimensão individu-

al e atinge a esfera coletiva, em que se delineia seu valor para além da expressão de um *eu*.

Parti; desembarquei em uma terra estrangeira, e foi então que pude ter uma ideia da terrível coragem dos africanos, defendendo sua pátria contra os ávidos estrangeiros. Celebrei mais de uma dessas batalhas, cantei seguidamente nossas vitórias, e os soldados entusiasmados repetiam, em meio aos combates, os cantos que me inspiravam nossos gloriosos feitos.

Em meio à batalha, os soldados declamarem trechos do que parece ser *Os Lusíadas* indica e ressalta que a obra poética de Camões, cuja inserção na biografia circunscrevia-se até então a sua experiência imediata, teve ressonância entre seus contemporâneos. Não é apenas José Índio que encontra em seus poemas lembranças da pátria ou consolo para infortúnios. Estes soldados, ao repetirem os cantos sobre os gloriosos feitos portugueses, entusiasmam-se e encontram coragem para combater em terra estrangeira. Não é por acaso que esta cena é sucedida por uma batalha sangrenta entre mouros e portugueses que, dominada por gritos de terror, suscita um desejo de fuga nos combatentes lusos. Camões chega a exclamar “Ah! Meu amigo, que espetáculo horrível! Quanto sangue derramado!” e conta que “todos morriam a meu redor, todos sucumbiam ao ferro dos africanos”. A derrota dos portugueses era, assim, quase inevitável, ainda que tenham saído vitoriosos. Nessa medida, esta sucessão do comentário do poeta e da narração do combate atribui ao entusiasmo da poesia de Camões um valor ritual significativo. Os guerreiros, cujo contato com a poesia os contagia, libertam-se de sua individualidade, enquanto homens de carne e osso que podem perecer em batalha, e alcançam uma dimensão supraindividual que a eles precede e a eles sobrevive. Os versos camonianos fazem com que os combatentes aceitem-se enquan-

to parte intrínseca da nação portuguesa, independentemente do que fortuna tenha para eles reservado.

O valor ritual da poesia camoniana alcança também homens simples que, por ela contagiados, reconhecem não só os versos, mas também o poeta que os compôs. Após recolher os bens não extraviados durante a tempestade, Camões e José Índio decidem deixar o navio e retornar à costa. Assim, o poeta ordena aos remadores que os conduzam ao porto e, sem obter sequer uma palavra do religioso, que estava imerso em um profundo devaneio, recita alguns versos para celebrar a alvorada. Estes versos, que aparentemente aparecem para preencher um momento de solidão, acabam por contagiar os marujos de uma forma inesperada.

158

Transportados por uma harmonia nunca antes ouvida, os botes pararam de repente, e tentaram escutar atentamente: corpos inclinados para a frente, mexendo com dificuldade os remos, pareciam temer o desembarque. Já haviam chegado ao porto quando ambos olharam-se, com um sorriso de surpresa: em um instante, o bote foi descarregado; mas os remadores em seguida retornaram, sem pedir o soldo que lhes era devido, e foi em vão que José Índio quis fazê-los aceitá-lo: eles lhe repetiram, com entusiasmo, os últimos versos de seu companheiro e perderam-se entre as milhares de embarcações que cobriam o cais.

– Vede, disse Camões sorrindo, não é a poesia uma verdadeira riqueza? Enquanto estiver convosco, jamais tereis que temer os golpes da fortuna e podereis mesmo desafiá-los, caso meu gênio não me abandone.

Os marinheiros, subitamente param de remar, a fim de escutar o que Camões recita. A postura atenta, o cuidado no manuseio dos remos para não fazer barulho e o desejo de prolongar o momento demonstram uma escuta desejosa. Os marujos são cap-

turados por versos que, distintos daqueles proferidos em combate, contagiam por sua beleza. Nessa medida, é interessante notar que a poesia camoniana apela à sensibilidade da tripulação em sua componente sensorial. A satisfação experimentada pelos marujos é tamanha, que, assim que chegam à costa, e a declamação é interrompida, apressam-se em demonstrar sua gratidão ao poeta. Estes homens, remunerados de acordo com o trabalho realizado, rejeitam a recompensa pecuniária e tomam os versos camonianos como pagamento por seus serviços. De fato, sentem-se de tal modo arrebatados que desaparecem na multidão reproduzindo o que recém escutaram, plenamente satisfeitos. Este episódio, apoteótico no que diz respeito à representação da obra camoniana dentro de sua biografia, condensa um alto valor simbólico que, posteriormente, encontra eco no imaginário acerca do poeta.

É interessante notar que *Camões e José Índio* erige também cenas bastante representativas da feitura de seu legado poético. Isto ocorre a partir tanto de inspirações enunciadas, como no caso do amor e do sofrimento em relação a Ataíde, quanto de situações de escrita propriamente ditas, como quando é preso em Macau e traça nas paredes da cela suas lamúrias. Dessa maneira, a biografia camoniana compreende a produção de sua obra que se sobrepõe à própria vida. Dito de outra forma, a biografia camoniana, ainda que seja composta de fatos não exclusivamente poéticos, é modelada tendo vista obras por ele escritas. À semelhança da biografia de Ronsard, esta característica de *Camões e José Índio* conforma uma imagem mítica do poeta que, não sendo mais mero sujeito empírico, revela seu gênio. De fato, a imagem mais tradicional de Camões que, em um naufrágio, nada com uma mão e, com a outra, eleva *Os Lusíadas* acima das ondas, está presente na obra de Ferdinand Denis e concentra

seus principais procedimentos ficcionais, de uma forma biográfica perpassada por versos.

Embarquei com alguns bens penosamente reunidos entre pessoas que acumulavam riquezas com muita facilidade; mas não imaginava que a natureza fosse compactuar com o destino para fazer-me perder o fruto de meus trabalhos. Navegávamos perto da costa da China: uma assustadora tempestade formou-se; fomos empurrados para os recifes que ficam nas margens da foz do rio Mecom, e o navio foi partido com estrondos. Em meio à cena de terror que crescia, lancei-me sobre escombros, rejeitei as riquezas que um marujo agarraria e peguei *Os Lusíadas*, elevando-o com uma mão acima das ondas enfurecidas. “Este receberá, plácido e brando, / No seu regaço os Cantos que molhados / Vêm do naufrágio triste e miserando, / Dos procelosos baxos escapados, / Das fomes, dos perigos grandes, quando / Será o injusto mando executado / Naquele cuja Lira sonora / Será mais afamada que ditosa! “

160

Com o término da narração do passado do poeta, a forma biográfica cede espaço à intriga romanesca envolvendo José Índio e Clara. Camões, assim, passa a um segundo plano e, com a partida do religioso após a morte da amada, é recolocado em cena apenas no episódio derradeiro. Embora faça parte da biografia camoniana, José Índio assume o protagonismo da obra e, à semelhança do apaziguamento trazido pelo poeta, peregrina nas Índias, a fim de consolar homens mais desditosos do que ele. Quando finalmente decide regressar a Portugal, depara-se com um acontecimento que retarda seu reencontro com Camões: a batalha de Alcácer Quibir.

A Vida do Poeta estabelecida por Morgado de Mateus, que precede a epopeia, introduz a figura de José Índio na biografia camoniana. Após comentar a obscuridade que cerca a morte de Camões, cuja data se desconhece, menciona que teve acesso a

um original, legado ao Convento dos Carmelitas Descalços de Guadalajara, que corrobora o “trágico fim” do poeta, conforme descrito por Diogo Barbosa²¹. Do frontispício dessa edição, que pertencera “a um Frei Josepe Índio”, transcreve a seguinte inscrição:

Que cosa mas lastimosa que ver un tan grande ingenio mal logrado! yo lo bi morir en un hospital en Lisboa, sin tener una sauana con que cubrirse, despues de auer triunfado en la India oriental y de auer nauegado 5500 leguas por mar: que ausio tan grande para los que de noche y de dua se cançan estudiando sin provecho como la araña en urdir tellas para cazar moscas. (SOUZA-BOTELHO, 1819, p. LXIII-LXIV)

Morgado de Mateus comenta que transcreveu integralmente a inscrição, já que lhe pareceu importante conservá-la. Ele também menciona que quer se persuadir de que o religioso “talvez (...) assistisse” o poeta “na sua última hora, e recebesse dele este exemplar precioso, que toco com respeito, pensando que Luís de Camões o teve nas suas mãos.” (SOUZA-BOTELHO, 1819, p. LXIV). Ele, entretanto, não acrescenta quaisquer outras informações a respeito de José Índio.

A figura de José Índio adquire um papel mais amplo na obra de Ferdinand Denis e não se limita a assistir ao poeta nos instantes finais de sua vida. A relação entre os dois apresenta mais profundidade do que no curto comentário de Morgado de Mateus e torna-se uma amizade concreta. José Índio, assim, entrelaça-se na biografia camoniana, ainda que este entrelaçamento faça parte exclusivamente desta narrativa. Sua relevância no enredo, entretanto, parece menos associada à vida do poeta do que à história de Portugal. À parte da intriga amorosa, a Batalha de Alcácer Quibir permite que ele se revele herói ao conduzir o estandarte português. É interessante notar que Ferdinand Denis

apropriou-se sistematicamente das sequências narrativas desta batalha conforme descritas em *Europa Portuguesa* (1678-1680), de Faria e Sousa. As sucessivas referências a essa obra, indicadas em notas de rodapé, reiteram a integridade histórica da parte final da narrativa. José Índio, ausente do relato de Faria e Souza, é habilmente encaixado no enredo da batalha e torna-se personagem de destaque em seus desenrolar e desfecho. Nessa medida, *Camões e José Índio* ultrapassa ainda mais a biografia camoniana e atrela a ela um dos principais acontecimentos do século XVI português por meio daquela figura.

162 Ao retornar a Portugal, José Índio encontra Camões debilitado em um asilo. Espantado ao reconhecer o amigo, o poeta rejeita qualquer consolo e maldiz sua condição miserável, mas sem demonstrar fraqueza de caráter. O discurso final de Camões é sintomático da conquista da glória sem obter riquezas e ressalta a inconformidade entre o valor de sua obra e a condição em que se encontra.

Nunca: morro com a glória de minha pátria . Ai de mim!
 Disse novamente, apertando a mão que procurava aquecer
 as suas, um escravo pediu esmolas por mim e, frequentemente,
 não pôde obtê-las... não pude suportar sua dor. Mas sua
 nobre piedade deu-me forças; eis as honras que me foram
 prometidas.... eis os bens dos quais me acumularam.
 Quando algum dia vos disserem: a glória pertenceu a ele
 como o maior de nossos poetas, vós lhes respondereis: o frio
 agitou seus membros enfraquecidos pela idade... ele salpi-
 cou, com suas lágrimas, o pão que um desgraçado dividia
 com ele... então seu braço não tinha mais forças para sus-
 tentar um gládio... e, entretanto, ah minha pátria, meus
 últimos votos são por ti...

Sem contradizer o gênio e a virtude de Camões, o encerramento da biografia enfoca seu lado demasiadamente humano, que sente frio e compartilha pouco alimento com seu escravo. É

marcante o desnível entre a imagem mítica do poeta, produzindo sua obra ao passo que desbrava as Índias, e esta imagem derreadeira, já condenada. O final trágico de sua vida não só se circunscreve a sua individualidade, mas também atinge uma dimensão coletiva graças a seu valor alegórico. A vida de Camões, tal como escrita por Ferdinand Denis, serve de contraponto a poetas e prosadores que, ao dedicar-se a um ideal literário, ainda se encontram suscetíveis a angústias materiais. Cindidos entre a grandeza de seu gênio e a mesquinhez da vida humana, escritores deparam-se com uma narrativa que, ao representar a vida de Camões de forma tão envolvente e intrigante, fixa uma imagem nada acolhedora, de um poeta pleno que morre miserável.

NOTAS

1 Conforme Edward Said (2007, p. 88), “por um período maior do que a primeira metade do século XIX, Paris foi a capital do mundo orientalista”. A primeira tradução europeia de *As Mil e Uma Noites* (1704-1717), realizada por Antoine Galland (1646-1715), desencadeou um crescente interesse pelo Oriente no *Grand Siècle* francês e na Europa em geral, de modo que foi reeditada inúmeras vezes em francês e vertida para o inglês (1706), o alemão (1712), o italiano (1722), o russo (1763), o neerlandês (1788), entre outros (DAMIEN, 2010). Além disso, a invasão do Egito por Napoleão (1798) teve “de longe a maior consequência para a história moderna do Orientalismo” (SAID, 2007, p. 118), pois toda a experiência moderna do Oriente passou a ser “interpretada a partir do interior do universo de discurso fundado” por ele (SAID, 2007, p. 132). A proximidade e a familiaridade de Ferdinand Denis com o Oriente torna-se evidente em *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoëns et Jozé Índio*.

2 Maria Helena Rouanet (1991) comenta que o *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis* (1971), elaborado por Cícero Dias, indica a publicação individual de *Camoëns et Jozé Índio* em 1823. Essa edição não consta nos catálogos do Fonds Ferdinand Denis e da Bibliothèque Nationale de France.

3 A autoria da ode não pertence à Ferdinand Denis, que a insere enquanto homenagem poética a Camões digna de memória.

4 Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838), em 1801, era ministro das relações exteriores.

5 A preocupação com o dote da irmã é mencionada na correspondência mantida por Ferdinand Denis enquanto esteve no Brasil e recorrentemente evocada por aqueles que se debruçam sobre a vida do autor.

6 Em 1815, diversos regimentos do exército napoleônico foram desfeitos, e seus oficiais foram exilados ou passaram a ganhar o meio-soldo. Nas palavras de Le Gentil (1926, p.195), Alphonse “vira-se condenado, no tempo da Restauração, à existência agitada e desmoralizadora do meio soldo”.

⁷ Le Gentil (1926) constrói uma narrativa da estada de Denis no Brasil a partir da correspondência e do diário íntimo que manteve nesse período, disponíveis apenas em acervo. Alguns anos depois, Leon Bourdon (1958) transcreveu-os e os reuniu em um único volume, acompanhados de minuciosa introdução crítica.

⁸ Na nota que antecede a tradução do t. IX, os editores escrevem: “devemos a tradução dessa passagem, duplamente interessante em um momento em que o governo do Pará é o teatro de uma revolução, a Ferdinand Denis, ele próprio tendo morado alguns anos no Brasil” (CASAL, 1821a, p. 209, tradução nossa). A tradução do t. XI não possui atribuição de autoria.

⁹ “O confronto do texto de 1822 com a correspondência de Ferdinand Denis e com o seu diário íntimo, autoriza-nos a afirmar que a maior parte da redação, senão a totalidade, deve ser atribuída a este. Viu certamente com os seus próprios olhos as províncias da Bahia, de Pernambuco e do Rio. Quanto ao resto, devia ter-se documentado nas narrações de viagens. É o mesmo método, possivelmente, que emprega quando trata da Guiana.” (LE GENTIL, 1926, 304)

¹⁰ Ao analisar a transubstanciação do cânone crítico de Garrett, Ofélia Paiva Monteiro (1971, t. II, p. 149-150) comenta que se ele, “antes do exílio, conhecia já Chateaubriand, M^{me}. De Staël ou Schlegel, só após (...) cita Bouterweck e Sismondi, conhece Ferdinand Denis, percorre as antologias de poesia popular de Percy ou Scott, admira Herder e Goethe, ou relê com outros olhos Schiller e Schlegel”. De fato, há paralelismos críticos e ficcionais em obras de Garrett e de Denis, especialmente entre o *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* (1826) e o *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, Suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil* (1826) e entre *Camões* (1825) e *Camoëns et Jozé Indio* (1824).

¹¹ Jaime Victor não precisa as circunstâncias ou data dessa viagem. Ele a situa, indiretamente, na primeira metade dos anos trinta, pois comenta que Denis escreveu três obras a partir dela, a saber *Atlas de la Littérature Espagnole et de la Littérature Portugaise* (1835), *Chroniques Chevaleresques de l'Espagne e du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie* (1839) e *Le Génie de la Navigation* (1847).

¹² Para abordar esta temática, Ferdinand Denis se apropria do exotismo legado por livros de François-René de Chateaubriand (1768-1848) e de Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), procedendo sua

atualização. De fato, no prefácio a uma edição francesa de *Paul et Virginie* (1838), Sainte-Beuve (1838, p. LI, tradução nossa) descreve Denis como um representante “autêntico e muito sensível da inspiração característica de Bernardin de Saint-Pierre”.

¹³ Na França, Germaine de Staël (1766-1817) havia empreendido em *De la Littérature* (1800) uma abordagem do fenômeno literário a partir dessa noção de influência, mas transferindo-a da natureza para instituições sociais.

¹⁴ No escopo de um estudo da relação complementar entre as práticas de literatura de viagem e de tradução, Eduardo Oliveira Batista (2010) analisa a institucionalização do descritivismo proposto por Denis na literatura brasileira.

¹⁵ *Camõens*, ode que sucede a narrativa, também menciona a figura de Antônio, escravo do poeta, e enfatiza sua lealdade ao mestre mesmo durante a mendicância dos anos finais da vida de Camões.

¹⁶ José Maria do Carmo Souza Botelho Mourão (1758-1725), Morgado de Mateus, oficial e diplomata português, foi ministro de Paris entre 1802 e 1804, instalando-se definitivamente na capital francesa em 1807. Após este período, dedicou-se à elaboração de uma edição de *Os Lusíadas* e promoveu a literatura portuguesa na França.

¹⁷ Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), erudito português, é autor, entre outros, de *Os Lusíadas* (1639, 2 v.), *Rimas Varias* (1685, 2 v.) e *Europa Portuguesa* (1678-1680, 3 v.).

¹⁸ Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) foi tradutor de Filinto Elísio para o francês (SANÉ, 1808), primeiro biógrafo do poeta e autor de uma gramática francesa da língua portuguesa (SANÉ, s/d). Foi um dos principais responsáveis pela divulgação das letras portuguesas em Paris na primeira década do século XIX e envolveu-se em projetos editoriais que possibilitaram a emergência da geração seguinte de lusofonistas franceses, da qual Ferdinand Denis faz parte. Francisco Alberto Torres Moreira (2011, p. 97) acrescenta que ele “foi discípulo do poeta português [Filinto Elísio] e com ele aprendeu a língua portuguesa”.

¹⁹ *Mercurie Étranger ou Annales de la Littérature Étrangère* (1813-1814/1816) foi um periódico anual (I-IV), editado (In-8) em Paris, cujo objetivo era estabelecer um diálogo mais constante entre as nações que cultivavam as letras.

²⁰ Contemporâneos a *Camões e José Índio*, o verbete *Camöens*, escrito por Madame de Staël, da obra *Biographie Universelle* (1812) e os capítulos sobre Camões do quarto volume de *La Littérature du Midi de l'Europe* (1813), de Simonde de Sismondi, também consideram os versos atribuídos ao poeta como uma possível fonte biográfica. Madame de Staël (1812, p. 618, tradução nossa) comenta que, no primeiro exílio, Camões compôs poemas “que expressavam seu estado de espírito, e pode-se seguir o desenrolar de sua história pelos diferentes tipos de impressões pintadas em seus escritos”. Simonde de Sismondi (1829, p. 432, tradução nossa) argumenta que, “em muitos de seus sonetos, ele canta o amor, sem indicar o nome da dama que amava, nem as circunstâncias que permitiram conhecer sua vida privada (...); mas muitos outros [poemas] são animados por um sentimento mais forte; carregam a marca de uma vida mais agitada: reconhece-se o homem que tentou grandes feitos; que percorreu os dois hemisférios em busca da glória e da fortuna; que em sua vida alcançou nem uma, nem outra; que lutou energeticamente contra todas as calamidades; e que se aproxima do fim da vida, cruelmente desenganado das mais nobres ilusões”.

167

²¹ Diogo Barbosa Machado (1682-1772), erudito português, foi autor de *Biblioteca Lusitana* (1741-1758), primeira grande obra de referência biobibliográfica editada em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Hélio J. S. Faria e Sousa. In: AGUIAR E SILVA, Vítor (org). *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011, p. 371-378.

BAREL, Ana Beatriz Demarchi. *Um Romantismo a Oeste: Modelo Francês, Identidade Nacional*. São Paulo: Annablume, 2002.

BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. *Poética da Representação Cultural: Relações entre Viagem e Tradução na Literatura Brasileira*. Tese (História e Teoria Literárias) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000774540>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2011.

BOURDON, Léon. Lettres Familières et Fragment du Journal Intime « Mes Sottises Quotidiennes » de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). *Brasília*, Coimbra, n. X, p. 143-286, 1958.

168 BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Revista Estudos Históricos*, 1997, v. 10, n. 19, p. 83-98. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2038>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2013.

CAMINHA, Pero Vaz de. Lettre de Pero Vas de Caminha sur la Découverte du Brésil. XVI siècle. Traduzido para o francês por Ferdinand Denis. In: VERNEUR, J.-T. (ed.). *Journal des Voyages, Découvertes et Navigations Modernes, ou Archives Géographiques et Statistiques du XIX siècle*, Paris, t. VII, fev. 1821, p. 157-190.

CAMÕES, Luís de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar Editora, 1963.

CASAL, Aires de. Notice sur les Capitaineries de Para et de Solimoens. Traduzido para o francês por Ferdinand Denis. In: EYRIÈS, J.-B.; MALTE-BRUN (ed.). *Nouvelles Annales de la Géographie et de l'Histoire*, Paris, t. IX, 1821a, p. 209-285.

CASAL, Aires de. Notice sur les Capitaineries de Para et de Solimoens. [Traduzido para o francês por Ferdinand Denis]. In: EYRIÈS, J.-B.; MALTE-BRUN (ed.). *Nouvelles Annales de la Géographie et de l'Histoire*, Paris, t. XI, 1821b, p. 209-285.

CORDIER, Henri. Ferdinand Denis, 1798-1925. [S. l. : s. n.] : 1890. Disponível em : <<http://ia600404.us.archive.org/30/items/>

ferdinanddenis1700cord/ferdinanddenis1700cord.pdf>. Acesso em 05 de novembro de 2012.

DAMIEN, Christiane. *Na Senda das Noites: Os Quatro Talismãs de Charles Nodier e Les Mille et Une Nuits*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

DENIS, Ferdinand. *Os Maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Tradução de Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

DENIS, Ferdinand. *Palmares*. Tradução de Maria Helena Rouanet. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 14-44, junho de 1997.

DENIS, Ferdinand. *Scènes de la Nature sous les Tropiques, et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camoens et Jozé Indio*. Paris: Louis Janet, 1824. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5714986t>>. Acesso em 30 de março de 2012.

DORIA, Luís Gastão de Escragnoles. Um Amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 75, 1912, p. 219-230.

169

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARIA E SOUSA, Manuel de. *Europa Portuguesa*. T.III. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1680. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Europa_Portuguesa.html?id=Y19JAAAACAAJ&redir_esc=y>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). *Os Lusíadas*. Madrid: Iuan Sanchez, 1639. 2v. Disponível em: <<http://purl.pt/23676>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). *Rimas Várias de Luís de Camões*. T. I-II. Lisboa: Theotonio Damaso de Mello, 1685. Disponível em: <<http://purl.pt/14198>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

FARIA E SOUSA, Manuel de (org.). *Rimas Várias de Luís de Camões*. T. III-V. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1688. Disponível em: <<http://purl.pt/14199>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

GALLUT-FRIZEAU, Anne. Morgado de Mateus e a Edição d'Os Lusíadas. In: AGUIAR E SILVA, Vitor (org). *Dicionário de Luís de Camões*. São Paulo: Leya, 2011, p. 613-628.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, Iniciador dos Estudos Portugueses e Brasileiros. *Biblos*, Coimbra, n. 4, 1928, p. 293-323.

MITIDIERI, André Luis. *Como e porque (des)ler os clássicos da biografia*. Porto Alegre: IEL; EDIPUCRS, 2010.

MONTEIRO, Ofélia M. Caldas Paiva. *A Formação de Almeida Garrett : Experiência e Criação*. Coimbra : Inst. de Alta Cultura, 1971. 2 v.

MOREIRA, Francisco Alberto Torres. *Em torno de Filinto Elisio – Ensaio*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2011.

NORBERTO, Joaquim. Ordem do Dia. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 53, 1890, p. 474-479.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves. *A Crítica Camoniana no Século XVII*. Amadora: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

REIS, Andressa Mercedes Barbosa dos. *Zumbi: Historiografia e Imagens*. Dissertação (História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004. Disponível em: < http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2004_mest_unesp_Andressa_Mercedes_Barbosa_dos_Reis.pdf >. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em Berço Esplêndido : a Fundação de uma Literatura Nacional*. São Paulo : Siciliano, 1991.

SAID, Edward. *Orientalismo : o Oriente como Invenção do Ocidente*. Traduzido do inglês por Rosaura Eichenberg. São Paulo : Companhia das letras, 2007.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Ferdinand Denis, de Primeiras Segundas-Feiras. In: *Teorias Poéticas do Romantismo*. Tradução, seleção e notas de Luiza Lobo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 153-157.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Notice Historique et Littéraire sur J.-H. Bernardin de Saint-Pierre. In: *Paul et Virginie et la Chaumière Indienne*. Paris : L. Curmer, 1838, p. VII-LII. Disponível em : <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54558635>>. Acesso em 14 de novembro de 2012.

SANÉ, Alexandre-Marie. *Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie De Plusieurs Essais de Traduction Française Interlinéaire et de Différens Morceaux de Prose et de Poésie, Extraits des Meilleurs Classiques Portugais*. Paris: Cérioux Jeune; Nicolle; Cussac, s/d.

SANÉ, Alexandre-Marie. *Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel*. Traduites en Français, avec le Texte en Regard. Précédées d'une Notice sur l'Auteur et d'une Introduction sur la Littérature Portugaise. Avec de Notes historiques, géographiques et littéraires. Paris: Cérioux Jeune, 1808.

SIMONDE DE SISMONDI, Jean Charles Léonard. *De la littérature du midi de l'Europe*. TParis: Treuttel et Würtzz, 1829, t.4.

SOUZA-BOTELHO, José Maria de (org.). *Os Lusíadas, Poema Épico de Luís de Camões* [de acordo com a edição de 1817, In-4º]. Paris Firmin Didot, 1819.

STAËL, Germaine de. *Camoens*. In: *Biographie Universelle, Ancienne et Moderne*. T. 6. Paris : Michaud Frères, 1812, p. 618-621.

VASARI, Giorgio. *A Vida dos Artistas*. Edição de Lorenzo Torrentino. Organização de Luciano Bellosi e Aldo Rossi. Apresentação de Giovanni Previtalo. Tradução de Ivone Catilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

VICTOR, Jayme. Ferdinand Denis. *O Occidente*, Lisboa, v. XIII, n. 420, p. 187-190, ago. 1890. (mimeo)